



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
NÍVEL MESTRADO**

CLAUDIO POTYGUARA ALVES

**OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO EDUCACIONAL:
O CASO DAS OFICINAS NO COLÉGIO SANTO INÁCIO-RJ**

**SÃO LEOPOLDO
2020**

CLAUDIO POTYGUARA ALVES

**OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO EDUCACIONAL:
O CASO DAS OFICINAS NO COLÉGIO SANTO INACIO - RJ**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional – Mestrado Profissional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle

SÃO LEOPOLDO

2020

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

A474 Alves, Claudio Potyguara
Os caminhos da inovação educacional: o caso das oficinas no Colégio Santo Inácio, RJ/ Claudio Potyguara Alves. – 2020.

126 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional. Porto Alegre, 2020.

Orientadora; Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle

1. Educação – Inovação 2. Educação integral 3. Educação – Habilidades e competências I. Werle, Flávia Obino Corrêa II. Título III. O caso das oficinas no Colégio Santo Inácio, RJ.

Bibliotecária responsável: Cláudia Alcântara Tinôco Furtado – CRB-7 4806

CLAUDIO POTYGUARA ALVES

**OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO EDUCACIONAL:
O CASO DAS OFICINAS NO COLÉGIO SANTO INACIO – RJ**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Gestão
Educativa pelo Programa de Pós-
Graduação em Gestão Educacional –
Mestrado Profissional da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle
UNISINOS

Profa. Dra. Daianny Madalena Costa
UNISINOS

Profa. Dra. Cristiane Backes Welter
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por mais uma conquista alcançada.

Aos meus pais, pelas lições de ética, amor e carinho, em que sempre encontrei incentivo na difícil missão de ser professor.

À minha irmã, professora competente e companheira de luta.

À minha esposa Elizabeth, que sempre esteve ao meu lado me incentivando nos momentos difíceis.

Aos meus filhos, Laura e Eduardo, que, com a força da juventude, enchem meu coração de esperança.

À minha orientadora Profa. Flávia Obino Werle, pela paciência, dedicação e incentivo constante durante toda a caminhada.

Às professoras Dras. Daianny Madalena Costa e Cristiane Backes Welter, pelas orientações na construção desta dissertação.

À Rede Jesuíta de Educação e a equipe diretiva do Colégio Santo Inácio, por ter me concedido a oportunidade de desenvolvimento profissional e pessoal.

Aos companheiros inacianos da turma de mestrado, que, com certeza, se tornaram o melhor presente que poderia ganhar. Lembrarei com saudades os momentos que passamos juntos em São Leopoldo. As pessoas não se encontram por acaso.

Aos gestores e professores do Colégio Santo Inácio, pelo incentivo e disponibilidade em participar da pesquisa.

A todos que, de alguma maneira, participaram com ajuda e incentivos.

RESUMO

Esta pesquisa tem a finalidade de compreender os caminhos da inovação educacional com a realização do Projeto Oficinas no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro. O Projeto Oficinas foi analisado baseado nas propostas do Projeto Educativo Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação, da educação integral e das novas metodologias que se afiguram como os parâmetros educacionais do século XXI. A área de interesse surgiu pelo fato de o pesquisador, coordenador de série do Colégio, ter acompanhado desde o início o desenvolvimento do projeto. Além disso, era preciso sistematizá-lo com a finalidade de difundi-lo por toda a Rede Jesuíta de Educação. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, e os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada com os gestores e professores atuantes nas oficinas, num total de 11 profissionais, e documentos disponibilizados pela instituição, como, por exemplo, o questionário respondido por 165 alunos da 2ª série do ensino médio. Os documentos da Rede Jesuíta de Educação embasam o projeto, reiterando que o aluno deve ser o elemento central e o protagonista de toda ação educativa. A partir da análise dos resultados, concluiu-se que o Projeto Oficinas poderá ser determinante no processo de difusão de outras práticas inovadoras na escola. Mostra-se capaz de desenvolver habilidades e competências essenciais visando à formação para a cidadania global. A sistematização do Projeto Oficinas feita pela pesquisa torna-se uma intervenção na medida em que ajuda a própria escola e toda a Rede Jesuíta de Educação a analisar os caminhos de inovação percorridos pelo Colégio Santo Inácio na execução do projeto.

Palavras-chaves: inovação, educação integral, habilidades, competências.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the paths of educational innovation through the implementation of the Oficinas (workshop) Project at Colégio Santo Inácio, in Rio de Janeiro. The Oficinas Project was analyzed based on the proposals of the Common Educational Project (PEC) from the Jesuit Education Network, of the integral education and of the new methodologies that appear as the educational parameters of the 21st century. The area of interest arose from the fact that the researcher, who is a grade coordinator at the High School, followed the entire development of the project, since its beginning. In addition, it was necessary to systematize the project in order to disseminate it throughout the Jesuit Education Network. The research had a qualitative approach, and the instrument used was a semi-structured interview with managers and teachers working in the Oficinas, comprising 11 professionals in total. The Jesuit Education Network documents analyzed substantiate the project, reaffirming that the student must be the central element and the protagonist of the educational action. By analyzing the results, the conclusion was that the Oficinas Project was decisive in the process of disseminating other innovative practices in the school. It proved capable of developing essential skills and competences for global citizenship. The systematization of the Oficinas Project carried out by the research becomes an intervention since it helps the school itself and the entire Jesuit Education Network to analyze the innovation paths taken by Colégio Santo Inácio in the execution of this Project.

Key words: innovation, integral education, skills, competences.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM	Banco Mundial
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
COP-17	17ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas
COP-21	21ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas
CIEP	Centro Integrado de Ensino Público
DT	Design Thinking
ECO-92	Conferências das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente
ECG	Educação para a Cidadania Global
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMPRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FLACSI	Federação Latino-americana dos Colégios da Companhia de Jesus
GEOLAB	Laboratório de Geociências
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
JESUSDU	Congresso Internacional de Delegados de Educação da Companhia de Jesus
IoT	Internet das Coisas
LEED	Leadership in Energy and Environmental Design
MEC	Ministério da Educação
PEC	Projeto Educativo Comum
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PPI	Projeto Pedagógico Inaciano
PEA	Programa de Escolas Associadas da UNESCO
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
RJE	Rede Jesuíta de Educação
STEM	Science Teechnology Engineering and Mathematics
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro de entrevistados.....	52
Quadro 2 – Proposta de análise de dados	54
Quadro 3 – Os quatro pilares para educação no século XXI.....	57
Quadro 4 – Oficinas oferecidas no ano de 2017.....	59
Quadro 5 – Oficinas oferecidas no ano de 2018.....	59
Quadro 6 – Oficinas oferecidas no ano de 2019.....	60
Quadro 7 – Componentes de fluência de leitura.....	64
Quadro 8 – Resumo dos cinco cânones da retórica.....	66
Quadro 9 – Plano de aprendizagem da oficina de discurso.....	69
Quadro 10 – Plano de aprendizagem da oficina de debate.....	72
Quadro 11 – Organograma proposto pelo planejamento estratégico.....	92
Quadro 12 – Organograma das Oficinas oferecidas no ano de 2020.....	93
Quadro 13 – Informações referentes ao grupo de professores entrevistados.....	111
Quadro 14 – Respostas dos alunos ao questionário aplicado	113
Quadro 15 – Respostas dos alunos ao questionário aplicado.....	115
Quadro 16 – Respostas dos alunos ao questionário aplicado.....	116

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.2	OBJETIVO GERAL.....	18
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
1.4	UM POUCO DE MIM – MINHA TRAJETÓRIA, MINHA IDENTIDADE.....	19
2	APRESENTANDO A PESQUISA	24
3	INOVAÇÃO EDUCACIONAL – PERSPECTIVAS E DESAFIOS	26
4	AS OFICINAS E OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL	35
5	METODOLOGIAS DE PESQUISA	47
5.1	TRANSCRIÇÃO DE DADOS.....	53
5.2	ANÁLISES DOS DADOS	53
6	AS OFICINAS – UM CAMINHO PARA INOVAÇÃO	56
6.1	OFICINAS DE LINGUAGEM.....	61
6.1.1	A Oficina de Leitura - 9º ano/EF	64
6.1.2	A Oficina de Discurso – 1ª série/EM.....	66
6.1.3	A Oficina de Debate - 2ª série/EM:.....	70
6.2	A OFICINA DE SUSTENTABILIDADE.....	74
6.3	A OFICINA DE STEM.....	79
6.3.1	Design Thinking e a Oficina de STEM - aplicação de uma abordagem pedagógica.....	85
6.4	A OFICINA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	86
6.4.1	Agência de Comunicação e Memória – 2ª série/EM	88
7	PERSPECTIVAS DE FUTURO DO PROJETO OFICINAS	91
8	O PROJETO OFICINAS COMO INOVAÇÃO EDUCACIONAL	98
8.2	OS PROFESSORES DAS OFICINAS – SUA IMPORTÂNCIA E O CAMINHO PERCORRIDO.....	109
8.3	OS ALUNOS E O PROJETO OFICINAS – OPINIÕES, DESEJOS E EXPECTATIVAS.....	112
9	POSSÍVEIS INTERVENÇÕES	118
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
	APÊNDICE 1 - CARTA DE ANUÊNCIA	131

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	132
---	------------

1 INTRODUÇÃO

“Uma comunidade que é levada a julgar que seu próprio colégio não necessita de mudanças, está ameaçando, a prazo fixo, a agonia do próprio colégio. É questão de uma geração. Por mais doloroso que seja, é mister podar a árvore para que recobre as forças.” (ARRUPE, 1988, p.25)

No cenário atual em que se vive, o tema inovação se constitui como um desafio no âmbito da reflexão e investigação educacional. Tal cenário ocorre devido à urgência em transformar os espaços escolares e as práticas educativas, visando a uma educação voltada para as exigências do século XXI. A educação atual exige mudanças urgentes. É necessário que as escolas acompanhem e se adaptem às novas necessidades exigidas pela sociedade do conhecimento, inovando suas metodologias e currículos.

Em pleno século XXI, as tecnologias avançam em uma velocidade espantosa. O que aprendemos hoje pode não ter importância num futuro próximo. Assim o foco da aprendizagem deve estar ligado a competências e habilidades que ajudem a formar pessoas capazes de aprender a conhecer, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser. (DELORS, 1999).

Assim, diante da preocupação com a qualidade das escolas jesuítas, e com o objetivo de manter a sólida tradição educativa, o PEC¹ – Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus, lançado em 2016, tem mobilizado toda a comunidade educacional, com diretrizes de mudanças em larga escala renovando e apontando os caminhos que devem seguir os Colégios da Rede Jesuíta de Educação para que mantenham a qualidade de ensino diante do cenário complexo em que vivemos.

Portanto, a presente dissertação de mestrado profissional propõe-se a analisar e compreender a introdução das Oficinas de LINGUAGEM, SUSTENTABILIDADE, STEM E PRODUÇÃO ARTÍSTICA, através do PROJETO OFICINAS, dentro do currículo do 9º ano do ensino fundamental 2 e 1ª e 2ª séries do Ensino Médio no Colégio Santo Inácio – RJ. Cabe aqui ressaltar que existem poucos registros do Colégio sobre as oficinas e seus objetivos. Por outro lado, também não

¹ O Projeto Educativo Comum (PEC) é o documento norteador e inspirador das práticas pedagógicas nas instituições de Educação Básica da Rede Jesuíta de Educação (RJE), tendo como focos a aprendizagem integral e a excelência humana e acadêmica dos estudantes. Lançado em agosto de 2016, o PEC é o resultado de uma ampla e intensa troca de saberes entre mais de 2.000 profissionais da Rede, que trabalharam durante dois anos através de estudo, seminários e reuniões presenciais e virtuais. O documento evidencia a preocupação da RJE e da Companhia de Jesus em formar pessoas capazes de responder às demandas da vida e do mundo com inovação, criatividade, responsabilidade e respeito à Casa Comum.

há um acompanhamento sistemático do conjunto do projeto afim de que se identifiquem eixos plenamente inovadores. As experiências vividas na rotina das aulas, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos, é outro contexto pouco analisado pela escola.

O Colégio Santo Inácio - RJ, pertencente à Rede Jesuíta de Educação, tem como missão “promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos e como visão ser um centro inovador de aprendizagem integral, que educa para a cidadania global, com uma gestão colaborativa e sustentável”². Tudo no Colégio, o que acontece dentro e fora das salas de aula, deve orientar-se para a consecução desse objetivo.

O Colégio está localizado na zona sul do Rio de Janeiro no bairro de Botafogo. A escola completou 116 anos, mantendo-se como uma referência de ensino de qualidade na cidade. Conta com aproximadamente 3500 alunos do 1º ano do Ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, e mais 1000 alunos atendidos no curso noturno, totalmente gratuito, que oferece educação de jovens e adultos/EJA e educação profissional. É importante ressaltar que aproximadamente 80% dos alunos do diurno completam toda a educação básica no Colégio. A clientela atendida é na maioria oriunda das classes A e B. Já no curso noturno, a clientela é oriunda das classes C e D.

No último resultado do IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (2017), indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou Saeb) – obtido pelos estudantes ao final das etapas de ensino (5ª e 9ª séries do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio) – com informações sobre rendimento escolar, o Colégio Santo Inácio ficou entre as vinte melhores escolas do país.

Mesmo diante de um cenário tão favorável, o momento atual, marcado pelas inconstâncias e incertezas, tem lançado desafios e obrigado os envolvidos com a escola como instituição de natureza tradicional e complexa a estarem atentos às ameaças e oportunidades do mercado e às novas demandas, tendo em vista as frequentes transformações por que passa a educação básica.

Mais do que nunca, olhar com cuidado e ambição para o futuro que chega cada vez mais rápido e com mudanças cada vez mais profundas é fundamental para

² Disponível em www.santoinacio-rio.com.br. Acesso em 4/11/2019

garantir a eficácia das nossas escolas. A tradição e os valores de uma instituição jesuíta, que por muito tempo foram sinônimos de qualidade, não são mais garantias de sobrevivência.

Assim, é papel dos Colégios Jesuítas atenderem às demandas do mundo contemporâneo, que exige crescentemente um novo modelo de escola para dar conta das demandas do trabalho no século XXI e instituições que formem pessoas qualificadas para suprir tais solicitações. Segundo Lück (2009), as escolas precisam rever e melhorar continuamente o seu currículo, os seus processos educacionais e a forma como se organizam e funcionam para oferecer o melhor trabalho a seus alunos.

Com o estabelecimento das políticas neoliberais no Brasil a partir do início dos anos 1980, o mercado educacional vem se transformando rapidamente. Percebe-se que o Estado deixa aos poucos de ser o responsável pelas políticas públicas, valorizando o mercado e o setor privado como prestadores de serviços sociais eficientes. Assim, o cenário educacional tornou-se favorável ao ingresso de forma mais contundente de grandes grupos econômicos que, percebendo a grandeza inesgotável de um mercado emergente e atrativo que cresce a cada dia, e na ambição de conquistar os vastos investimentos feitos pelo Estado e pelas famílias, esses novos investidores privados passaram a apostar fortemente na educação básica. Segundo Akkari (2011, p.50):

Não é por acaso que a Educação se constitui um dos alvos prioritários na economia de mercado. A escola, grande mercado do século XXI, parece estar, há alguns anos, na mira do setor privado. Os bilhões de dólares gastos anualmente pelos Estados e pelas famílias instigam o interesse. Trata-se de um mercado garantido e inesgotável.

Todo esse avanço empresarial na educação está apoiado e financiado pelas políticas educacionais formuladas por organismos internacionais como o Banco Mundial (BM) e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Essas políticas caracterizam-se pela imposição de uma lógica de mercado que transfere as metodologias empresariais para o setor educacional. Por um lado, se isso significou um avanço, em certos aspectos, principalmente em relação à profissionalização dos processos de gestão das escolas, por outro causou certo desconforto nas correntes mais progressistas que acreditam que a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua

semelhança, influenciando os currículos e a concepção de escola. Sobre as novas políticas educacionais, Libâneo (2005, p.21) afirma:

Destaca-se no contexto social contemporâneo a contradição entre a pobreza de muitos e a riqueza de poucos, entre a lógica da gestão empresarial e as lógicas da inclusão social, ampliando as formas explícitas e ocultas de exclusão. As escolas e as salas de aula têm contribuído pouco para a superação dessas contradições, especialmente estão falhando em sua missão primordial de promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos, corrente aparentemente bem-intencionada como a eliminação da organização curricular em séries, a promoção automática, a integração de alunos portadores de necessidades especiais, a flexibilização da avaliação escolar, a transformação da escola em mero espaço de vivência de experiências socioculturais.

Dentro desse cenário, a atual política educacional brasileira, que entrelaça educação e mercado, vem sofrendo fortes críticas de setores da sociedade que entendem que todo o esforço em prol da educação visa apenas formar mão de obra e consumidores, sob as mesmas regras das empresas com fins lucrativos, destituindo a possibilidade de desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Dessa forma, segundo Libâneo (2014, p.1):

Suspeita-se que o estreito vínculo das políticas educacionais brasileiras com as propostas educacionais dos organismos multilaterais venha provocando decisões bastante ambíguas por parte dos governos e dos órgãos oficiais que cuidam do sistema educacional (federais, estaduais e municipais) em relação ao funcionamento do ensino público nos seus aspectos organizacionais, curriculares e pedagógicos, com prejuízo inestimável aos interesses das chamadas classes populares.

Sobre o mesmo assunto, Nóvoa (2009, p.64) afirma:

Um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma escola a “duas velocidades”: por um lado, uma escola concebida essencialmente como um centro de acolhimento social, para os pobres, com uma forte retórica da cidadania e da participação. Por outro lado, uma escola claramente centrada na aprendizagem e nas tecnologias, destinada a formar os filhos dos ricos.

Assim, dentro desse cenário de descrédito da escola pública, o investimento na educação básica tornou-se prioridade para o mercado empresarial. Vários grupos têm adquirido escolas particulares tradicionais por todo o país, formando verdadeiros conglomerados educacionais. As escolas particulares, que durante anos foram administradas ou pelas igrejas e associações ou por grupos familiares, muitas vezes

não conseguem resistir à investida de grupos empresariais com alto poder de investimento.

Dentro dessa perspectiva, surgem novas escolas, voltadas para as elites, altamente equipadas com tecnologia de ponta, espaços criativos e aprendizagem baseada em projetos. Não se discute aqui os fins educacionais dessas escolas, que com certeza visam formar os novos líderes das elites empresariais, e sim o impacto que podem causar no mercado educacional.

Portanto, nesse cenário de organismos internacionais influentes, e com o surgimento de grandes grupos empresariais investindo na educação básica, as grandes escolas tradicionais começam a se preocupar com sua sustentabilidade financeira.

Sendo assim, o Colégio Santo Inácio obriga-se a ficar atento às mudanças e inovações educacionais sem, com isso, afastar-se dos princípios e objetivos sociais que justificam o seu papel na sociedade, que é formar pessoas que se destacam pela excelência acadêmica, baseada numa formação integral que leve o aluno a intervir e participar autonomamente na sociedade.

Não se pode desconsiderar o ambiente competitivo em que hoje se vive, no qual a conquista e a manutenção de mercado são consideradas como base de desenvolvimento e crescimento das organizações. Outro aspecto a destacar é a importância de situar a escola em uma posição vantajosa em seu nicho.

De acordo com o PEC, há enormes desafios que se devem enfrentar, entre eles, a desigualdade social, a sustentabilidade ambiental, a sociedade da informação e um mercado cada vez mais competitivo. É característica da Companhia de Jesus, a cada tempo, rever seus conceitos para responder aos desafios da sociedade.

Como forma de enfrentar as desigualdades sociais, ressalta-se novamente o caso do curso noturno do Colégio Santo Inácio que atende aproximadamente 1000 alunos de forma totalmente gratuita, oferecendo cursos profissionalizantes e educação de jovens e adultos/EJA. Além do mais, os alunos do diurno, de forma voluntária, ajudam os alunos do noturno participando de monitorias.

Contando com a sólida tradição educativa da Companhia de Jesus e buscando estratégias de interação e construção que sejam mais atraentes à aprendizagem, o PEC estabelece metas para os próximos anos para todas as escolas da Rede Jesuíta. A esse respeito o documento propõe:

O PEC não quer mais do mesmo. Faz necessário superar os modelos lineares pautados somente no ensino. Nesta perspectiva se busca organizar os espaços e tempos escolares com novas e criativas perspectivas de aprendizagem. É meta, para os próximos anos, colocarmos o aluno no centro do processo educativo, buscando um currículo que faça sentido e dê sabor a suas vidas. Buscamos em 2020, ser uma rede de “Centros de Aprendizagem”, onde a excelência acadêmica seja fruto da construção coletiva do conhecimento, com um currículo integrado e integrador que resulte em vidas transformadas para o bem de uma nova sociedade. (PEC, 2016, p.14).

Observa-se que o próprio PEC acentua a importância de se criarem novas e criativas perspectivas de aprendizagens, estabelecendo inclusive prazo para que as escolas jesuítas tornem-se “Centros de Aprendizagem”.

Além disso, o PEC reconhece que o atual modelo de ensino não mais responde ao que se propõe como Rede. O documento PEC (2016, p. 15) afirma que:

Percebemos professores cansados e desanimados, embora empenhados, alunos que amam seus colégios, mas se encontram desencantados com o lugar sagrado da aprendizagem, ainda muito restrito às quatro paredes da sala de aula.

Diante do desencanto com a sala de aula, surgem pesquisas que procuram identificar o desejo dos alunos em relação a uma escola inovadora e mais atraente. O Instituto INSPIRARE³ junto com o portal PORVIR, no ano de 2016, apresentou o documento chamado NOSSA ESCOLA EM RECONSTRUÇÃO, no qual apresenta resultados de uma pesquisa que entrevistou aproximadamente 132 mil jovens, de 13 a 21 anos, de todas as regiões do Brasil buscando identificar as características da escola em que os jovens querem estudar. O relatório final destaca o que seria uma escola inovadora para os alunos. Segundo o documento, a expectativa dos jovens é que a escola inovadora mantenha o foco da escola tradicional: preparar para o Enem e o vestibular e para o mercado de trabalho. Já os conteúdos devem mudar. Os mais comuns, como matemática, ciências humanas, português e ciências da natureza, perdem espaço para os ligados à tecnologia e às habilidades de relacionamento. O currículo deve contemplar algumas disciplinas elegíveis e outras obrigatórias. Usar a tecnologia é o jeito preferido para aprender na escola inovadora, que também precisa ter atividades práticas ou resolução de problemas. Os recursos

³ O Instituto Inspirare tem como objetivo principal a Educação Integral Inovadora, que tem o propósito de promover o desenvolvimento do estudante em todas as dimensões (intelectual, emocional, social, física e cultural), respeitando as suas características, interesses e necessidades e preparando-os para a vida no século 21. Disponível em: <http://www.inspirare.org.br/>. Acesso em 13/01/2020

educacionais devem ser diversificados, com preferência por projetos, pesquisas na internet e robótica.

Desse modo, este trabalho, **OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O CASO DAS OFICINAS NO COLÉGIO SANTO INÁCIO - RJ**, é uma iniciativa de análise de uma proposta de inovação curricular baseado nos pressupostos apresentados pelo PEC, com novas ferramentas tecnológicas e novas metodologias que se afiguram como os parâmetros educacionais do século XXI.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Esta pesquisa é orientada pela seguinte questão: afinal, como conceber uma escola mais atraente para os alunos? Como introduzir e desenvolver inovação dentro da escola?

Provocado pelos novos tempos, fazer da escola um ambiente mais atrativo para os alunos é um desafio que move as escolas da Rede Jesuíta de Educação. Buscando caminhos que levem a esse objetivo, a inovação é o foco desta pesquisa quando analisa o Projeto Oficinas oferecido. Sabe-se que as oficinas representam apenas um pequeno passo no sentido de inovar metodologias e espaços educativos no Colégio Santo Inácio, mas com certeza é o maior já dado.

Foi nesse contexto que o Projeto Oficinas foi pensado. Portanto, é importante refletir-se sobre a proposta das Oficinas, ajudando o entendimento pelos professores e toda a comunidade educativa sobre o projeto implementado pelo Colégio.

Salienta-se também que, tratando-se de uma escola jesuíta, o estudo reflete sobre o modo de inovar inaciano inspirado nos documentos da Companhia de Jesus.

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar os caminhos que levaram o Colégio a ofertar o Projeto Oficinas e sua importância como inovação curricular, baseadas nos pressupostos apresentados pelo PEC e as novas metodologias que se afiguram como parâmetros educacionais do século XXI.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever o Projeto Oficinas;
- b) Analisar o modelo de oficinas oferecidas, verificando sua articulação com o PEC;
- c) Identificar a percepção dos professores ministrantes das oficinas discutindo o valor do projeto quanto ao desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da capacidade de trabalho em equipe, do desenvolvimento da reflexão, da argumentação;
- d) Identificar a percepção de coordenadores e Direção quanto à motivação para a criação das oficinas;
- e) Compreender o modelo de inovação implantado, oferecendo à Rede Jesuíta a análise do Projeto Oficinas, evidenciando sua importância como inovação educacional.

Para alcançar tais objetivos, a abordagem escolhida foi a qualitativa. A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os caminhos que levaram o Colégio a ofertar o Projeto Oficinas e sua importância como inovação curricular, baseada nos pressupostos apresentados pelo PEC e nas novas metodologias que se afiguram como parâmetros educacionais do século XXI. Além disso, foi importante analisar a percepção e a apreciação dos professores ministrantes, através de entrevistas semiestruturadas, quanto ao papel das oficinas frente ao desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da capacidade de trabalho em equipe, do desenvolvimento da reflexão, da argumentação e da formação integral.

1.4 UM POUCO DE MIM – MINHA TRAJETÓRIA, MINHA IDENTIDADE.

Pretendo neste capítulo apresentar de forma cronológica a minha vida acadêmica e profissional, estreitamente ligada à atividade pedagógica. Olhar para minha trajetória me faz refletir e entender todo o processo que me constituiu como pessoa e profissional.

Na minha infância, as crianças ingressavam na escola quando alcançavam os seis anos de idade. A pré-escola era instituição rara, vista como desnecessária. No máximo, restringiam-se a alguns jardins de infância no bairro, ou pré-primário, sem grandes compromissos pedagógicos.

A criança com menor idade ainda era vista como despreparada para a vida escolar. A sociabilidade limitava-se ao espaço de brincadeiras, basicamente jogos de bola e tabuleiro.

Como também comum à época, ingressei na escola pública e lá cursei os anos iniciais do ensino fundamental, até os 10 anos. A partir de então, concluí o fundamental e médio em estabelecimento particular católico, o que imprimiu forte marca no meu caráter e nas minhas ações.

Chamado ao primeiro compromisso decisório, ainda adolescente, de escolher carreira profissional, agi de forma impulsiva, levado pelas perspectivas de alcance de êxito financeiro e prestígio social. Indivíduo tímido, de comportamento dócil, que na escola sempre manteve bom aproveitamento em matemática, entendi que meu futuro estaria no curso de engenharia, no qual ingressei, na PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica da cidade do Rio de Janeiro.

A vida, porém, nem sempre funciona como planejado, sobretudo se as decisões são tomadas em momento de vida tão prematuro e instável. À medida que cursava engenharia, também avançava como indivíduo que desenvolvia habilidades e competências para observar o mundo. Também me liberava para repensar minhas posições diante de outras profissões, no que percebi que me afastava da escolha mais confortável que fizera.

Posso identificar como ponto de viragem nas minhas escolhas profissionais o momento casual, sem qualquer pretensão, de visita que realizei à Faculdade de Educação Física, que cursava minha irmã, hoje também professora da área.

O impacto proveio da oportunidade que ali se apresentava que era a de encarar a atividade física como ciência e filosofia. Algo que não uma mera recreação, tal como encarava desde a infância, mas disciplina de rigor a ser também estudada e transmitida. Ali percebi que deveria recomeçar meu projeto de vida e que também estaria vocacionado para o magistério. Assim, preparei meu ingresso no curso de Educação Física da UFRJ, por aprovação em concurso no ano de 1980.

Durante o curso de Educação Física, sempre me identifiquei com as disciplinas ligadas à pedagogia e aos poucos fui sendo seduzido pelas teorias de Jean Piaget e Lev Vygotsky, pelo aspecto social da pedagogia de Paulo Freire e pelos professores que tanto me ajudaram a descobrir que era possível educar através do esporte. Foi um momento de muitas novidades e também de muito empenho, através das leituras, discussões e ricos encontros com colegas de

faculdade. Frequentei cursos, seminários e palestras, estagiei em clubes ministrando aulas de nataçãõ e vôlei e, ao final do curso, descobri os verdadeiros sentido e significado de ser professor.

No ano de 1986, dois anos após a minha formatura, passei no concurso para professor do município do Rio de Janeiro. Em 1988, prestei novo concurso e novamente fui aprovado.

Minha primeira escola no município, na qual trabalhei durante trinta anos (1986-2017) foi outro momento marcante da minha vida profissional. Designado para um Ciep⁴- Centro Integrado de Educação Pública, escola idealizada pelo Prof. Darcy Ribeiro, então vice-governador do Estado do Rio de Janeiro e encarregado da política educacional. O projeto dos Cieps foi uma mudança radical na perspectiva de uma escola pública, nos planos espacial, temporal e curricular. A experiência de uma escola integral, como eixo de construção de uma realidade social e política mais justa, democrática e humana.

No Ciep, durante dez anos, exerci a função de coordenador de Educação Física, o que muito me ajudou a acompanhar de perto, através de reuniões quinzenais com outros coordenadores, toda a filosofia e a implantação do sistema.

Em 1992, ingressei no Colégio Santo Inácio - Rio como professor de Educação Física. Embora com orientação sólida e independente, percebi que a perspectiva de ambas as experiências de meu cotidiano, a pública e a privada, convergiam para o mesmo espírito, embora por caminhos diversos - alcançar a formação integral dos indivíduos. Com a frustração, no plano municipal, pela descontinuidade progressiva do modelo dos Cieps, transformado em escola regular, concentrei minhas reflexões intelectuais na agenda pedagógica do Santo Inácio, que mantinha reuniões semanais, integradas na carga horária de todos os professores, sob a forma de plenárias e grupos, para a disseminação do Projeto Pedagógico Inaciano - o PPI.

As reuniões do PPI, existentes até hoje, mas com propósitos complementares, tornaram-se célebres pelo seu caráter de fórum de discussões em torno das correntes pedagógicas e filosóficas da educação.

No ano de 1998, fui convidado pela Direção do Colégio a participar da primeira turma do curso de pós-graduação, em convênio com a PUC-Rio, sob o

⁴ Os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), popularmente apelidados de Brizolões, foram um projeto educacional de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro, que os considerava uma revolução na educação pública do País.

tema Educação: Currículo e Prática Educativa. Foi um período de muito estudo e ampliação de minha visão sobre a escola, o professor, o contexto das práticas político-pedagógicas e as relações sociais. Além disso, contribuiu para o aprofundamento de meus conhecimentos sobre os fundamentos da educação jesuítica, em especial para a sua tenaz convicção da necessidade de se alcançar uma educação integral.

No ano de 2009, por iniciativa pessoal, ingressei no curso de pós-graduação em Educação Física Escolar, na Universidade Gama Filho, com ênfase na reflexão sobre as tendências pedagógicas da Educação Física no Brasil.

O ano de 2011 foi outro marco em minha vida profissional. Após vinte anos como professor de Educação Física, a Direção do Colégio Santo Inácio indicou-me para o cargo de coordenador de séries de ensino médio. A aceitação provocou sensações múltiplas. Imediatamente a honra pelo reconhecimento, seguida pela ansiedade e pela insegurança diante do novo. Às alegrias e incertezas, sucedeu a convicção de que era a oportunidade de observar a dinâmica da escola sob uma perspectiva totalizante, para além da minha disciplina e seu respectivo espaço, visão esta que somente alcançava de forma teórica e abstrata, por intermédio de cursos e reflexões.

Hoje, motivado pelo cargo de gestão que continuo a exercer, aos vinte e seis anos de Colégio, dos quais sete no exercício de Coordenação percebo, como todos, o peso dos tempos, mas mantenho meu espírito renovado, percebendo de que tomei a decisão certa em escolher a carreira do magistério. Devo reconhecer que tive a oportunidade de ter uma vida profissional atuante em experiências ímpares da educação brasileira. No setor público, não teve continuidade, mas deixou um legado. No setor privado, ao contrário, se mantém rico e atuante, reforçado pelas novas diretivas da Companhia de Jesus para a sua rede de escolas.

Resgatando minha trajetória como professor, percebo o privilégio de ter participado de um momento tão inovador na educação brasileira como o projeto dos Cieps. Uma escola de tempo integral com médico, dentistas, três refeições diárias, um ginásio com quadra, arquibancada e vestiário, uma biblioteca e aposentos para alunos que residiam no colégio, tudo isso oferecido para as classes menos favorecidas. Trabalhar no Ciep me fez acreditar que a educação é o único caminho para uma sociedade mais justa. O projeto que poderia ter mudado a educação no estado do Rio de Janeiro e no Brasil foi um sonho de uma geração de educadores

da qual fiz parte. O sonho acabou, o projeto nunca conseguiu impor sua filosofia por completo. Acusado de ser eleitoreiro, jamais teve apoio de toda sociedade.

Hoje, já aposentado como professor do município do Rio de Janeiro, volto novamente aos meus estudos para acompanhar outro projeto inovador, que são as oficinas oferecidas no currículo do 9º ano do ensino fundamental e 1º e 2º séries do ensino médio no Colégio Santo Inácio-RJ.

Acredito que toda a minha formação humana e acadêmica, construída através das experiências vividas tanto na rede pública quanto na privada junto com o meu atual trabalho de coordenador de série, deixa-me num ponto privilegiado de análise e acompanhamento da prática educativa do Colégio Santo Inácio.

Portanto, acreditamos que essa pesquisa possa ajudar a sistematizar o projeto de inovação apresentado pelo Colégio Santo Inácio que, sendo ainda novo, precisa ser refletido, proporcionando a toda comunidade educativa o entendimento do que se trata o projeto. Acredita-se também que a análise dessa proposta possa servir como forma de difundir por toda a Rede de escolas jesuítas as ideias de inovação propostas.

2 APRESENTANDO A PESQUISA

A inovação educacional é o foco deste trabalho de pesquisa. O Projeto Oficinas nasce do desafio imposto às escolas no sentido de inovar suas práticas educativas num mundo onde a informação e o conhecimento acelerado transformam a sociedade.

Segundo Carbonell (2001, p.16), inovação é:

Uma série de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. E, por sua vez, introduzir, em uma linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos didáticos e outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe.

No entanto, o próprio autor, Carbonell (2001, p.16), destaca que essa definição está condicionada “pela ideologia, pelas relações de poder no controle do conhecimento, pelos contextos socioculturais e pelas conjunturas econômicas e políticas”, tendo, portanto, diversas interpretações. Assim, questionamos nessa pesquisa um modo, uma característica própria de como a educação jesuíta concebe a inovação. O que os documentos da rede jesuíta de educação trazem sobre o modo de inovar inaciano?

Dessa forma, acreditamos que a pesquisa possa contribuir com a rede jesuíta de educação uma vez que analisa e sistematiza o Projeto Oficinas dando a oportunidade a outros colégios de debater, contribuir e acrescentar novas ideias.

Do mesmo modo, debruçar-se sobre as questões da inovação educacional pesquisando sobre o projeto que já ocorre na escola, pode contribuir no sentido de envolver todo corpo docente na busca por novas metodologias inovadoras. Assim, é pertinente observarmos como a concepção de educação integral jesuíta faz parte do Projeto Oficinas.

No capítulo 2 apresenta-se o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

O capítulo 3 tem como objetivo demonstrar a importância que a inovação educacional alcançou na sociedade e os desafios encontrados pelas escolas para sua implementação. Analisa a situação em que se encontram as escolas perante o avanço tecnológico e os problemas contemporâneos. Nesse capítulo, evidencia-se a constante busca da Rede Jesuíta de Educação de se manter, ao mesmo tempo,

tradicional e inovadora. Analisa também os termos inovação, modernização e mudança através da visão de vários autores.

O capítulo 4 trata brevemente dos caminhos da educação integral no Brasil e sua influência nas políticas educacionais brasileiras, mostrando a história de alguns projetos inovadores como as Escolas Parque de Anísio Teixeira e os Cieps de Darcy Ribeiro. O capítulo aborda a proposta educacional da Companhia de Jesus e a contribuição das oficinas para a formação integral

O capítulo 5 mostra a metodologia aplicada na pesquisa com os caminhos seguidos para analisar e sistematizar o Projeto Oficinas. Apresenta os motivos que levaram o pesquisador a escolher a pesquisa qualitativa e a entrevista semiestruturada como forma de compreender a implantação do Projeto Oficinas.

O capítulo 6 descreve e analisa o Projeto Oficinas desde a sua criação, passando pelas mudanças e adaptações ocorridas. Analisa a importância do PEC como motivador da implantação de novas e modernas metodologias. Examina as quatro oficinas, sistematizando os objetivos e descrevendo o discurso dos entrevistados envolvidos no Projeto.

O capítulo 7 apresenta as mudanças ocorridas no Projeto Oficinas e as perspectivas de futuro. Apresenta ainda o novo organograma proposto pelo planejamento estratégico do Colégio, analisando os três eixos de inovação pretendidos. Destaca a educação para a cidadania global e a relação com a educação jesuíta.

O capítulo 8 apresenta o Projeto Oficinas como inovação educacional, relacionando cada oficina com os princípios promulgados pelo PEC e a educação integral pretendida pela Rede Jesuíta de Educação. Analisa o discurso dos entrevistados, buscando compreender como cada Oficina se aproxima das propostas do PEC. Descreve a trajetória percorrida pelo Colégio na busca de professores qualificados para trabalhar nas oficinas e apresenta e analisa pesquisa realizada com os alunos sobre o Projeto Oficinas.

O capítulo 9 apresenta as propostas de intervenção e o capítulo 10 as considerações finais.

3 INOVAÇÃO EDUCACIONAL – PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Alguns momentos da história apresentam a sociedade diante de desafios iminentes. A escola de hoje, concebida no século XIX, não mais responde às questões do mundo contemporâneo. Sabe-se que o aprendizado ocorre em todos os lugares – na sala de aula e no mundo que nos rodeia. Além disso, a facilidade de acesso às informações através da internet e das mídias digitais vem transformando em ritmo acelerado a sociedade, tornando os conhecimentos cada vez mais efêmeros, pois o que hoje é tido como inquestionável pode ser superado em poucos anos ou mesmo em poucos meses. Dessa forma, o termo inovação educacional surge em um momento de incertezas onde o futuro torna-se cada vez mais imprevisível. Desse modo, a escola precisa repensar o seu sentido oferecendo uma educação que desenvolva o pensamento reflexivo em que o aluno busque soluções para os problemas apresentados, possibilitando assim uma participação mais ativa na aprendizagem.

Mas o que seria inovação educacional hoje? A certeza que se tem é que o modelo atual de escola não mais atende à sociedade contemporânea. Nos últimos anos, houve um avanço das tecnologias de informação que estão cada vez mais presentes em nossas vidas. Essa nova realidade social nos impõe transformar o ambiente escolar.

Segundo Nóvoa (1999), a inovação educacional deve estar centrada na escola, independente das reformas estruturais do sistema educativo. Segundo o autor, “Hoje, parece evidente que é justamente no contexto da organização escolar que as inovações educacionais podem implantar-se e desenvolver-se”. Assim, é na escola que se criará o clima favorável para que a inovação aconteça, valorizando-se iniciativas de mudança.

Impactadas pelas questões que lhes impõem mudanças, a escola necessita preparar os jovens para as profissões do futuro, que na verdade nem se sabe direito quais serão, mas, com certeza, exigirão muito conhecimento e uma capacidade imensa para refletir, conviver e propor soluções criativas. Para isso é preciso inovar, pensar em novas metodologias de aprendizagem, pensar numa escola que motive o aluno e o coloque como protagonista na aquisição do seu conhecimento. Além disso, não mais se admite o modelo de sala de aula que foi fundado no final do

século XIX. É preciso pensar em novos espaços educativos que contemplem principalmente o uso das novas tecnologias de informação.

Segundo Saviani (1995) diz-se que algo (um método, uma experiência educativa) é inovadora porque se opõe ao tradicional, isso significa dizer que ao invés de se centrar no educador, no intelecto, no conhecimento, centra-se no educando, na vida, na atividade (ação). Vale lembrar que na análise de Saviani (1995) para se inovar é preciso partir do questionamento das finalidades da experiência educacional, ou seja, pôr a experiência educacional a serviço de novas finalidades. Desse modo, inovação educacional pode ser entendida como um meio de transformar as instituições escolares buscando respostas aos desafios contemporâneos.

A escola hoje se encontra numa encruzilhada, velhas certezas já não respondem aos anseios da juventude. Sibilia (2012, p. 13) quando se refere à escola de hoje afirma: “[...] a escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI”. Nesse contexto, o tema da inovação, quando chega os bancos escolares, visa ocupar o lugar das antigas formas de ensino, que não estariam mais atendendo às demandas da educação.

Segundo Harari (2018, p.319) “atualmente é enorme a quantidade de escolas que se concentram em abarrotar os estudantes de informação, porém necessitariam passar a ensinar – pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade.” Da mesma forma Moran (2012) afirma que a educação de qualidade, além de ensinar a pensar, pode ensinar a viver. Em muitos casos, a escola não está conseguindo ajudar a pensar crítica e autonomamente; muito menos a preparar pessoas criativas e empreendedoras. Ainda segundo o autor, a escola precisa mudar para encantar e abrir os horizontes de crianças e jovens, a fim de que evoluam sempre, transformem suas vidas e a sociedade em que vivem.

Olhando para a realidade do Colégio Santo Inácio que recebe alunos com um nível social e cultural elevado, com acesso a toda uma série de veículos e formas atualizadas de comunicação, o que interfere diretamente dentro da escola, não é mais possível não pensar em novos espaços inovadores de aprendizagem. É imprescindível que a escola crie formas de atrair essa geração de jovens que precisam ser provocados a desenvolver suas diversas habilidades.

Segundo Moran (2012, p.11), entre os maiores desafios enfrentados ao longo dos tempos pela humanidade, ensinar e aprender ainda são os maiores, especialmente agora em que o avanço tecnológico pressiona a escola a procurar novos modelos de gestão da informação e do conhecimento, o autor questiona, “para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada”?

Desde os primórdios, a Companhia de Jesus se distingue pela coragem e pela ousadia em empreender. Atravessou os tempos mantendo-se, conjuntamente, tradicional e inovadora. Todos os documentos elaborados pela Companhia de Jesus mostram uma inquietude, uma constante busca pelo melhor sem perder suas tradições e raízes. Fazer coisas antigas de um jeito novo é característica de uma gestão jesuítica.

De acordo com o dicionário Aurélio (2009, p.541), a origem da palavra tradição vem do latim *traditio onis*, e significa "ato de entregar", algo que é transmitido para a geração seguinte. Nessa perspectiva, tradição é sinônimo de imobilidade, de segurança, de costumes que são transmitidos entre gerações como verdades.

Porém, é um erro pensar em tradição somente como sinônimo de imobilidade. Tradição para a Companhia de Jesus significa um passado repleto de boas práticas educativas fundamentadas numa fidelidade pedagógica que norteia os colégios dirigidos pelos jesuítas desde a *Ratio Studiorum*⁵.

Assim, dentro da perspectiva da Companhia de Jesus de inovar mantendo-se fiel às suas origens e tradições que estão voltadas para uma educação humanista e integral, a expressão fidelidade criativa aos princípios institucionais, usada muitas vezes pelos jesuítas, retrata bem o sentido do que se entende por inovação. Durante toda a história, a Companhia de Jesus buscou adaptar-se de forma criativa e inovadora à realidade de cada época, sem com isso se afastar de seus princípios fundamentais que é a formação integral do aluno. Storck (2016, p.291) nos ajuda a entender a expressão fidelidade criativa quando afirma:

⁵ Conjunto de normas criadas para regulamentar o ensino nos colégios jesuítas. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica ganhou status de norma para toda a Companhia de JJesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas. Disponível em www.histedbr.unicamp.br. Acesso em 01/11/2019

Quanto ao seu sentido, a frase apresenta o que pode ser denominado de paradoxo da complementaridade, ou seja, a instituição para continuar a existir precisa manter a fidelidade aos princípios fundacionais originais e, ao mesmo tempo, ter criatividade inovadora e, neste sentido, “romper”, mudar de perspectiva, para adaptar-se aos novos tempos, e desta forma continuar existindo. Nessa aparente contradição está a riqueza da expressão. A fidelidade ao carisma e aos princípios fundacionais não pode ser compreendida como fideísmo cego ou acrítico. Ela ocorre quando se atualizam esses princípios ao contexto histórico em que se vive, pois eles não são estáticos nem são verdades absolutas e imutáveis que não permitem mudanças ou adaptações. Se assim fosse, esses princípios estariam fadados ao fracasso, sendo apenas letra morta, presa no passado, o que levaria a falência da própria instituição.

Da mesma forma, para a Companhia de Jesus tradição não significa imobilização. Pelo contrário, desde o princípio, sempre foi característica de a educação jesuíta atuar na contemporaneidade. Sobre inovação, o PEC (2016, p18) afirma:

Sabemos, contudo, que toda mudança implica correr riscos, mas entendemos que o risco maior reside em não ousar mudar. A Companhia de Jesus se manteve com relevância no apostolado educativo desde a sua fundação, por sua capacidade de reinvenção contínua, ousadia em inovar e renovar, e também coragem para construir e trilhar caminhos e processos novos.

É interessante perceber que, desde a frase escrita na sua capa: “Que vida é essa que agora começamos? Trilhamos junto um caminho de renovação”, o PEC assegura seu propósito de mudanças visando a um novo tempo que começa. Isso também fica claro na passagem que afirma “[...] é próprio de a Companhia de Jesus responder aos desafios de cada tempo de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para inovar e renovar” (PEC, 2016, p. 14).

Vale ressaltar que, ao propor mudanças curriculares nas instituições educacionais da Companhia de Jesus, o PEC assinala para que se avalie a efetividade das propostas educativa dos colégios, sinalizando a importância de novos espaços educativos. Segundo o PEC:

[...] Nesse sentido, há uma necessidade premente de reformulação do ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, de modo a rever espaços, recursos e metodologias, para que utilizem as tecnologias digitais para inovação. (PEC, 2016, p. 38).

Sobre novos espaços inovadores que estejam à altura dos desafios da contemporaneidade, Nóvoa (1999, p.88) afirma:

[...] é necessário que as escolas se libertem das estruturas físicas em que têm vivido desde o final do século XIX. Nessa época, há quase 150 anos, os edifícios escolares foram pensados com grande ousadia e criatividade, mobilizando projetos e saberes de professores, arquitetos, higienistas, médicos, pedagogos e tantos outros especialistas. Hoje, é necessário mobilizar, com o mesmo vigor, novas energias na criação de ambientes educativos inovadores, de espaços de aprendizagem que estejam à altura dos desafios da contemporaneidade.

Há de se observar, no entanto, de acordo com autores, entre eles Carbonell (2002) e Cardoso (1997), que discutem o tema da inovação educacional, em que dois aspectos são fundamentais para que as mudanças sejam consideradas inovadoras: a alteração da prática corrente e o carácter intencional, sistemático e planejado do projeto, em oposição às mudanças espontâneas.

Cardoso (1997) vai mais além e compara os termos inovação, mudança, reforma e renovação contestando o uso indevido das palavras como sinônimos. Para a autora:

A inovação não é uma mudança qualquer. Ela tem um carácter intencional, afastando do seu campo as mudanças produzidas pela evolução "natural" do sistema.

A inovação é, pois, uma mudança deliberada e conscientemente assumida, visando a uma melhoria da ação educativa.

A inovação não é uma simples renovação, pois implica uma ruptura com a situação vigente, mesmo que seja temporária e parcial. Inovar faz supor trazer à realidade educativa algo efetivamente "novo", ao invés de renovar que implica fazer aparecer algo sob um aspecto novo, não modificando o essencial.

A inovação não é sinónimo de reforma, na medida em que esta poderá ser apenas assimilável ao conceito de "inovação instituída", quer dizer, uma inovação que resulta do exercício de um poder instituído de que dispõem o planificador e o legislador, elementos que, em geral, são exteriores à escola onde esta deve ser aplicada. Como se depreende facilmente, o conceito de inovação ultrapassa largamente o conceito de reforma.

Em continuidade ao assunto, Carbonell (2002, p.19) afirma que:

Existe uma definição bastante aceitável e aceita que define a inovação como um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. E, por sua vez, introduzir, em uma linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos didáticos e outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe.

O mesmo autor nos fala também da diferença que existe entre inovação e modernização.

Em alguns casos o simples fato de encher as classes de computadores, realizar saídas ao entorno, cultivar uma horta ou realizar oficinas são frequentemente simples desenhos que enfeitam a paisagem escolar, mas que não modificam absolutamente as concepções sobre o ensino e a aprendizagem estabelecidas no mais rançoso conservadorismo. São mudanças meramente epidérmicas. (CARBONELL, 2012, p.19).

Entende-se, portanto, que qualquer inovação pedagógica deve ser pensada, refletida e intencional, alterando, acima de tudo, o processo ensino-aprendizagem. Frequentemente o que se chama de inovação não passa de modismo de época não modificando de forma significativa as práticas escolares.

Nesse sentido, observa-se que, muitas vezes, o emprego nas escolas das tecnologias, como plataformas digitais e ferramentas tecnológicas, não produz nenhuma alteração significativa na metodologia de ensino, tornando-se, dessa forma, apenas mídias reprodutoras de conteúdos. Carbonell (2002) afirma que a simples modernização da escola não tem uma relação direta com a inovação. São mudanças epidérmicas ou de simples rótulo para indicar modernidade e com isso atrair novos públicos. É muito comum mudar-se apenas o nome das coisas e deixar tudo exatamente igual. Para o autor a inovação deve facilitar a aquisição de conhecimento, mas também a compreensão daquilo que dá sentido ao conhecimento.

Assim sendo, diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de avançar na prática, para além das aulas teóricas, dando ênfase ao protagonismo do aluno e às experiências vividas em sala de aula, facilitando assim o aprendizado, tanto de alunos como do professor.

O Colégio Santo Inácio, a partir de 2016, passou a rever e reorganizar os componentes curriculares. Com o Projeto Oficinas, inicia-se um processo de inovação dos espaços e tempos escolares enriquecendo a matriz curricular para além das disciplinas obrigatórias, incorporando novas ferramentas tecnológicas e novas metodologias que se afiguram como os parâmetros educacionais do século XXI, componentes necessários para garantir o ideal de educação integral proposta pela Companhia de Jesus.

Além disso, as oficinas oferecidas pelo Colégio Santo Inácio vão ao encontro das propostas feitas pelo PEC, que busca um caminho de renovação, capaz de responder com responsabilidade, inovação e fidelidade aos desafios educativos contemporâneos.

Na visita que fez ao Rio de Janeiro para participar do 1º Congresso de Delegados de Educação da Companhia de Jesus em 2017, Sosa⁶ (2018, p.134) nos falou sobre os desafios para a educação de hoje que olha para o futuro. No seu discurso de encerramento ele afirmou:

A renovação é uma tarefa permanente no trabalho educativo. Temos que ir um passo à frente do que hoje sabemos e imaginamos. Nossos modelos educacionais devem preparar os jovens para o futuro. Não podemos permanecer em modelos educativos nos quais os adultos nos sentimos confortáveis. Por isso, é preciso dar um passo à frente. Temos que nos alertar contra o perigo da inércia institucional que impede o discernimento e a necessária renovação.

Porém, qualquer inovação curricular não se faz apenas por vontade de alguns. Em se tratando de currículo, o papel do professor é determinante para o bom resultado de qualquer projeto dentro da escola. É ele que na prática dará vida a todo o planejamento. É ele que gerencia, desenvolve e planeja a sua aula. Sobre o protagonismo do professor, o PEC aborda: O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor. (PEC, 2016, p. 44).

Fica claro que, para a Rede Jesuíta, o professor assume importância além do papel de mero transmissor do conhecimento, tornando-se um agente ativo de criação e transformação curricular. Tais questões dialogam com as impressões apontadas por Flores e Flores (1998, p.84) sobre inovação curricular e atuação do professor. Segundo os autores:

Nessa ótica, os processos e práticas de inovação curricular constituem estratégias determinantes para a melhoria da qualidade de ensino e de um sistema educativo. Compete ao professor realizar o currículo adaptando, transformando, reinventando e inovando a proposta curricular central.

Em outro trecho Flores e Flores completam:

Numa renovação pedagógica, nenhuma inovação curricular se faz sem a participação e intervenção do professor. Ele é imprescindível na realização do currículo, pois é ele quem decide em última análise o que vai acontecer em sala de aula. (FLORES e FLORES, 1998, p. 82).

⁶ Em outubro de 2016, foi eleito para ocupar o cargo de Superior da Companhia de Jesus.

É fato, que as mudanças ocorridas na educação, a partir das rápidas e profundas transformações que a sociedade contemporânea vem passando, têm gerado fortes impactos na escola e, conseqüentemente, no ofício de professor. Até meados do século XX o papel do professor era transmitir o conhecimento que a ele pertencia, partilhando com os que não possuíam. Hoje, o professor é aquele que conhece determinado assunto, mas, em vez de apenas transmiti-lo, deve também motivar os estudantes a buscá-lo.

No meio desse turbilhão de mudanças pelas quais passa a sociedade, o professor transita por um momento árduo de definição do seu papel de educador. Sobre o dilema atual do professor, Nóvoa (1999, p.3) afirma:

Por um lado, os professores são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural.

Entretanto, para tornar-se esse elemento essencial na educação, citado por Nóvoa, exige-se cada vez mais que o professor exerça papéis para os quais muitas vezes não foi preparado, entre eles; que seja um facilitador e criador de situações de aprendizagem, mediador de conflitos e de culturas, que saiba trabalhar em grupo e que esteja familiarizado com as novas tecnologias de informação.

O protagonismo do professor é fundamental à escola que pretende implantar projetos inovadores. O seu envolvimento e a cumplicidade com a proposta educativa do colégio são fatores cruciais para o êxito de qualquer invocação. Segundo Carbonell (2002, p.31)

A inovação, de maneira geral, enraíza-se onde existe uma equipe docente forte e estável com uma atitude aberta à mudança e com a vontade de compartilhar objetivos para a melhoria ou a transformação da escola; e/ou, complementarmente, pessoas especialmente ativas dentro da equipe que dinamizam o processo inovador.

Por outro lado, inovar a escola significa tirá-la da zona de conforto. Muitas vezes o professor reluta em mudar práticas antigas, insistindo em manter métodos de ensino ultrapassados, atônitos que estão com os vários papéis impostos a ele pelos novos ofícios da profissão. Nesse sentido, novamente, Carbonell (2002, p.32) afirma:

Talvez o elemento mais emblemático da resistência à inovação seja a rotinização das práticas profissionais. Rotinas que têm fortes aliados no corporativismo, no conservadorismo, na funcionalização da profissão, na inércia e na aversão a esse tipo de mudança, venha de onde vier. Ninguém obriga ninguém a realizar uma inovação. Há escolas nas quais se apreciam atitudes, comportamentos, conteúdos e métodos de ensino por parte de alguns professores e professoras que beiram a antipedagogia e a mínima qualidade de ensino e responsabilidade docente; mas que são justificados e inclusive protegidos em toda a escola pelo companheirismo entre colegas, sem dúvida uma solidariedade débil e tão mal-entendida como difundida.

O que se tem certeza é de que inovar é preciso. A inovação tem ocupado as discussões educacionais dentro e fora da escola. Num mundo que se transforma a cada momento, não há mais lugar para as escolas que insistem nas antigas formas de ensino.

Os colégios da Companhia de Jesus têm enfrentado o desafio de inovar suas práticas pedagógicas. Muitos esforços estão sendo feitos nesse sentido. Nessa perspectiva, o PEC tem sido o inspirador de mudanças e iluminador de caminhos que devem ser percorridos. Assim conhecer o Projeto Oficinas pode ajudar toda a Rede de escolas jesuítas a analisar e compreender o modelo de inovação implantado no ensino médio do Colégio Santo Inácio.

4 AS OFICINAS E OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Neste capítulo, será tratada resumidamente a história da educação integral no Brasil e sua influência nas políticas educacionais brasileiras. Também será abordado o quanto ela está impregnada na proposta educacional da Companhia de Jesus desde a fundação dos primeiros colégios e ao mesmo tempo analisada a contribuição das oficinas para essa formação integral.

No final do século XIX e no começo do século XX, com o crescimento da participação do indivíduo na vida política e a afirmação de grandes ideologias - o nacionalismo, o liberalismo e o socialismo; e a pressão por reformas, a convicção da importância de uma educação integral e integrada avança dos círculos intelectuais para o campo da ação político, partidário e governamental.

O texto, elaborado pelo MEC, referência sobre educação integral no Brasil aponta para as várias correntes político-filosóficas que influenciaram o pensamento sobre Educação Integral no Brasil no início do século XX. Segundo o documento:

No Brasil, na primeira metade do século XX, encontramos investidas significativas a favor da Educação Integral, tanto no pensamento quanto nas ações de cunho educativo de católicos, de anarquistas, de integralistas e de educadores como Anísio Teixeira, que tanto defendiam quanto procuravam implantar instituições escolares em que essa concepção fosse vivenciada. No entanto, cabe ressaltar que eram propostas e experiências advindas de matrizes ideológicas bastante diversas e, por vezes, até contraditórias. (BRASIL, 2009, p.15).

Conter, no seu TCC de finalização do mestrado profissional em gestão educacional, faz um resumo sobre a influência das correntes anarquista e integralista sobre a Educação Integral no Brasil. Segundo a autora, com base em Coelho:

Os integralistas buscavam do indivíduo, dentre várias características, a adaptação e aceitação à ordem, a disciplina, elementos que apontam para uma inspiração conservadora na concepção de educação proposta. Já para os anarquistas a educação foi uma estratégia para instaurar uma reflexão sobre as desigualdades sociais e econômicas. Era preciso instaurar uma visão de mundo baseada em valores tais como: solidariedade, igualdade, cooperação e liberdade, por uma sociedade mais justa. (COELHO, 2004 apud CONTER, 2018, p.34)

As propostas de educação integral mais expressivas no Brasil, com alcance institucional e efetivo, couberam à corrente liberal, nomeadamente as influenciadas por John Dewey⁷ (1859-1952).

Da corrente liberal de educadores brasileiros adepta das formulações de Dewey, destacou-se Anísio Teixeira. Educador fantástico, sonhava com uma educação de qualidade para todos, seguidor e impulsionador de uma educação integral em tempo integral, por conta de sua vida pública - na política e na educação, desde a década de 30, esteve presente na elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, redigido por Fernando Azevedo. Dessa forma, além de Anísio Teixeira, vários educadores, entre eles Lourenço Filho e Carneiro Leão, propõem uma nova maneira de pensar a educação que rompia com o modelo tradicional da época.

Esse manifesto defendia a educação integral como direito de cada indivíduo e como dever do Estado, que deveria garanti-lo. Sonhavam com uma educação que preparasse integralmente o sujeito, no sentido de lhe oferecer as condições completas para a vida. Nesse sentido, a função da escola ultrapassa a de mera transmissora de conteúdos, tornando-se uma escola para uma educação total do sujeito, dando ênfase ao ensino da ética e de valores humanos, transformando-se assim num marco de inovação pedagógica.

No início da década de 1930, Anísio Teixeira (2000, p. 111) acreditava numa escola que rompesse com padrões estabelecidos:

Transforma-se a sociedade nos seus aspectos econômicos e sociais, graças ao desenvolvimento da ciência, e com ela se transforma a escola, instituição fundamental que lhe serve, ao mesmo tempo, de base para a sua estabilidade, como de ponto de apoio para a sua projeção. Por tudo isso, a escola deve deixar de ser a instituição isolada, tranquila, do outro mundo, que era, para se impregnar do ritmo ambiente e assumir a consciência de suas funções. Se depressa marcha a vida, mais depressa há de marchar a escola.

Certamente, as ideias inspiradoras de Anísio Teixeira, no início do século XX, continuam atuais no início do século XXI. Assim, podem-se comparar dois marcos importantes da educação brasileira, o início do século XX, com o manifesto dos

⁷ John Dewey foi um filósofo e pedagogista norte-americano. Dewey foi um dos principais representantes da corrente pragmatista. Ele também escreveu extensivamente sobre pedagogia, em que é referência no campo da educação moderna. Disponível em http://pt.wikipedia.org/John_Dewey. Acesso em 01/11/2019.

pioneiros da educação que rompia com um modelo de escola estabelecida desde o início do século XIX, com o início do século XXI, quando as novas tecnologias e as rápidas e profundas transformações sociais obrigam a repensar o papel da escola.

Idealizadas e implantadas nas décadas de 1930 e 1950 por Anísio Teixeira de forma ousada e inovadora para a sociedade da época, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, a primeira escola pública em tempo integral no Brasil, as escolas-parque e as escolas-classe eram voltadas para a formação integral dos alunos e, além das disciplinas tradicionais, ofereciam à criança todo um cuidado com sua alimentação, higiene, socialização, práticas esportivas e artísticas, preparando para o trabalho e para a cidadania, visando à sua formação como indivíduo. No discurso de inauguração da escola-parque de Salvador, Teixeira (1959, p.79), afirmou:

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive.

Comparando o discurso de Anísio Teixeira com o momento atual, destaca-se o trecho em que trata de uma educação para uma civilização difícil, complexa e em mutação permanente. Embora distante 50 anos, esse trecho caberia no discurso de qualquer gestor atual de escolas.

Da mesma forma, o PEC (2016, p.13) também trata de um mundo complexo e desafiante quando mostra o caminho a seguir: “Um caminho de renovação, capaz de responder com responsabilidade, inovação e fidelidade aos desafios educativos hodiernos, faz-se necessário diante do cenário complexo em que vivemos”.

Novamente, analisando o pensamento de Teixeira e sua contemporaneidade, no início da década de 1930, diante de um mundo em transformação nos seus aspectos econômicos, sociais e científicos, ele propôs uma nova forma de pensar a escola que naquele momento, segundo ele, preparava as pessoas para um mundo que não existia mais. Atualmente vive-se um momento parecido com o que Teixeira viveu há mais de meio século, em que as escolas enfrentam problemas para responder aos desafios da sociedade contemporânea.

Entusiasta da visão educacional de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, na década de 80, teve a oportunidade de pôr em prática um projeto inovador, muito questionado por ser acusado de ser apenas uma escola com fins eleitoreiros, que o tempo acabou por reconhecer seu valor pedagógico.

O projeto dos Cieps- (Centro Integrado de Ensino Público), lançado na rede estadual de educação do Estado do Rio de Janeiro, no governo Leonel Brizola, no qual Darcy Ribeiro desempenhou funções de vice-governador, foi criado com o espírito de oferta de uma educação integral, capaz de suprir as carências e propiciar oportunidades iguais a indivíduos com realidade social e financeira diferentes, para que assim, de forma planejada e coordenada, a sociedade pudesse avançar na distribuição de renda, na democracia e na justiça social.

Os Cieps funcionavam das 8 às 17:00 horas com capacidade para atender 1000 alunos do ensino fundamental. Nasceram com uma proposta de escola inovadora de tempo integral, porém uma escola de tempo integral de qualidade não se pode se construir apenas como um projeto de governo, mas sim como uma concepção geral de educação. Dessa forma, no decorrer dos anos, os Cieps tornaram-se, na maioria dos casos, uma escola de tempo integral e não de formação integral. O forte conteúdo político partidário que envolveu esse conjunto de escolas dificultou a continuidade do projeto. Os questionamentos sobre a formulação da política educacional e as críticas à implantação dos Cieps foram feitas por diversos grupos contrários ao projeto. Segundo Mignot, uma das pesquisadoras críticas do modelo dos Cieps,

Emblemáticos, os Cieps conferiram identidade à escola pública de tempo integral. Suas linhas arrojadas e grandiosas não permitiram que se passasse desavisadamente por eles. Despertaram a atenção, sobretudo, porque contrastavam com os demais prédios escolares – modestos em sua maioria testemunhando a importância conferida à educação em determinado momento. Construídos, desordenada ou deliberadamente, em lugares de visibilidade estratégica, representava monumentos à educação, a um partido político e a seus idealizadores. (MIGNOT, 2001, p.154).

Fica claro que o investimento na educação pública feito pelo governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro, o primeiro eleito depois de 18 anos e que marcou a transição democrática, acirrou o debate político despertando forte polêmica movida por paixões e preconceitos tanto na área política quanto na social, na econômica e na educacional. Sabe-se que o projeto dos Cieps sofreu ataques da elite conservadora brasileira dizendo que se tratava de obra de fachada, assistencialista,

populista, sem plano pedagógico e de custo altíssimo. Realizar uma mudança estrutural na educação, em uma sociedade marcada por práticas conservadoras, seria um grande desafio.

Sobre esse momento Arantes diz:

Repete-se no Rio, sessenta anos depois, o desastre que recaiu sobre Anísio Teixeira, que viu o seu programa educacional extinto por obscurantismo. Era o maior e melhor experimento de educação que se realizou em nosso país.[...] Hoje, o mesmo obscurantismo se repete, agora contra os CIEPs. Por quê? (ARANTES, 1998, p. 129).

Com o discurso de que os Cieps eram escolas diferenciadas das demais e de custo elevado, o projeto foi aos poucos sendo modificado. Sucessivos governos diminuíram continuamente as verbas, o que reforçou para a população a representação de escolas fracas ou desorganizadas. Em uma carta enviada ao então governador do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, em 1995, Darcy Ribeiro reitera a importância do seu projeto e questiona a sua descontinuidade.

Marcello, reitero meu apelo a você pela salvação dos CIEPs e GPs (Ginásios Públicos), cuja extinção já foi determinada por decreto. Esse ato de violência extrema só se explica por sentimentos menores de ressentimento e de mediocridade de sua Secretária de Educação. Sua efetivação, porém, confirmará o feio pendor brasileiro a descontinuar, por odiosidade política, a obra dos antecessores. (ARANTES, 1998, p. 45).

Com certeza, diante de um projeto grandioso no seu aspecto físico, com prédios que marcaram a paisagem urbana do Rio de Janeiro, e no seu aspecto social, que propunha uma educação de qualidade para as classes populares, não há dúvidas quanto ao uso eleitoral dos Cieps por partes dos políticos, porém o ímpetu voraz com que eles foram desconstruídos foi proporcional à eficácia do seu programa. Ressalta-se, porém, o pioneirismo da proposta pedagógica, apresentada durante os primeiros movimentos político-sociais de redemocratização do país.

Segundo dados da revista Nova Escola⁸, das 515 escolas inauguradas naquele período, permanecem 285. O tempo integral, um dos pilares do projeto, continua a existir em apenas 68 delas. Contudo, deve-se salientar que a permanência do horário integral não significa que o projeto concebido no início com atividades diversificadas curriculares, que incluíam os conhecimentos gerais, a

⁸ Disponível em <http://novaescola.org.br/conteudo/8385/esta-escola-poderia-ter-mudado-a-educacao>> Acesso em: 22/01/2020

cultura, as artes, a saúde, os esportes, como construtoras de uma educação integral ainda esteja presente no seu cotidiano.

O modelo foi descontinuado, mas entrou para os anais da história da educação brasileira e continua vivo como objeto de referência e estudos acadêmicos. Infelizmente, a descontinuidade das políticas públicas educacionais é uma constante no Brasil. Segundo Spink, (1987, p. 57), “a expressão continuidade e descontinuidade administrativa refere-se aos dilemas, práticas e contradições que surgem na Administração Pública, Direta e Indireta, a cada mudança de governo e a cada troca de dirigentes”.

Segundo o autor, a descontinuidade das políticas públicas educacionais relaciona-se à fragmentação de ações públicas devido aos processos políticos sucessórios, articulações políticas e rupturas no processo de financiamento da educação.

Não se discute aqui se a continuidade das políticas educacionais seja positiva ou que a descontinuidade seja negativa, alternância de poder gera mudanças e aperfeiçoamento de políticas públicas. Porém no Brasil, em muitas vezes, a descontinuidade acontece durante uma mesma gestão com as constantes trocas de ministros e secretários de Educação.

Sobre o fracasso dos Cieps e a descontinuidade do projeto, Darcy Ribeiro afirmou que “a razão causal verdadeira não reside em nenhuma prática pedagógica. Reside, isso sim, na atitude das classes dominantes brasileiras para com o seu povo.” (RIBEIRO, 1986, p.13).

Assim, nesta pesquisa, pode-se observar uma aproximação entre as propostas de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro. Ambas tinham em comum a intenção de oferecer uma educação popular de qualidade, propondo uma escola de horário integral, que cuidasse de todos os aspectos básicos para a aprendizagem, preparando os alunos para exercer a cidadania.

Desde sua criação a considerar a educação integral como uma de suas metas evangelizadoras essenciais para a construção de um indivíduo completo, competente, consciente, compassivo e comprometido, a Companhia de Jesus, também em atenção aos sinais dos tempos, tem realizado movimento mais efetivo no sentido de envolver toda a comunidade de profissionais de seus colégios - professores e gestores nas discussões e decisões de natureza pedagógica, através

de simpósios e grupos de trabalho, com vista a pensar a educação que se tem e a que se quer para o século XXI. (PEC, 2016).

O momento atual, marcado pelas inconstâncias e incertezas, tem lançado desafios e obrigado os envolvidos com a escola, como instituição de natureza tradicional e complexa, a se debruçarem sobre o tema da inovação e da educação integral, a falarem dos processos de inovação pela simples necessidade de sobrevivência, sob o risco de não acompanhar os desafios dos novos tempos.

Nota-se que a educação integral tem sido um ideal presente na legislação educacional brasileira⁹. Diferentes projetos, em vários momentos da vida pública do país, conduziram esse modelo para dentro das escolas. Mas, como características da cultura política, esses projetos foram marcados pela descontinuidade.

No plano macro, mas com profundas repercussões na organização interna da escola, os governos do Brasil, nas suas últimas administrações, têm anunciado como meta essencial uma reformulação estrutural da educação básica, com reorganização curricular consoante às demandas dos novos tempos. As proposições têm apontado para a necessidade de desenvolvimento de habilidades e competências voltadas para uma educação integral do sujeito.

Hoje, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018, p.14), principalmente a do ensino médio, (no momento sujeita a mudanças devido a críticas de parte da sociedade e ao novo governo que assumiu em 2019), cita novamente entre suas prioridades a formação integral quando afirma que:

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e não a linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa ainda assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente e do adulto. Além disso, a escola como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

Olhando para a educação jesuíta, no final do século XVI, a Ratio Studiorum, base comum que serviria de suporte de trabalho dos jesuítas nas instituições de ensino com vistas a permitir uma formação uniforme de uma única maneira a todos

⁹ Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – Lei nº 9394/1996, artigos 1º, 2º e 34º. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 25 mar. 2020.

Plano Nacional de Educação (PNE) - LEI Nº 13.005/2014, Meta 6. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 25 mar. 2020.

os alunos que frequentassem os colégios da Ordem Jesuíta em qualquer lugar do mundo, já está presente a perspectiva integral do processo educativo. Segundo Klein (2017, p.4), “a partir da Ratio Studiorum, o adjetivo integral passa a se referir à conjugação de estudos com virtudes ou bons costumes como objetivo fundamental da Companhia de Jesus”. Desde então, todos os documentos pedagógicos da Companhia Jesus declaram a educação integral como princípio fundamental.

Dando um salto ao século XXI, com o lançamento do PEC, a Companhia de Jesus renova a sua finalidade educativa baseada na formação integral. No documento PEC (2016, p.37) aponta que:

A proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade; uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, compassivos e comprometidos.

Ainda continua o documento PEC (2016, p.49):

Nas escolas da Companhia de Jesus, toda a ação educativa converge para a formação da pessoa enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões afetivas, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica.

Dessa forma, nota-se que mais uma vez a questão da formação integral volta a ser discutida nas escolas, agora como um importante valor para a formação do cidadão do século XXI.

A construção de estratégias pedagógicas que, além de considerar as múltiplas dimensões do indivíduo, consigam, ao mesmo tempo, integrar diversas linguagens e campos do conhecimento.

Assim, o Projeto Oficinas oferecido pelo Colégio Santo Inácio, no intuito de preparar os alunos baseado nos parâmetros educacionais do século XXI, pode contribuir para a educação integral proposta. Para as escolas da Rede Jesuíta, excelências acadêmica e humana caminham juntas, sendo a formação integral finalidade última de todo o trabalho educativo. É importante explicar o que para a educação jesuíta significa o termo excelência. Segundo Ramal (1997, p.27), o “excelente inaciano” não se limita ao sentido lato do verbo *to excel* no inglês, superar. Não se trata de se sobrepor aos demais, excluí-los e sobressair, mas sim

de superar-se a si mesmo, vencer as próprias limitações e barreiras para apresentar os talentos a serviço dos demais.

Nesse contexto e articulando conceitos, convém também considerar a definição de fidelidade criativa, que traduz o modo próprio da Companhia de Jesus de manter viva a fidelidade aos princípios institucionais fundamentais, sendo ao mesmo tempo criativa e dinâmica, respondendo a cada conjuntura e a cada caso de modo inovador.

Storck (2017, p. 291), quando nos fala sobre o sentido da expressão fidelidade criativa, denomina de “paradoxo da complementariedade”, deixando claro que nessa aparente contradição está a riqueza da expressão.

Assim, o termo fidelidade criativa está diretamente ligado ao de “excelente inaciano”, como posto por Ramal (1997). Para os jesuítas só haverá mérito na excelência acadêmica se acompanhada de uma formação em um humanismo científico e social, formando pessoas que façam a diferença na sociedade.

Nessa perspectiva, é importante considerar o discurso feito pelo Pe. Arturo Sosa, atual Pe. Geral da Companhia de Jesus, na visita que fez ao Brasil, em outubro de 2017 por conta do 1º Congresso de Delegados de Educação da Companhia de Jesus. Ele afirmou que:

[...] o propósito da nossa educação é formar homens e mulheres para os demais e com os demais [...] Desta forma, a excelência acadêmica, dimensão fundamental num colégio da Companhia de Jesus, se situa num contexto de uma formação para a excelência humana integral. É esta excelência humana que dá sentido último à excelência acadêmica. (SOSA 2018, p.126).

Novamente Storck (2017, p. 291) quando discute o termo inovação relacionado com fidelidade criativa e assim se expressa:

Trata-se, portanto, de um dinamismo que não permite o simples transplante de um conjunto de princípios norteadores e inspiradores de ações e modos de vida do passado, para o mundo contemporâneo, mas se atualiza a partir da leitura atenta e atual da realidade e uma abertura às mudanças contínuas. Fidelidade e criatividade, quando relacionadas a princípios e valores institucionais ou fundacionais, são, portanto, inseparáveis no sentido de mantê-los vivos. Não se pode verdadeiramente ser criativo sem ser fiel, mas também não se pode ser fiel sem ser criativo. [...] ‘fidelidade criativa aos princípios institucionais’, mostra o esforço e a capacidade das instituições de se adaptarem criativamente, ao longo do tempo, às constantes mudanças, mantendo os seus princípios fundacionais.

Nesse sentido, fica clara a relação que os jesuítas estabelecem entre tradição, inovação e formação integral.

A educação integral, pilar da educação jesuíta, considera as várias dimensões do sujeito, oferecendo os fundamentos necessários para que o aluno desenvolva todas as suas potencialidades. O PEC (2016) reforça a importância da educação integral, relacionando-se com novos contextos da contemporaneidade.

Klein (2017, p.14) estabelece importante relação entre o relatório da comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, elaborado por Jacques Delors, citada no próximo capítulo, e a formação integral pretendida pelos jesuítas. Ele afirma que, no final do processo educativo,

O educador jesuíta examina se ele é realmente integral na medida em que estão garantidas as quatro aprendizagens indicadas pelo relatório da Unesco: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a conviver e Aprender a ser.

Klein (2014, p.14) propõe que, à luz da Pedagogia Inaciana, podemos ampliar os quatro pilares e acrescentar um quinto, são eles:

1) Aprender a construir o conhecimento em profundidade, dominando-o com competência; 2) Aprender a empenhar as suas capacidades para a transformação da realidade; 3) Aprender a conviver em harmonia com os outros e, com a criação, priorizando os necessitados; 4) Aprender a desenvolver-se integralmente, ao longo da vida e 5) Aprender a direcionar a vida com vistas à transcendência.

A seguir, será analisada cada uma dessas vertentes de aprendizagem propostas por Klein (2014).

1) Aprender a construir o conhecimento em profundidade, dominando-o com competência.

Neste âmbito, Klein (2014, p.8) trata do caráter efêmero do conhecimento, da velocidade das mudanças no mundo, o que leva a escola a se tornar não mais um depósito de conhecimento e sim um centro de pesquisa e de inovações. Acrescenta ainda que formar a pessoa competente, proposta pela Pedagogia Inaciana, “recusa um conhecimento superficial, episódico, epidérmico, insuficiente, por contradizer a dignidade humana.” No meio de tantas informações, o estudante deve selecionar as mais relevantes para serem criativos, inovadores e principalmente responsáveis por soluções inéditas.

Indo além, Klein (2014, p.8) relaciona o processo de aprender a conhecer com as cinco dimensões didáticas citadas no importante documento Pedagogia Inaciana, uma proposta prática, publicado em 1993 quais sejam: a contextualização, a experiência, a reflexão, a ação e a avaliação. À vista disto, Klein afirma:

O aluno começa o seu trabalho com a contextualização de si mesmo, do ambiente, da comunidade circundante, do programa educativo proposto, das suas disposições interiores para aprender. No decorrer da aprendizagem o educando concentra-se na experiência que faz, de modo direto ou mediato, com o objeto a ser conhecido, e procura identificar seus sentimentos e movimentos interiores a respeito. À medida que avança na aprendizagem, o educando faz a reflexão, indagando pelo significado e as implicações éticas do seu trabalho. Quando verifica estar a ponto de concluir a aprendizagem, o educando pergunta pela ação que esta pode desencadear, seja em âmbito interno, como uma convicção ou uma compreensão maior de determinado aspecto, seja como ação exteriorizada, podendo ser uma atitude, uma interferência, uma transformação pessoal ou da realidade. Finalmente, o aprendiz faz a avaliação dos processos, das mediações e dos resultados do conhecimento construído e apropriado como o seu trabalho.

2) Aprender a empenhar as suas capacidades para a transformação da realidade.

Nesse âmbito, Klein (2014, p.9) relaciona o aprender a fazer com a proposta da Pedagogia Inaciana de formar pessoas comprometidas com a justiça e a transformação social. Segundo Klein, para formar alunos comprometidos, devemos:

Estimulá-los a corrigir a concepção de sua formação como intimista, apenas para consumo próprio, e a considerá-la como 'hipoteca educativa'. Ou seja, a formação recebida é para ser repartida, investida, em benefício dos outros e da criação, em vista da sua transformação.

Klein (2014, p.9) afirma que a educação jesuíta “não se compromete em aparelhar o aluno a vencer na vida e sim investir seus talentos no serviço aos demais”. O caráter de contracultura, oposta a uma visão restrita e imediatista voltada apenas à competição desenfreada e ao lucro, é considerado empecilho à pretendida educação em valores da Pedagogia Jesuíta. Fica claro que a educação jesuíta propõe uma educação para a cidadania, aberta aos problemas do próximo e de toda a humanidade.

3) Aprender a conviver em harmonia com os outros e com a criação, priorizando os necessitados.

Nesse âmbito, Klein relaciona o aprender a conviver com a proposta da Pedagogia Inaciana de formar pessoas compassivas. Segundo o PEC (2016, p. 30),

peças compassivas “são capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem.” Segundo Klein (2014, p.9), “a Pedagogia Jesuíta impulsiona o educando a se comprometer com a vida, a própria, a dos outros, a da sociedade, a do planeta”. Percebe-se, nas palavras de Klein (2014), um aprofundamento no significado do que venha a ser convivência humana relacionando inclusive com a proposta de cidadania global. Dessa forma, o compromisso social com os pobres e excluídos deve ser incorporado como uma prática habitual dos jovens formados em nossos colégios. Klein (2014) vai além e afirma que o currículo deve evidenciar uma educação intercultural ajudando o aluno a apostar no diálogo como possibilidade real de superar divergências e resolver conflitos.

4) Aprender a desenvolver-se integralmente, ao longo da vida.

Nesse âmbito, Klein (2014, p.10) relaciona o aprender a ser com a proposta da Pedagogia Inaciana de formar pessoas conscientes. Segundo o PEC (2016), ser uma pessoa consciente à luz da Pedagogia Inaciana significa que “além de conhecer-se a si mesmo, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorização e o cultivo da vida espiritual, tem um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios”. Segundo Klein (2017), aprender a ser leva o aluno, à luz da Pedagogia Inaciana, a reconhecer seus pontos negativos e positivos, possibilitando conhecer-se melhor para então “adquirir a liberdade de atuar com competência, compromisso e solidariedade”.

5) Aprender a direcionar a vida com vistas à transcendência.

Este quinto pilar não foi explicitado pela Unesco, contudo, Klein (2014, p.10) nos fala da importância de se desenvolver a inteligência espiritual que para ele “leva o ser humano a formular as questões essenciais da sua vida, em busca do sentido, da origem e do destino dos seres humanos e de toda a criação”. Além disso, afirma que “nas diversas expressões religiosas pode haver sementes de verdade, de bem e de justiça, promovendo assim o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Percebe-se que a Pedagogia Inaciana está atenta aos problemas contemporâneos e propõe uma metodologia que se organize em prol do desenvolvimento da pessoa humana fundada no compromisso de transformar a realidade.

5 METODOLOGIAS DE PESQUISA

Apresentam-se a seguir os pressupostos que fundamentam a opção metodológica adotada e os caminhos que foram percorridos a fim de que os objetivos traçados sejam atingidos.

Para analisar o Projeto Oficinas, inovação desenvolvida pelo Colégio Santo Inácio, a abordagem escolhida foi a qualitativa. A preferência se justifica pela intencionalidade de pesquisar como o Colégio, campo empírico escolhido, na figura de gestores e professores atuantes nas oficinas, percebem a introdução do Projeto Oficinas no currículo.

De acordo com Minayo (2002 p.85), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares que não podem ser quantificadas.

[...] Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Além disso, a abordagem qualitativa procura analisar as ações dos indivíduos no seu ambiente social, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos. Flick (2009, p.37) acentua que “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.”

Corroborando com Flick e indo além, Cunha (1997, p.3) fala das possibilidades da abordagem qualitativa intervir na realidade. Segundo a autora,

A trajetória da pesquisa qualitativa confirma o fato de que tanto o relato da realidade produz a história como ele mesmo produz a realidade. As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos.

Outros autores, entre eles Lüdke e André (1986), afirmam que nas abordagens qualitativas, o observador desempenha papel de suma importância, pois pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado.

Analisando a importância do pesquisador/observador, Flick (2009, p.25) contribui com a reflexão ao entender que:

Os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção do conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, torna-se parte do processo de pesquisa.

Desse modo, é possível afirmar que, para melhor compreender o problema, o pesquisador precisa ser metódico e atento na interpretação dos dados descritivos, pois eles podem conter, nas entrelinhas, fundamentos essenciais para a compreensão do problema.

As Entrevistas:

Ouvir as pessoas com atenção, percebendo seus valores e sentimentos mostra que há interesse pelo outro, por suas histórias, reflexões, ordenamentos dos fatos e acontecimentos. Lück (2017, p.136), no livro “Gestão da Cultura e do Clima Organizacional da Escola”, ressalta sobre a importância dos discursos na escola. Segundo a autora,

Como o pensamento se expressa através do discurso, o clima e a cultura organizacional da escola são construídos e sustentados em associação com um discurso que tem o papel de legitimar o passado, o sentido, o percebido. Nesse processo, criam-se nas escolas lógicas e explicações formuladas em discussões que sustentam as práticas adotadas. É importante reconhecer que o que falamos revela o que pensamos e, pelo discurso, por sua vez, impulsionamos e cristalizamos nosso pensamento e cristalizamos nossas ações. Prestar atenção aos discursos presentes nas escolas, analisando e interpretando seus pressupostos, possibilita revelar elementos importantes do modo de ser e fazer na escola. Esse exercício pode tornar evidentes as reais intenções de ações e desvelar o que está reprimido e escondido [...].

O critério utilizado para a escolha dos sujeitos a serem entrevistados parte do princípio de que é necessário coletar as impressões e intenções das lideranças da escola, no caso a direção e coordenador pedagógico do 9º ano do ensino fundamental ao ensino médio, e dos atores que participam diretamente da execução das oficinas, no caso, os professores ministrantes, formando no total um grupo de 11 entrevistados.

Existem poucos registros feitos pelo Colégio em relação à criação das oficinas. No contexto desta pesquisa, surge a possibilidade de ouvir a Direção e a Coordenação Pedagógica no intuito de compreender a motivação que levou o Colégio a montar o projeto. Portanto, a análise desse levantamento de dados buscou esclarecer e, ao mesmo tempo, consolidar perante a comunidade educativa o papel inovador do Projeto Oficinas.

Nas entrevistas com os professores percebe-se o que cada um espera do projeto, como pretende trabalhar, o que entende e espera de cada oficina na formação de nossos alunos.

Além disso, analisou-se o quanto o Projeto Oficinas pode contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades mais sintonizadas com o novo espírito do PEC e nos quatro pilares da educação para o século XXI (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser).

Cabe aqui ressaltar que o Colégio Santo Inácio contratou, em 2018, a primeira professora que trabalha exclusivamente no Projeto Oficinas, no caso, com a oficina de sustentabilidade. Em 2019, o Colégio contratou dois professores especialistas em robótica.

As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2019 na própria escola, com hora e local previamente agendados. Antes de efetuar as entrevistas, foi feito contato com a Direção da escola, quando foram apresentadas a proposta da pesquisa e a carta de anuência e informados os professores que seriam entrevistados. Utilizou-se a técnica de gravação e realizada a transcrição de cada gravação. Após a transcrição, foi enviado a cada entrevistado o arquivo da entrevista por e-mail para que validassem suas respostas, podendo fazer qualquer tipo de alteração.

Respeitando o direito dos entrevistados, a pesquisa foi realizada com atenção aos preceitos éticos, tendo sido assinada a Carta de Anuência Institucional e providenciado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se apresentam como apêndice A e B, no final desta pesquisa.

Sobre o valor da entrevista, Lüdke e André (1986, p.34) afirmam que uma boa entrevista depende muito da interação entre o entrevistador e o entrevistado. Segundo os autores:

Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. Outro fator importante a se destacar é o conhecimento que os gestores e professores possuem sobre o tema da entrevista o que facilita a obtenção de informações relevantes.

Porém, o pesquisador deve tomar certos cuidados para que a entrevista consiga obter todas as informações detalhadas que possam ser utilizadas na pesquisa. É importante que se crie uma estreita relação entre as partes envolvidas,

tornando o processo bilateral, favorecendo a troca de ideias e enriquecendo o resultado. Sobre essa questão, Richardson (1999, p. 213) afirma:

A melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. Esse tipo de interação entre pessoas é um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais. [...] A entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B.

Trabalhando há 26 anos no Colégio Santo Inácio e, apoiado nas argumentações de Lüdke e André (1986) e Richardson (1999), considera-se que a vivência adquirida durante o trabalho na instituição e a confiabilidade adquirida entre as partes envolvidas na entrevista, no caso o pesquisador, a Direção, a Coordenação de segmento e os professores, ajudaram na interpretação dos dados, nas observações, análise, descrição e compreensão do fenômeno a fim de entender o seu significado. Assim, não há como dissociar a pesquisa da prática.

Segundo Lüdke e André (1986, p.33):

[...] mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.

Outra vantagem da entrevista sobre outras formas de coleta de dados é que ela permite a compreensão imediata da informação que se quer obter, permitindo o aprofundamento de pontos e mudanças de rumos. Sobre essa liberdade de percurso proporcionada pelas entrevistas, Lüdke e André (1986, p.34) afirmam:

Como se realiza a cada vez de maneira exclusiva seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Porém alguns cuidados foram tomados durante a realização das entrevistas. Se, por um lado, a intimidade entre o pesquisador e o entrevistado favorece o fluir das respostas, criando uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde, por outro lado, pode levar o pesquisador a tratar os dados

influenciado por essa atmosfera de descontração e informalidade, dificultando, assim, um diálogo mais consistente para a obtenção de dados. O pesquisador deve ter sempre numa postura de ouvinte atento sem influenciar nas respostas.

Sabe-se, que é importante levar o entrevistado a fornecer informações relevantes. Para que isso aconteça, é indispensável um roteiro de perguntas muito bem elaborado, ao qual se deve ficar atento, não de uma forma rígida, mas com cuidados necessários para que a entrevista não fuja dos pontos importantes a serem abordados. Na condição de pesquisador, por trabalhar há muitos anos junto com os entrevistados, a relação próxima pode provocar, tanto questões de simpatia como de antagonismo entre ambos. O pesquisador deve levar em conta que, no momento da entrevista, ele estará convivendo com sentimentos, afetos pessoais e fragilidades. Sendo assim, para prevenir interferências de ordem pessoal nas respostas, o pesquisador deve tentar ausentar-se dessas questões, fazendo a imersão na obtenção daquilo que realmente se quer como informações.

Dessa forma, o tipo de entrevista escolhido foi a semiestruturada, permitindo ao entrevistado liberdade de respostas e percursos que, certamente, favorecerão o fluir de ideias, fugindo das respostas óbvias, sendo possível, dessa forma, colher informações mais subjetiva e com maior riqueza de detalhes.

Segundo Lüdke e André (1986, p.34):

Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados. As informações que se quer obter e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível.

Além disso, a entrevista semiestruturada possibilita um diálogo entre pesquisador e entrevistado o que proporciona a ambos formular novas hipóteses acerca do tema da pesquisa. Sobre esse aspecto, Triviños (1987, p.145) afirma que:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Dessa forma, acredita-se que o modelo de entrevista semiestruturado é o mais adequado para se verificar a visão de gestores e professores sobre o Projeto Oficinas e o que os levou a incluí-las no currículo.

A seguir apresenta-se o quadro de entrevistados:

Quadro 11 – Quadro de entrevistados

FUNÇÃO	Nº DE PROFISSIONAIS
Direção	1
Coordenação do 9º Ano e Ensino Médio	1
Professores	9

Fonte: elaborado pelo autor.

Vale destacar, que no início da pesquisa era de interesse do pesquisador conhecer a opinião dos alunos a respeito das oficinas, porém por questão de tempo e analisando o cronograma, optou-se por entrevistar somente os gestores e professores. Além disso, o fato de as oficinas estarem ainda numa fase de ajustes e consolidação leva a crer que, com o passar dos anos, a opinião dos alunos trará importantes contribuições para a análise do Projeto Oficinas. Assim, entende-se que registrar a apreciação dos alunos pode vir a ser objeto de novos trabalhos.

Contudo, durante a pesquisa, buscando documentos que pudessem ajudar na construção desta dissertação, foi observado um questionário aplicado nos dias 4 e 6 de setembro de 2019 pelo coordenador da 2ª série do ensino médio, que utilizou esse instrumento com a intenção de conhecer a opinião dos alunos sobre o Projeto Oficinas. Após a análise do questionário, constatou-se a riqueza das respostas dadas e a importância daquele documento. O resultado encontrado fornece uma visão relevante feita pelos alunos, principais sujeitos desse processo.

O questionário foi respondido individualmente por 165 estudantes, que participaram nos 1º e 2º trimestres das oficinas, e contou com três perguntas. As respostas serão analisadas no capítulo 8 deste trabalho.

5.1 TRANSCRIÇÃO DE DADOS

Segundo Flick (2009), o método de registro de dados constitui uma importante etapa no processo de construção da pesquisa. Para o autor, os dados obtidos através das entrevistas devem necessariamente passar por três fases: a gravação dos dados, a edição dos dados (transcrição) e o novo texto produzido por meio deles.

De acordo com Lüdke e André (1986, p.37), existem duas grandes formas de se registrar uma entrevista, a gravação e a anotação. Segundo as autoras:

A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Por outro lado, ela só registra as expressões orais, deixando de lado às expressões faciais, os gestos, as mudanças de postura e pode representar para alguns entrevistados um fator constrangedor. Nem todos se mantêm inteiramente à vontade e naturais ao ter sua fala gravada.

Sobre as anotações, Lüdke e André (1986, p.37) afirmam:

O registro feito através de notas deixará de cobrir muitas das coisas ditas e vai solicitar a atenção e o esforço do entrevistador além do tempo necessário para escrever. Mas, em compensação, as notas já representam um trabalho inicial de seleção e interpretação das informações emitidas. O entrevistador já vai percebendo o que é suficientemente importante para ser tomado nota e vai assinalando o que vem acompanhado por ênfase, seja do lado positivo ou do negativo.

Neste trabalho, o pesquisador utilizou as duas formas, pois considerar que não se podem desprezar as vantagens oriundas dos dois tipos de registro de depoimentos.

5.2 ANÁLISES DOS DADOS

Como coordenador de série, acompanhou-se de perto o Projeto Oficinas desde sua criação. A partir do encantamento e da possibilidade que o projeto tinha de plantar uma semente de inovação dentro da escola, é que foi feita a análise e a descrição desse processo, escutando os autores e os protagonistas dessa experiência inovadora.

O *corpus* da análise de dados foi composto pelas entrevistas realizadas. Após a coleta de dados, a análise de conteúdo consiste numa metodologia que descreve

e interpreta os documentos e textos provenientes da pesquisa, indo além de uma leitura comum.

Segundo Bardin (2006, p.38), a análise de conteúdos é um conjunto de técnicas de estudo das comunicações e consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Diante do exposto, observa-se que a análise de dados é uma metodologia de análise da comunicação, com o objetivo de compreender o sentido do texto e os significados evidentes ou ocultos.

Dessa forma, optou-se por usar as três fases propostas por Bardin (2006) que são:

Quadro 12 — Proposta de análise de dados

Pré-análise:	É a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais.
A exploração do material	Essa é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nessa fase.
Tratamento dos resultados	Essa etapa é destinada à condensação dos destaques das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

Fonte: autor, adaptado de Bardin (2006).

Para responder à questão central desta pesquisa que é analisar os caminhos que levaram o Colégio a ofertar o Projeto Oficinas e sua importância como inovação curricular, baseado nos pressupostos apresentados pelo PEC e as novas metodologias que se afiguram como parâmetros educacionais do século XXI foram

analisados os resultados da pesquisa a partir das entrevistas feitas junto ao corpo docente atuante das oficinas, a direção e a coordenação do segmento do 9º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio.

A partir da questão central da pesquisa foram organizadas as seguintes categorias de análise:

1) Quais os caminhos que levaram o Colégio a ofertar as oficinas e sua importância como inovação curricular,

2) Descrever o modelo de oficinas oferecidas.

3) Identificar a percepção dos professores ministrantes das oficinas, coordenadores e Direção, discutindo o valor do projeto frente às proposições institucionais, e ao alcance da formação inicial pretendida, discutindo-se também o quanto o Projeto é inovador.

Após a realização das entrevistas, os dados foram analisados qualitativamente. Pretende-se então difundir por toda a rede de escolas jesuítas os resultados obtidos, ajudando todos a fazerem uma análise das inovações propostas.

As respostas dos entrevistados referentes às questões 1 e 2 foram examinadas e serviram de subsídios para descrever o Projeto Oficinas e foram analisadas no capítulo 9 deste trabalho.

Para análise, a questão 3 foi dividida em duas categorias:

- Relação entre inovação e o Projeto Oficinas;
- Relação entre o Projeto Oficinas, o PEC e a formação integral.

Para enriquecer os dados, foi utilizado um documento disponibilizado pelo Colégio, qual seja, o questionário respondido pelos alunos da 2ª série/EM que serão analisados no subcapítulo 9.3 desta pesquisa.

6 AS OFICINAS – UM CAMINHO PARA INOVAÇÃO

O primeiro modelo do Projeto Oficinas foi elaborado pelo coordenador do ensino médio do Colégio Santo Inácio em julho de 2016, causando a todos grande entusiasmo. Desde então, percebe-se a importância do projeto e a possibilidade que ele tinha de proporcionar uma real mudança curricular, objetivando o desenvolvimento de novas competências e habilidades voltadas para a formação de pessoas em conformidade com a forma de viver, aprender, compreender e conviver no século XXI. Fazia-se necessário avançar na busca de metodologias de ensino mais atrativas que acentuassem o protagonismo do aluno na produção do conhecimento.

Igualmente no ano de 2016, a Rede Jesuíta de Educação lançou o PEC, documento de caráter geral e abstrato que precisava transformar-se em ações trazendo para dentro da escola novas e modernas metodologias, proporcionando um papel mais interventivo do aluno, sem perder aquilo que fazemos bem que são os pontos da escola tradicional.

Dessa forma, imbuído da concepção que o mundo mudou, o Colégio Santo Inácio, motivado e amparado pelos documentos oficiais e atento às discussões sobre o sentido da educação hoje, no século XXI, criou o Projeto Oficinas traduzindo num aspecto pragmático, os princípios contidos no PEC. Os conteúdos e o acúmulo de conhecimentos continuam sendo importantes, porém, havia a necessidade de se criar na escola um espaço de maior intervenção do aluno.

Segundo o PEC (2016), transformar as escolas de centros de ensino em centros de aprendizagem é um dos objetivos para os colégios da Rede Jesuíta. De fato, mais do que uma simples transferência de conhecimento, aprender está associado à capacidade de compreender e fazer uso de raciocínio crítico e analítico.

Dentro dessa linha, o relatório para a Unesco (1999, p.11) da Comissão Internacional sobre “EDUCAÇÃO PARA O SEC. XXI” aborda sobre os quatro pilares para a educação no século XXI. No relatório final, o documento registra:

Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. No desfecho de seus trabalhos, a Comissão faz questão de afirmar sua fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um “abre-te sésamo” de um mundo que tivesse realizado todos

os seus ideais, mas como uma via – certamente, entre outros caminhos, embora mais eficaz – a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras.

É importante lembrar que, todos os quatro pilares devem estar interligados e que todos têm sua importância, desde que trabalhados conjuntamente.

Resumidamente, os quatro pilares para uma educação para o século XXI elaborados por Delors (1999, p.90-91) são:

Quadro1. Quatro pilares para uma educação no século XXI

Aprender a conhecer	Em “aprender a conhecer”, quer-se desenvolver o gosto pelo conhecimento, o raciocínio lógico, a compreensão, o pensamento dedutivo e a memória. Nesse sentido, o importante é que o aluno domine os instrumentos do conhecimento em detrimento ao acúmulo de informações. Essa mudança de paradigma é considerada hoje, ao mesmo tempo, como meio e finalidade de vida. Torna-se fundamental que cada um aprenda a conhecer o mundo que os rodeia para nele agir com dignidade e, simultaneamente, descobrir o prazer de compreender e conhecer
Aprender a fazer	Os alunos devem desenvolver a capacidade de pôr em prática o conhecimento teórico, partilhando saberes ao invés de acumular conhecimentos e informações. O trabalhador do século XXI deverá ser um sujeito criativo, crítico e pensante, preparado para agir e se adaptar rapidamente às mudanças dessa nova sociedade.
Aprender a conviver	Desenvolve-se a capacidade de conviver, dialogar, respeitando as diferenças. É a educação para a não violência, lutando contra os preconceitos provocadores de conflitos. Aprender a conviver é sem dúvida um dos maiores desafios da educação.
Aprender a ser	Os alunos devem desenvolver a capacidade de serem autônomos intelectualmente, ativos e independentes. O temor da desumanização do mundo influenciada pelo enorme poder das mídias deverá ter como contraponto o desenvolvimento da capacidade de agir com autonomia e discernimento.

Fonte: o autor, adaptado de Delors (1999)

Nota-se que a intenção do Colégio Santo Inácio, quando criou o Projeto Oficinas, era de estabelecer novos parâmetros para a relação ensino e aprendizagem, aumentando o protagonismo do aluno na construção do conhecimento. Quando reformula sua grade curricular, o Colégio mantém como

objetivo principal a construção do conhecimento, porém, a inovação introduzida pelas oficinas provém de novas metodologias que estão sendo discutidas. Não se trata de pensar uma inovação tecnológica e sim metodológica.

De acordo com a diretora (D1):

“Em primeiro lugar, o Projeto Oficinas se insere num projeto maior de inovação do colégio. É muito comum a gente associar inovação com o uso das tecnologias digitais, a inovação em si está muito mais no desenvolvimento de novas competências do que na verdade com o uso de uma ferramenta ou outra ou de um instrumento ou outro.”

Da mesma forma o coordenador (C2) afirma:

“Não se trata de atender o aluno e os seus responsáveis simplesmente com um impacto tecnológico, com uma forma de criar uma escola mais agradável, não se trata disso, não é uma recreação. As oficinas mantêm o papel do professor como agente de construção e coordenação do conhecimento desse processo de conhecimento.”

Além do avanço metodológico, as oficinas flexibilizam a perspectiva e a estrutura curricular quanto à abordagem dos conteúdos, desenvolvendo a autonomia e as competências relativas ao “aprender fazendo” integrando os conteúdos acadêmicos a situações práticas. A criatividade, o trabalho em grupo, a capacidade de se comunicar com clareza, o espírito de liderança e a consciência ecológica, acompanhados de uma vasta cultura geral são os ingredientes necessários para formar o jovem do século XXI.

De acordo com o coordenador (C2):

“O colégio hoje já não tem a mesma responsabilidade com a informação que tinha. O conhecimento acumulado pode ser adquirido de forma direta e simplificada através das novas mídias e de suportes tecnológicos. Então, o que se precisa mais numa escola é de um professor que seja capaz de habilitar o aluno a melhor perceber e aceder a essas informações e, mais do que isso, a desenvolver a capacidade de saber o que fazer com essa informação. As oficinas oferecem ao aluno a possibilidade de despertar a criatividade, libertar o aluno para dar um passo nessa direção.”

O Projeto Oficinas, iniciado em 2017, tem passado, a cada ano, por uma reavaliação e reestruturação, não na sua essência, mas na sua organização, no seu organograma. Vale ressaltar que as oficinas estão no currículo de cada série (do 9º ano/EF à 2ª série/ EM) dentro do turno regular. Para que a introdução das oficinas ocorresse sem com isso aumentar a carga horária, no 9º ano/EF, uma aula de Espanhol foi extinta e nas 1ª e 2ª série/EM, uma aula de Ensino Religioso. Dessa forma não foi acrescido nenhum tempo para mais para que as oficinas fossem introduzidas no currículo.

No início de 2017, as oficinas foram oferecidas apenas para os alunos da 1ª série do ensino médio, de acordo o quadro abaixo.

Quadro 2 - Oficinas oferecidas em 2017

OFICINAS	1ª SÉRIE/EM
Produção Artística	Teatro
Sustentabilidade	Forma de cultivos alternativos
Linguagem	Debate
STEM	Realidade aumentada. Programação virtual

Fonte: elaborado pelo autor

Em 2018, as oficinas foram estendidas para os alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Quadro 3 – Oficinas oferecidas em 2018

OFICINAS	9º ANO/EF	1ª SÉRIE/EM
PRODUÇÃO ARTÍSTICAS	Teatro	Agência de comunicação
LINGUAGEM	Discurso	Debate
SUSTENTABILIDADE	Sustentabilidade Classificação flora/fauna	Sustentabilidade Formas de cultivo alternativos
STEM	Robótica Design Thinking	Robótica Design Thinking

Fonte: elaborado pelo autor

Em 2019, as oficinas foram estendidas aos alunos da 2ª série do ensino médio.

Quadro 4 – Oficinas oferecidas em 2019

Oficinas	9º ANO/EF	1ª SÉRIE/EM	2ª SÉRIE/EM
Produção artística	Teatro	Teatro	Agência de comunicação e memória
Linguagem	Leitura	Discurso	Debate
Sustentabilidade	Certificação Unesco Cultura e reflorestamento Dados paramétricos	Cultura e reflorestamento Dados paramétricos	Monitoramento de certificação leed
STEM	Robótica	Robótica Internet das coisas	Robótica Internet das coisas

Fonte: elaborado pelo autor

No início do ano letivo, as quatro oficinas, de STEM, de Sustentabilidade, de Produção Artística e de Linguagem são oferecidas aos alunos. Os alunos passam por três das quatro oficinas ofertadas, tendo, portanto, um espaço de escolha e decisão. Cada oficina tem a duração de um trimestre, contabilizando aproximadamente 10 aulas. No início de cada trimestre, os alunos, por turma, através do moodle, todos ao mesmo tempo, optam pela oficina de que participarão. Por exemplo: em uma turma que tenha 40 alunos, a lotação máxima por oficina será de 10 alunos. Caso mais de 10 alunos optem pela mesma oficina naquele trimestre, os 10 primeiros a escolher participarão, enquanto os outros serão deslocados para outra oficina. Vale destacar que os alunos poderão descartar apenas uma oficina durante o ano. Assim, todos os alunos cursarão três oficinas, uma em cada trimestre, sem repetição. As oficinas estão inseridas no currículo de cada série com um tempo de aula semanal. É importante salientar que, no ano de 2020, as oficinas foram reduzidas a apenas três, com a supressão da oficina de produção artística.

Esse aspecto será mais bem explicado no capítulo 6, Perspectiva de futuro do Projeto Oficinas.

Nos próximos subcapítulos, será analisada cada oficina apresentando suas características, operacionalidade e metodologias.

6.1 OFICINAS DE LINGUAGEM

A oficina de linguagem apresenta uma progressão metodológica, oferecendo ao 9º ano do ensino fundamental a oficina de leitura em voz alta, na 1ª série do ensino médio, a oficina de discurso e na 2ª série, a oficina de debate. Procura desenvolver as habilidades e competências na expressão na crença de que não se pode ser criativo, não se pode ser atuante, intervir na sociedade, solucionar os problemas das sociedades se eles não forem formulados, ou seja, pensados e falados.

O coordenador (C2), em sua concepção, quando explica a progressão que ocorre na oficina de linguagem, afirma:

“No 9º ano, nós fazemos a leitura para que a dicção e a expressão fiquem mais apuradas. Depois nós fazemos o discurso e, depois, nós fazemos o debate. Qual é a diferença entre o discurso e o debate? A leitura é um mero exercício para que eu possa pronunciar todas as palavras, seja claro, para que não tenha que repetir, e o que é o discurso? É quando alguém junta a expressão da palavra com uma ideia, então eu venho e exponho uma posição. No discurso eu falo, ele fala, no debate nós vamos diante do público, nós vamos configurar o pensamento deste público, esta é a ideia, porque nós usamos a palavra para poder fazer com que as nossas ideias valham, por quê? Porque nós temos uma causa sempre, queremos construir algo.”

Hoje, percebe-se que a capacidade de expressão e exposição das ideias é competência fundamental para se estar no mundo no século XXI. De pouco adianta o aluno ser criativo e saber solucionar problemas se ele tem dificuldade de expressão e argumentação. Verbalizar o pensamento de maneira clara e organizada é fundamental para que todo o potencial humano possa se realizar.

Imbuídos da importância de formar homens e mulheres capazes de ajudar na construção de uma sociedade mais justa e solidária, um dos objetivos mais destacados pelos documentos elaborados pela Companhia de Jesus, nos últimos

anos, falam da importância de se formar lideranças. Observa-se que o desenvolvimento da capacidade de expressão está diretamente ligado à formação de líderes. Segundo o PEC (2016, p.54):

Uma obra da Companhia de Jesus tem como um dos seus objetivos a formação de líderes que tenham, na justiça e no serviço, seus principais compromissos. Nas unidades da Rede Jesuíta, líderes entendem a própria autoridade com serviço que transforma a si mesmo, as pessoas e, por meio das pessoas, a sociedade.

Nas palavras do professor (P8), a importância da oficina está na possibilidade de o aluno poder falar, saber se apresentar perante o mundo, tornando-se sujeito ativo e participativo. Ainda segundo o professor (P9), “saber falar de fato é uma arte, é uma técnica que se estuda. Tem gente que tem talento, mas é uma coisa que se treina, então, ali nas aulas nós trabalhamos esse treinamento para falar na vida pública.”

De acordo com o coordenador (C2):

“Nós acreditamos que a força das palavras é que nos garante a possibilidade de uma boa governabilidade, de uma possibilidade de, através do discurso, conciliar uma série de problemas e superar as nossas dificuldades, então nós todos só somos capazes de apresentar as nossas ideias se soubermos levá-la à boca.”

De acordo com o coordenador (C2), os alunos do Colégio Santo Inácio são muito bons academicamente, têm uma capacidade muito grande, acesso à informação, mas, quando faziam a exposição dos seus pensamentos e das suas ideias, tinham dificuldade de expressão. Ainda que eles detivessem o conhecimento, não saibam se expressar.

Continuando a sua análise sobre a oficina de linguagem, o entrevistado (C2) afirma que a questão da linguagem, da argumentação, da melhor exposição das ideias, está diretamente ligada à possibilidade de o aluno ser criativo. Para que o aluno possa solucionar problemas, tem que saber verbalizá-los, traduzindo em linguagem o seu pensamento.

Hoje, sabe-se que falar bem com segurança e naturalidade em qualquer situação é imprescindível, sendo necessário em todos os aspectos da vida. Mais do que nunca, a importância de dominar a competência de comunicar-se está diretamente ligada ao sucesso individual.

Desde os primeiros colégios da Companhia de Jesus e o estabelecimento da Ratio Studiorum, os jesuítas impuseram a retórica e a oratória como prioritárias em relação a outros saberes. Para os jesuítas, essa retórica não era encarada como técnica, nem como disciplina, mas antes como integração dos saberes, alheia às barreiras tradicionais entre disciplinas. É uma retórica consciente dos laços entre eloquência e vida política ou entre eloquência e vida cívica ativa. (MIRANDA 2013)

No Brasil, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa - terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, publicado em 1998, busca-se valorizar a expressão oral como de fundamental importância. De acordo com o documento, (BRASIL 1998, p.25):

No entanto, nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões - os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

Da mesma forma, também a BNCC do Ensino Médio (BRASIL, 2018 p. 485), destaca na competência específica 3, área de LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS, a importância do uso da linguagem verbal no exercício pleno da cidadania. Segundo o documento o aluno deverá:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Assim, a oficina de linguagem retoma um dos aspectos mais importantes da educação jesuíta e, ao mesmo tempo, trabalha nos alunos competências e habilidades fundamentais para a educação do século XXI.

Vale destacar que o Colégio, para o bom funcionamento das oficinas de leitura, discurso e debate, reservou salas especiais com a colocação de um púlpito e microfones, proporcionando assim um ambiente apropriado e solene.

A seguir, será analisada cada oficina oferecida na área de linguagem, mostrando suas especificidades e sua relação com a Educação Jesuíta.

6.1.1 A Oficina de Leitura - 9º ano/EF

O objetivo da oficina é desenvolver hábitos de leitura fluente que permitam aos alunos ler textos em voz alta, de forma mais rápida, precisa, com expressão adequada e compreensão.

A professora (P7), quando destaca a importância da oficina de leitura, reconhece que a educação sempre pecou por dar pouca importância **à oralidade**. Destaca ainda que como professora de língua portuguesa sempre se preocupou com a norma culta, com o texto escrito, mas a oralidade sempre ficou um pouco esquecida. Para a outra professora (entrevistada 4), a oficina de leitura é uma grande novidade e, ao mesmo tempo, era de se esperar que um colégio como o Santo Inácio, inspirado numa tradição jesuítica que sempre primou pelo ensino da oratória, criasse uma oficina de leitura.

Autores como Puliezi e Maluf (2014) destacam que a fluência na leitura tem recebido considerável atenção nas pesquisas recentes. Os autores destacam ainda que o desenvolvimento de uma boa fluência durante a leitura está diretamente ligado a uma boa compreensão do texto, sendo absolutamente necessária para essa conquista. Ainda, segundo os autores, existem três componentes de fluência da leitura:

Quadro 5 – Componentes de fluência de leitura

Precisão	Refere-se à habilidade de reconhecer ou decodificar as palavras corretamente. Esse reconhecimento rápido de palavras pelo leitor é explicado por muitos pesquisadores através da teoria da leitura de palavras por reconhecimento automatizado. A baixa precisão no reconhecimento de palavras tem uma influência negativa na compreensão e fluência de leitura. A leitura imprecisa pode levar a interpretações equivocadas de um texto.
----------	---

Automaticidade	Considera-se que uma atividade está automatizada quando é feita com velocidade, ausência de esforço, autonomia e ausência de atenção consciente. Essas quatro propriedades são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da leitura.
Prosódia	É a habilidade de ler com expressão apropriada, ritmo e entonação, permitindo a manutenção do significado. Os padrões de entonação não precisam ser ensinados. As crianças aprendem a ler com boa prosódia, observando os padrões utilizados pelos adultos quando eles leem, ou seja, aprendem com um bom modelo de leitor. A repetição é importante para que os processos automáticos de leitura aconteçam. Fica claro que existe uma correlação estabelecida entre a fluência e a compreensão de texto.

Fonte: o autor, adaptado de Puliezi e Maluf (2014)

Sobre a participação dos alunos na oficina de leitura, a professora (P8) relata que *“eles chegam, achando que vai ser uma coisa muita chata fazer leitura em voz alta”*. Com o tempo, passam a entender que a leitura é importante em longo prazo, ou seja, para toda a sua vida. A professora continua analisando a importância da oficina num mundo globalizado. Segundo ela, *“hoje em dia a gente vive num mundo globalizado que se comunica cada vez mais e que as pessoas estão reassumindo os seus lugares de fala pública”*.

Durante séculos, a leitura em voz alta era a única forma de transmissão de conhecimentos dos poucos indivíduos mais letrados para uma maioria analfabeta. Com a invenção da imprensa e uma maior escolaridade, a leitura passou a ser feita de uma forma solitária e silenciosa. A oficina de leitura em voz alta retoma aspectos esquecidos na prática escolar e afirma sua importância como habilidade imprescindível no século XXI, além disso, a oficina de leitura é requisito fundamental para as oficinas de discurso e debate.

6.1.2 A Oficina de Discurso – 1ª série/EM

Desde a Antiguidade até os dias de hoje, a retórica sempre esteve intimamente associada com a escolaridade. A retórica, ou arte de convencer e persuadir, surgiu em Atenas, na Grécia Antiga, por volta de 427 a.C. O grande orador romano Cícero por volta de 50 a.C. em seu tratado, *De Inventione*, organizou os chamados Cinco Cânones da retórica que constituem um sistema e um guia sobre a elaboração de discursos e escritos poderosos. É também um modelo eficaz para julgar a retórica. Segundo Mosca (2004, p. 28-30), resumidamente os cinco cânones da retórica são:

Quadro 6 - Os cinco cânones da retórica

Inuentio:	É o estoque de material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso. Trata-se, portanto, da retórica do conteúdo.
Dispositio:	É a maneira de dispor as diferentes partes do discurso. Trata-se da organização interna do discurso, de seu plano.
Elocutio:	É o estilo ou são as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo, correção, clareza, concisão, elegância. A retórica seria, portanto, uma arte funcional, por todos esses aspectos.
Actio:	É a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da Retórica. Nela se incluem os elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e a gestualidade. Há, portanto, lugar para o não verbal, que faz parte integrante do ato da comunicação. Tem-se que considerar a presença de um auditório, em relação ao qual o princípio básico é o de adequação, tendo-se como finalidade não apenas convencer pelos raciocínios, mas persuadir com base na emoção.

Memória:	É a retenção do material a ser transmitido, considerando-se, sobretudo, o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório. Permite uma melhor posse do discurso, o que não elimina a improvisação e a capacidade de adaptação às eventuais refutações. A memória permite não somente reter, mas também improvisar.
----------	--

Fonte: autor, adaptado de Mosca (2004, p. 28-30)

Segundo o professor (P9), várias são as habilidades e competências a serem desenvolvidos na oficina de discurso entre elas: *“saber expressar-se com fluência, na presença de público, conseguindo transmitir suas ideias, sustentando seus pensamentos e assumindo posições conscientes e reflexivas.”*

Além disso, o professor (P9), citou, em sua entrevista, outros aspectos desenvolvidos durante a oficina de discurso, são eles:

1. Contato visual;
2. Gestual;
3. Linguagem corporal;
4. Postura;
5. Entonação;
6. Expressão facial;
7. Tom de voz;
8. Clareza de expressão;
9. Administração do tempo.

Sobre o desenvolvimento da aula, no início, o professor, apresenta alguns temas para escolha dos alunos. Para cada tema dois alunos são selecionados, dando a oportunidade de existir um discurso a favor da ideia apresentada e outro contra. Para ajudar na composição do discurso, vários sites e textos de apoio são disponibilizados. O aluno começa a preparar o seu discurso na própria aula, com ajuda do professor, que orienta quanto à construção do texto, evitando gírias e vícios de linguagem. Terminada a aula, o aluno leva o texto para casa, podendo aprimorá-lo. Na aula seguinte, os alunos são chamados e no tempo de no mínimo um minuto e no máximo três minutos apresentam o seu discurso. Cabe ressaltar que nesse momento não existe o debate de ideias, apenas são apresentadas posições a favor e contrárias ao tema.

Seguem abaixo os temas¹⁰ apresentados pelo professor (P9) no ano 2019:

- Religião (Espiritualidade/Intolerância/ Cristianismo/ Judaísmo etc.);
- Conflitos mundiais (Guerras/Conflitos/Imigração);
- Saúde (Saúde mental, ansiedade e depressão/Diabetes/Dislexia/Câncer/DST/Prevenção);
- Arte (Expressões urbanas/Moda/Transformações corporais);
- Política (Presidentes/Reis/Primeiros-ministros/Eleições/Leis);
- Meio-ambiente (Florestas/Oceanos Efeito estufa/Conservadorismo ambiental);
- Transporte (Patinete/Bicicletas/Mobilidade urbana/Impacto ambiental);
- Tecnologia (Redes sociais/E-books/Cyberbullying);
- Escolha profissional (As escolhas do adolescente/Medo e expectativa em relação à escolha profissional);
- Educação (Enem/ Vestibulares/ Qualidade de ensino/ Escola pública x Escola privada);
- História (Fatos históricos).

Percebe-se a intencionalidade do professor em apresentar temas atuais que despertem o interesse do aluno. Nota-se que a maioria dos temas está diretamente ligada a problemas locais e mundiais, contribuindo para a formação da cidadania global. Além de desenvolver sua fala, o aluno apropria-se de conhecimentos gerais que poderão ajudá-lo em outras disciplinas.

Outros pontos abordados pelo professor são as características dos vários tipos de discursos (de protesto, informativo e persuasivo). Por exemplo, no discurso de protesto, o aluno aprende a falar num tom inflamado, que é diferente do discurso persuasivo, que apresenta um tom mais conciliatório, que difere do discurso informativo que deverá estar livre de sentimentalismo, gostos, sensações e opiniões particulares dos seus autores.

Segundo o professor (P9), a oficina de discurso contribui para formar alunos que serão agentes transformadores da sociedade, sujeitos que interagem e se comunicam nas diferentes esferas das relações humanas. Dessa forma, a oficina de

¹⁰ Os temas foram apresentados pelo professor (P9) e coletados no I CONGRESSO DA REDE JESUITA DE EDUCAÇÃO e no VI CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO realizados na cidade de São Paulo de 2 a 5 de outubro de 2019.

discurso avança quando junta a expressão da palavra com uma ideia a ser transmitida.

Segue abaixo o plano de aprendizagem da Oficina de Discurso elaborado pelo professor (P9) para o ano de 2019.

Quadro 7- Plano de aprendizagem, oficina de discurso¹¹.

Objetivos/ Competências	Conceitos/ Conteúdos	Metodologia	
		Atividades	Recursos
Compreender a importância do discurso no mundo atual como mecanismo de transmissão de ideias e propostas para mudar o que pode ser mudado em sociedade.	A importância da arte da oratória nos dias atuais. Grandes discursos na história recente. A necessidade de se discursar para públicos diferentes.	Aula expositiva	Vídeos contendo apresentação de diversos oradores do século XX.
Trabalhar as técnicas de convencimento de modo a transmitir uma ideia ao público.	A persuasão como meio de informar, protestar, convencer um público.	Leitura de discursos e prática da leitura dos mesmos em diversas situações.	Fichas preparadas e textos para a prática.
Analisar as ideias em circulação na sociedade de maneira a aprofundar as mesmas, tendo em vista o conhecimento do público a que se fala para dar credibilidade às ideias a serem transmitidas.	A criação de ideias de apoio no fortalecimento do discurso como meio de persuadir o público.	Confecção de discursos e prática da leitura dos mesmos em diversas situações.	Fichas preparadas e textos para a prática.
Tornar o aluno capaz de informar o público sobre algo que ele descobre no momento do discurso, fazendo com que tenha que usar seu conhecimento de mundo.	A criação de um discurso informativo com improviso.	Confecção de discursos e prática da leitura dos mesmos em diversas situações.	Fichas preparadas e textos para a prática.

¹¹ Durante a pesquisa, os únicos planos de aprendizagens descritos foram o da oficina de discurso e o da oficina de debate.

Objetivos/ Competências	Conceitos/ Conteúdos	Metodologia	
		Atividades	Recursos
Habilitar o aluno a criar e realizar um discurso de convencimento (contrário ao que ele “acredita”), apresentando ao público um problema e possível solução.	A criação de um discurso persuasivo com tema ao contrário do que o aluno “acredita”.	Confecção de discursos e prática da leitura dos mesmos em diversas situações.	Fichas preparadas e textos para a prática.
Capacitar o estudante a elaborar e executar um discurso sobre um tema de modo a conhecer as regras básicas da civilidade e respeito às múltiplas perspectivas vigentes em sociedade.	A criação de um discurso temático.	Confecção de discursos e prática da leitura dos mesmos em diversas situações.	Fichas preparadas e textos para a prática.

Fonte: elaborado pelo professor (P9)

Percebe-se, no plano de aprendizagem apresentado pela oficina de discurso, que os objetivos e competências enumerados vão além do ato de aprender a falar em público. Algumas aptidões como: analisar as ideias em circulação na sociedade de maneira a aprofundar as mesmas, usar seu conhecimento de mundo, apresentando ao público um problema e possível solução, conhecer as regras básicas da civilidade e respeito às múltiplas perspectivas vigentes em sociedade são objetivos para a formação embasada na cidadania global. Segundo Reimers et al. (2018), o cidadão global deve comunicar-se eficazmente para poder agir no mundo. No seu livro “Empoderar crianças e jovens para a cidadania global”, o autor apresenta um currículo de educação para a cidadania global, dos anos iniciais do ensino fundamental ao ensino médio, em que a troca de ideias com base nas reflexões dos alunos é constante. Portanto, a oficina de discurso enfatiza a importância de se comunicar bem para ser bem entendidos.

6.1.3 A Oficina de Debate - 2ª série/EM:

A diferença entre a oficina de discurso e a de debate é o aparecimento do confronto de ideias através do diálogo e da troca de argumentos. O debate, como

estratégia, provê um ambiente propício para que os alunos aprendam a argumentar, isto é, que se tornem capazes de reconhecer as afirmações contraditórias e aquelas que dão suporte às afirmações. Essa competência torna-se, então, um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI.

De acordo com o professor (P9):

“No caso específico da oficina de debate, o aluno vai trabalhar não só a habilidade de falar, ele vai trabalhar também a parte do confronto de ideias. Então ele vai ser confrontado com outras ideias divergentes de modo que ele possa defender sua posição.”

O modelo do debate é o do Parlamento Britânico, onde uma moção é lançada pelo professor e dois grupos, com quatro alunos na posição de defesa e quatro na posição de oposição, debatem sobre a proposta apresentada, defendendo seus argumentos. Esse modelo é utilizado nos campeonatos mundiais de discurso, que têm muita força nos países de língua inglesa. Aqui no Brasil, os campeonatos estão crescendo com destaques para os estados do Ceará, Minas Gerais e Santa Catarina. Vale destacar que o Colégio promoveu, no dia 6 de setembro de 2019, o primeiro debate intercolegial com o Colégio A. Liessin Scholeim Aleicheim.

A importância de se adotar um modelo, no caso o do Parlamento Britânico, torna-se relevante, pois, dessa maneira, regras são estabelecidas, evitando-se assim a livre associação de ideias, dando oportunidade para que todos participem com o mesmo tempo de fala.

Seguem abaixo algumas moções apresentadas durante as aulas no ano de 2019:

- Esta casa defende que a clonagem humana deveria ser proibida;
- Esta casa defende que formas renováveis de energia devem ser subsidiadas pelo governo;
- Esta casa acredita que a ONU deveria financiar uma missão espacial a Marte;
- Esta casa propõe que comentários de mídia social devem ser protegidos pela liberdade de expressão;
- Esta casa defende que o teste em animais para fins medicinais deve ser banido;

- Esta casa defende que os humanos são culpados por certas extinções de animais;
- Esta casa defende que as fontes alternativas de energia são eficazes e justificadas;
- Esta casa defende que os celulares devem ser banidos nas escolas;
- Esta casa defende que a tortura é justificada quando usada para a segurança nacional.

Segue abaixo o plano de aprendizagem elaborado pelo professor (P9) para a Oficina de Debate para ao ano de 2019.

Quadro 8 - Plano de aprendizagem, oficina de debate

Objetivos/ Competências	Conceitos/ Conteúdos	Metodologia	
		Atividades	Recursos
Compreender a importância do debate no mundo atual como mecanismo de transmissão de ideias e propostas para mudar leis.	A importância da arte da oratória nos dias atuais. Grandes debates na história recente. As regras do debate no estilo do Parlamento Britânico.	Aula expositiva.	Vídeos contendo apresentação de debates.
Trabalhar as técnicas de apresentação de ideias e definições corretas de termos.	A apresentação de ideias por meio da fala e sua articulação com os gestos.	Debate: Esta Casa defende que a clonagem humana deveria ser proibida.	Fichas preparadas e textos (Moodle) para a prática. Púlpito. Microfone.
Analisar as ideias em circulação na sociedade de maneira a aprofundar as mesmas, tendo em vista o conhecimento do público a que se fala para dar credibilidade às ideias a serem transmitidas.	A criação de ideias de apoio no fortalecimento do discurso como meio de persuadir o "Parlamento".	Debate: Esta casa defende que formas renováveis e energia devem ser subsidiadas pelo governo.	Fichas preparadas e textos (Moodle) para a prática. Púlpito Microfone.

Objetivos/ Competências	Conceitos/ Conteúdos	Metodologia	
		Atividades	Recursos
Tornar o aluno capaz de informar o público sobre um tópico previamente estabelecido.	A criação de ideias de apoio no fortalecimento do discurso como meio de persuadir o “Parlamento”.	Debate: Esta casa acredita que a ONU deveria financiar uma missão espacial a Marte.	Fichas preparadas e textos (Moodle) para a prática. Púlpito. Microfone.
Habilitar o aluno a criar e realizar um discurso de convencimento apresentando ao “Parlamento” um problema e possível solução.	A criação de ideias de apoio no fortalecimento do discurso como meio de persuadir o “Parlamento”.	Debate: Esta casa propõe que comentários de mídia social devem ser protegidos pela liberdade de expressão.	Fichas preparadas e textos (Moodle) para a prática. Púlpito. Microfone.
Capacitar o aluno a utilizar corretamente a linguagem corporal associada a um discurso que possa convencer o “Parlamento”.	A criação de ideias de apoio no fortalecimento do discurso como meio de persuadir o “Parlamento”.	Debate: Esta casa defende que o teste em animais para fins medicinais deve ser banido.	Fichas preparadas e textos (Moodle) para a prática. Púlpito. Microfone.

Fonte: elaborado pelo professor (P9)

Do mesmo modo observado na oficina de discurso, além da capacidade de expressão e exposição de ideias, a oficina de debate agrega competências básicas para se estar no mundo no século XXI. Analisar as ideias em circulação na sociedade de maneira a aprofundar as mesmas e desenvolver mecanismos de transmissão de ideias e propostas para mudar leis são competências fundamentais para formar o cidadão capaz de atuar no mundo.

A oficina de discurso completa o ciclo proposto pela oficina de linguagem. Diante da reflexão trazida, fica clara a coerência existente entre a proposta da oficina de linguagem, o PEC e a formação para a cidadania global.

6.2 A OFICINA DE SUSTENTABILIDADE.

Sobre as questões da sustentabilidade ambiental, o PEC (2016, p.36-37) lendo os sinais dos tempos, reconhecendo e assumindo seus desafios educacionais cita:

É também questão de articulação entre fé e justiça e de opção pelos pobres a inclusão das questões que envolvem a sustentabilidade ambiental do nosso planeta, em que as populações que menos contribuem para a degradação ambiental são as que mais sofrem consequências, tais como comunidades de pescadores, ribeirinhos do Amazonas, regiões tribais e tantas outras populações.

[...] Nossa finalidade considera mais as demandas pela sustentabilidade ambiental do planeta do que as metas de desenvolvimento econômico viciadas na exploração de recursos naturais.

Vive-se numa época em que a preocupação com o meio ambiente tornou-se atenção planetária. Os efeitos danosos da ação do homem sobre o meio ambiente despertaram em muitos países o desejo de promover formas alternativas de desenvolvimento que integrassem a preservação da natureza e dos recursos naturais.

O primeiro grande evento mundial a discutir a questão do meio ambiente foi a Conferência de Estocolmo, realizada em 1972 na Suécia. Outro grande evento realizado com o intuito de debater as questões ambientais foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro. O evento, que ficou conhecido como ECO-92 ou Rio-92, fez um balanço tanto dos problemas existentes quanto dos progressos realizados e elaborou documentos importantes que continuam sendo referência para as discussões ambientais. Desde então, outras conferências e acordos internacionais entre eles o Protocolo de Kioto, a COP17 e a COP21 se sucederam.

Segundo Jacobi (2003, p.193), “a problemática da sustentabilidade assume neste novo século papel central na reflexão sobre as dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se configuram”. O quadro socioambiental que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que o impacto dos humanos sobre o meio ambiente tem tido consequências cada vez mais complexas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. O estilo capitalista de vida consumista e voraz de

recursos recebeu, como resposta, a ameaça de esgotamento dos recursos ambientais indispensáveis à vida humana.

Entretanto, hoje, quando se trata de educação para a sustentabilidade do planeta, abre-se o debate sobre desenvolvimento social e oportunidade econômica de um lado e exigências do meio ambiente do outro. A sustentabilidade requer um equilíbrio dinâmico entre desenvolvimento e preservação do planeta. Dentro desse contexto, a educação ambiental nas escolas passa a ser uma exigência no sentido de que possa cumprir o seu papel social.

Um dos diferenciais da oficina de sustentabilidade no Colégio Santo Inácio é a possibilidade que ela tem de ser realizada dentro do ambiente natural de Mata Atlântica existente no terreno do Colégio. Essa área, de aproximadamente cinco mil metros quadrados, até então nunca utilizada pelos alunos, foi adaptada para recebê-los durante a oficina com estufa, horta, minhocário, berçário de plantas nativas, trilhas e local para compostagem, funcionando como uma verdadeira sala de aula ao ar livre. Junto com a oficina de sustentabilidade, o Colégio possui um laboratório de Geociência (Geolab) que auxilia o professor nas pesquisas e experimentações. Vale destacar também que os dois professores que trabalham nessa oficina são formados em geografia, sendo que um foi contratado exclusivamente como professor da oficina de sustentabilidade.

A professora (P1) define sustentabilidade como:

“A gente fala de sustentabilidade, as pessoas às vezes pensam que é só a floresta e tudo mais e não é apenas isso, a sustentabilidade está muito, muito além disso, o termo desenvolvimento sustentável é algo novo, muito recente, não só para os alunos, mas para todo mundo. Sustentabilidade não é só ecologia, é algo bem mais que isso. Ela está em tudo e o Colégio está fazendo isso justamente para alfabetizar esses alunos, ambientalmente falando.”

A oficina de sustentabilidade é dividida em três propostas sendo uma para cada série.

Para o 9º ano do ensino fundamental, o objetivo da oficina de sustentabilidade é tornar o Colégio membro do PEA (Programa de Escolas Associadas–Unesco). No Brasil, a coordenação da Rede PEA enfatiza a necessidade de fortalecer os quatro

pilares da Educação para o Século XXI (aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver juntos) e de promover uma educação de qualidade.

O objetivo fundamental do PEA é criar uma rede internacional de escolas que trabalhem pela ideia da cultura da paz. Por isso, o programa consiste, basicamente, no estímulo a projetos ligados a um tema central, que é o Ano Internacional proposto pela Unesco, ou simplesmente temas dirigidos à ampliação da consciência de cidadania. Hoje, são 11.700 escolas em 183 países. No Brasil, são 569 instituições associadas, que trabalham para construir ativamente um mundo mais justo, pacífico, inclusivo e sustentável. (RACHID, 2020).

No ano de 2009, as pesquisadoras. Shultz e Guimarães-Iosif (2009, p.1) investigaram o impacto educacional e social de se tornar uma escola associada da Unesco em três escolas públicas de São Paulo e duas de Brasília. Segundo as autoras:

Uma escola PEA deve procurar meios inovadores e criativos para tornar o currículo e a aprendizagem escolar mais dinâmica e próxima da realidade dos alunos. Além de recomendar que a escola trabalhe com temas do cotidiano escolar, o programa recomenda que as escolas associadas desenvolvam atividades relacionadas com as seguintes temáticas centrais: a) problemas mundiais e o papel da ONU, b) direitos humanos, democracia e tolerância, c) aprendizagem intercultural, d) meio ambiente e desenvolvimento sustentável. O programa também sugere que a escolas associadas desenvolvam trabalhos relacionados com datas comemorativas e anos internacionais adotados pela ONU.

Com a finalidade de promover a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável, a partir de 2015, a Unesco lançou os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)¹² que devem ser concretizados por todos os países membros da ONU durante os próximos 15 anos. A oficina de sustentabilidade trabalha com esses objetivos buscando alcançar o certificado do PEA.

Segundo a professor (P1),

“Este ano o colégio começou com a certificação da Unesco que dará ao Colégio vários acessos para outras atividades. O Colégio ganha esse selo, tendo em vista que precisa trabalhar com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e desde o primeiro trimestre, ou melhor, desde o ano passado, eu fiz um planejamento, apresentei ao coordenador que falou: “você

¹² Disponível em <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>> Acesso em 11 mar 2019.

pode trabalhar com 17 objetivos, todavia esses objetivos precisam ser feitos na floresta que é a nossa estação ambiental” e eu falei que dava para fazer e fui pegando um ODS e outro e encaixando na nossa estação ambiental, e eles adoraram. Eu tirei e imprimi o ODS 1 que fala sobre erradicação da pobreza, olha só, o que é que isso tem a ver com a floresta? Não, vou ter que encaixar isso na floresta, e aí eu comecei, vamos fazer uma horta porque a horta não é nada, não é nada, também está alimentando as pessoas que não têm condições e até mesmo a gente pode também auxiliar com técnicas e instrumentos de uma forma mais fácil para que essas pessoas menos favorecidas venham a ter esse acesso, então a gente não está saindo do ODS. ”

Vale destacar que o trabalho iniciado na oficina de sustentabilidade trabalhando com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, contaminou de forma positiva outras disciplinas. Segunda a professora (P1)

“Já há professores trabalhando, os professores de português lançam sempre uma redação, teve uma prova temática que foi só sobre os ODS. Eles me perguntaram demais porque na realidade os ODS falam de energia, e energia tem a ver também um pouco com física, que no 9º ano ainda é ciências, então deu para compartilhar bastante com os professores dessas disciplinas, o pessoal de Letras também veio me perguntar muito sobre o ODS 5 que fala sobre igualdade de gênero, então eu expliquei que não é aquilo que as crianças pensam, igualdade de gênero no ODS fala sobre a valorização da mulher no mercado de trabalho e por aí vai, e até nisso deu para encaixar lá na floresta por incrível que pareça. Os outros professores também tentam perguntar como funciona, a professora de geografia também pergunta como a gente pode vivenciar isso dentro do ODS. Na realidade, esses objetivos têm tudo a ver com que os professores fazem dentro de sala de aula também. Então, acaba sendo construtivo também tanto para a sustentabilidade quanto para os professores. ”

De acordo com o professor (P2), para a 1ª série do ensino médio, a oficina de sustentabilidade tem como objetivos a cultura e o reflorestamento de espécies nativas e a taxionomia da flora e da fauna local. Nas aulas, os alunos têm a oportunidade de dentro da estação ambiental:

- Catalogar as espécies existentes na mata;
- Desenvolver práticas e técnicas sustentáveis em sistemas agroflorestais;
- Produzir saberes técnicos de compostagem caseira e industrial;

- Identificar rochas e minerais, com as amostras disponíveis no Laboratório de Geociências (Geolab), e a sua importância para a agricultura, a indústria e a formação do solo;
- Compreender in loco os processos intempéricos no Geolab, com as amostras disponíveis e, posteriormente, idas a campo para a identificação de processos e intemperismo e formação de solo;
- Desenvolver técnicas de separação do lixo orgânico caseiro, em ambiente urbano, passível de reciclagem e/ou reutilização;
- Observar o manejo do processo de decomposição da pilha externa de compostagem;
- Conhecer algumas práticas sustentáveis na agricultura.

Para a 2ª série do Ensino Médio, o Colégio Santo Inácio busca, através da oficina de sustentabilidade, desenvolver projetos que o aproxime da certificação LEED SCHOOLS.

O LEED (Leadership in Energy and Environmental Design) é um sistema de certificação e orientação ambiental de edificações. Criado pelo U.S. Green Building Council, é o selo de maior reconhecimento internacional e o mais utilizado em todo o mundo, inclusive no Brasil, sendo que, até março deste ano, 46 empreendimentos foram certificados. A avaliação da Certificação LEED é realizada por meio de pré-requisitos e créditos a serem atendidas nas categorias:

- Sustentabilidade do Espaço;
- Racionalização do Uso da Água;
- Eficiência Energética;
- Qualidade Ambiental Interna;
- Materiais e Recursos.

Os pré-requisitos são condições mínimas a serem atendidas pelo projeto, para que o mesmo tenha direito à acumulação de pontos para certificação, caso não sejam atendidos, o projeto não poderá ser certificado. Os créditos (recomendações) valem pontos que variam de acordo com a categoria a ser atendida, a partir de um número mínimo de pontos a construção poderá ser certificada, podendo ser prata, ouro ou platina.

O fato de possuir parte do prédio tombado pelo patrimônio histórico, o que torna qualquer mudança na estrutura arquitetônica mais difícil, pode dificultar a conquista do certificado pelo Colégio. Porém o que importa é desenvolver em toda comunidade educativa a constante busca por medidas mais sustentáveis.

O Colégio Estadual Erich Walter, localizado em Santa Cruz na zona oeste do Rio de Janeiro, é a primeiro da América Latina a receber o certificado Leed Schools, própria para escolas que desenvolvem projetos sustentáveis.

Sobre o trabalho realizado na 2ª série do ensino médio, nas palavras do professor (P2):

“Em toda primeira aula, eu sempre falo que vai ser um trabalho diferente. Eles começam a conhecer sobre as lâmpadas, quais são as de led, quais não são, quais são as melhores, quantos interruptores são necessários num ambiente, dependendo do espaço, se há necessidade de se acenderem todas as luzes, se o Colégio está gastando muita energia, como utilizar a luz natural, o reaproveitamento de água que aqui não tem muito, eles fazem todo esse cálculo da área do telhado, da quantidade de chuva que caiu num determinado dia e quanto de água o Colégio poderia ter economizado, coletado e isso pode ser aproveitado para a vida deles também.”

Diante do exposto, fica clara a importância da oficina de sustentabilidade no sentido de despertar nos alunos a responsabilidade humana pelos graves problemas socioambientais por que passa a humanidade. Além disso, a oficina de sustentabilidade faz parte do entendimento de educação integral proposta pelo PEC. A formação para a cidadania global se faz presente no momento em que se relacionam os problemas socioambientais locais com os globais, criando assim uma cultura de respeito aos direitos humanos, construindo um sentimento de pertença a um mundo comum.

6.3 A OFICINA DE STEM

De forma simples e direta, STEM é um acrônimo em inglês usado para designar as disciplinas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (Science, Technology, Engineering and Mathematics).

No contexto educacional, o termo STEM tem hoje a função não só de identificar as quatro áreas, mas também de interligá-las, incentivando a

aprendizagem interdisciplinar, com foco na aplicação prática do aprendizado de forma criativa.

Hoje grandes empresas, ao contrário de contratar funcionários, reúnem grupos de pessoas de diversas áreas para pensar as soluções para os seus problemas. A oficina de STEM pretende proporcionar aos alunos estratégias cognitivas que lhes permitam pensar criticamente, tomar decisões e resolver problemas complexos e desafios. Segundo Pugliese (2017, p.39):

STEM educativo se apresenta como uma proposta inovadora no ensino de ciências. Há uma ideia de rompimento com o ensino tradicional passivo de ciências, no qual o aluno pouco interage com o objeto de estudo e não vê conexões com o mundo empírico. Frequentemente os programas educacionais STEM, tanto governamentais, quanto não governamentais, advogam que STEM educativo é uma forma libertadora do tradicionalismo e da aprendizagem não participativa, substituindo-a pela aprendizagem baseada em projetos.

A oficina de STEM é dividida em robótica para o 9º ano do ensino fundamental e internet das coisas para as 1ª e 2ª séries do ensino médio.

Quando se pensa em robótica, pensa-se em robô. E é isso mesmo que acontece. A robótica trabalha com o desenvolvimento e construção de dispositivos, robôs e máquinas capazes de desenvolver múltiplas tarefas. Mas não é só isso. Pode-se dizer que um dos grandes feitos da robótica foi a sua inserção no meio educacional.

O sul-africano Seymour Papert é um dos maiores visionários do uso da tecnologia na educação. Já na década de 1960 ele afirmava que toda criança deveria ter um computador na sala de aula. Naquela época, descreveu como as crianças poderiam programar computadores para controlar robôs, compor músicas, criar jogos, fazer desenhos etc. Pode-se afirmar que Papert foi o criador da robótica educacional. Sobre a robótica, dizia que o esboço dessa nova disciplina surgiria gradualmente, e o problema de situá-la no contexto da escola e no ambiente de aprendizagem aconteceria naturalmente (PAPERT, 2008).

Após conhecer Jean Piaget e o construtivismo, Papert criou a sua teoria na área de informática e a chamou de construcionismo, em que os alunos, através dos conhecimentos já adquiridos, criam novos objetos e adquirem novas aprendizagens. Defendia a ideia de que, para se enfrentar problemas inesperados, era preciso adquirir habilidades necessárias para participar da construção do novo ou então

resignar-se a uma vida de dependência. Para ele, a verdadeira habilidade competitiva é a habilidade de aprender e solucionar problemas (PAPERT, 2008).

Hoje os alunos estão imersos no mundo tecnológico e utilizam celulares e computadores com grande facilidade, mas, ao mesmo tempo, poucos entendem como funcionam, enquanto isso os conceitos de matemática, física e química para boa parte deles não fazem sentido. Contudo, a robótica como disciplina curricular pode ajudar o aluno a fazer a conexão entre os conhecimentos adquiridos na fabricação de circuitos elétricos e minirobôs com as tradicionais disciplinas dadas em sala.

Dentre os pressupostos educacionais que sustentam as opções feitas pela Rede Jesuíta, o uso das tecnologias aparece com destaque. Sobre esse assunto o PEC (2016, p.38) diz:

[...] há uma necessidade premente de reformulação do ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, de modo a rever espaços, recursos e metodologias, para que utilizem as tecnologias digitais para a inovação, considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre meios e fins. A meta é que os currículos contemplem discussões e o uso dos múltiplos meios tecnológicos na possibilidade de transpor os limites físicos e temporais da sala de aula.

Outro autor que discute a necessidade do emprego das tecnologias digitais no ambiente escolar é Tapscott (2010), que realizou uma pesquisa com cerca de dez mil jovens, conduzindo entrevistas que resultariam no livro "A Hora da Geração Digital". No livro, o autor faz uma reflexão sobre o grande abismo que existe entre o ambiente digital em que os estudantes estão submersos e o sistema educacional projetado para a Era Industrial. Segundo o autor,

O que importa não é mais o que você sabe, mas o que você pode aprender. Isso significa que os jovens da geração internet precisam de uma forma de educação diferente. [...] Entramos na era do aprendizado ao longo da vida. [...] A capacidade de aprender novas coisas é mais importante do que nunca em um mundo no qual você precisa processar novas informações em grande velocidade. TAPSCOTT (2010, p.155-156).

Apesar de estudos destacarem a importância do uso da tecnologia nas escolas, o principal objetivo da Oficina de STEM (robótica) no 9º ano do ensino fundamental é desenvolver nos alunos a capacidade de montar uma equipe de trabalho, fortalecendo a capacidade de executar tarefas em grupo, proporcionando assim que cada um desenvolva suas aptidões. No ano de 2019, os alunos

desenvolveram um protótipo de carro de Fórmula 1, que culmina com uma competição entre as equipes. Nesse caso, o mais importante não é o produto final e sim o processo de desenvolvimento do protótipo. Segundo o professor (P4)

“Quando se trabalha na montagem do robô (no caso o carrinho de Fórmula 1) o que se está querendo é que o aluno tenha um pensamento criativo e que saiba trabalhar em equipe, porque a geração que nasceu com a tecnologia precisa na verdade desenvolver a capacidade de saber o que fazer com ela.”

Sobre a importância do trabalho em equipe o professor (P3) destaca:

“Eu tenho sempre trabalhos em grupo com eles, então faço uma divisão porque existe uma importância muito grande no trabalho em equipe. Esse trabalho surge pelo fato de que todos têm que colaborar de uma forma ou de outra com a função do que é o trabalho dentro da comunidade. Então com isso eu passo a descobrir se determinado aluno tem possibilidade dentro da engenharia, da programação, da comunicação, do empreendedorismo, então cada um manifesta o seu desejo sem que seja forçado ou predeterminado.”

Outro ponto importante e inovador na oficina de STEM (robótica) é a possibilidade que o professor tem de trabalhar com conceitos de várias disciplinas, dependendo do projeto apresentado.

Sobre a possibilidade de se fazer um trabalho interdisciplinar o professor (P4) destaca:

“Então os alunos precisam projetar um carrinho, fazer um projeto no computador, pensar nos detalhes, no aerofólio. Isso tudo utilizando os conceitos da Física. Como eu sou professor de física, a gente fala da importância do aerofólio, dos conceitos eletrônicos etc.”

Outro professor (P3) acrescenta:

“Eu chego com um projeto, no caso o carrinho de Fórmula 1. Dentro da robótica, eu vou trabalhar com a área de mecânica, eletrônica e programação. Isso eu tenho que trabalhar com eles. Hoje em dia eu posso desenvolver também a parte do design do produto, que é o robô que você vai construir. Dentro de tudo isso, tem o trabalho em equipe que eu também vou desenvolver junto com o projeto que eu vou criar.”

Fica claro, nas falas dos professores, que, no processo de construção dos protótipos, o protagonismo do aluno fica evidenciado. Observa-se uma relação de troca, uma via de mão dupla aonde o professor chega com a ideia e os alunos passam a desenvolver.

Nas 1ª e 2ª séries do ensino médio, a oficina de STEM trabalhará com o que hoje se chama de internet das coisas (IoT Internet of Things). De forma bem resumida o conceito de internet das coisas significa a conexão de qualquer dispositivo eletrônico com uma rede de computadores, que ampliam a comunicação entre pessoas e objetos e entre objetos de forma autônoma, automática e sensível ao contexto. (LEMOS, 2013).

Na oficina de STEM (internet das coisas), os alunos das 1ª e 2ª séries do ensino médio, no ano de 2019, fizeram um trabalho interdisciplinar com a oficina de sustentabilidade. Assim, desenvolveram dispositivos eletrônicos para medir a temperatura ambiental e a umidade do ar de alguns locais da escola e a umidade do solo da estação ambiental, integrando esses dados a uma rede de computadores. Desse modo todos os alunos da escola puderam utilizar seus celulares para acessar as informações. Da mesma forma, a oficina de sustentabilidade utiliza essas informações nas suas aulas. Todos esses dados são expostos num site e catalogados sendo utilizados na oficina de sustentabilidade e nas disciplinas de geografia, matemática e física.

Sobre a oficina de STEM (internet das coisas) e a sua conexão com a oficina de sustentabilidade o professor (P3) nos diz:

“Eu sou professor de matemática e física, então não dá para colocar um circuito para eles, colocar um sensor de temperatura ou de umidade e não falar da relação da corrente elétrica, da resistência. Todos esses conceitos estão ali, na sequência das aulas, eles têm que cadastrar um site. Na internet das coisas, você tem um equipamento mandando dados para um site e você se comunica com esse site, então o site faz um casamento da informação de campo com o seu laboratório e você consegue definir parâmetros, números de dados, semana, dia, você consegue catalogar todas as informações para trabalhar de forma ampliada.”

Percebe-se que o objetivo da oficina de STEM está além da tecnologia e da montagem de carrinhos e circuitos elétricos. Busca-se, portanto, o desenvolvimento

da capacidade de o aluno resolver problemas, recuperando o prazer de saber como as coisas são montadas, como funcionam. Voltar àquela oficina de garagem, àquela velha oficina do terraço abandonada onde se consertavam os materiais, os equipamentos, os eletrodomésticos. Ao consertar percebia-se o funcionamento. A oficina de STEM trabalha voltada para a descoberta, para a criatividade, revelando a essência das coisas. Com a oficina de STEM, o Colégio reafirma sua intenção de empreender uma real inovação metodológica.

Diante da reflexão feita, fica clara a interdisciplinaridade proposta pela oficina de STEM quando supera a visão estática do ensino das ciências. Propõe também uma aprendizagem centrada no aluno indo ao encontro das propostas do PEC e da formação para a cidadania global. Além disso, busca solucionar problemas locais, quando aproxima a oficina de STEM com a de sustentabilidade, possibilitando o aluno a pensar em soluções para problemas reais.

Segundo (Lorenzin; Assumpção; Bizerra, 2018, p.207) a organização atual do ensino das ciências apresenta a área como uma disciplina isolada, pautada em conteúdos sequenciais. Portanto, é preciso transformá-la a fim de que a produção do conhecimento seja percebida como um processo de construção humana na qual considera os processos históricos, criativos e investigativos, inerentes à construção do conhecimento científico. Segundo os autores, “transformar o currículo de ciências, originalmente organizado nas disciplinas de física, química e biologia, é um grande desafio para a escola”.

É importante trazer aqui algumas reflexões de (Lorenzin; Assumpção; Bizerra, 2018) acerca da implantação do STEM nas escolas. Os autores relatam uma experiência realizada numa escola privada de São Paulo, onde, a introdução do STEM no currículo se deu através de projetos interdisciplinares implementados nos laboratórios de química, física e biologia, como alternativa à organização tradicional do ensino das ciências.

Dessa forma, acredita-se que os projetos interdisciplinares criam vínculos entre a teoria e a prática, com o objetivo de integrar conhecimentos e, ao mesmo tempo, contemplam elementos da aprendizagem centrada no aluno, engajando os mesmos na solução reais de problemas.

Diante dessa análise, percebe-se que a implantação do STEM, através do Projeto Oficinas, aponta caminhos importantes para a superação do ensino tradicional das ciências.

6.3.1 Design Thinking e a Oficina de STEM - aplicação de uma abordagem pedagógica.

Desde os primeiros humanos, passando pelos artesões da Idade Média, o homem imagina e cria objetos com o intuito de melhorar a sua condição de vida e da sociedade. A partir do século XVIII, com o início da Revolução Industrial o termo design surgiu para identificar o processo de criação de ferramentas e objetos que seriam utilizados para aumentar a produtividade nas fábricas.

Pode-se definir o Design Thinking - (DT) como o “pensamento de design”, ou seja, a forma como os designers geram e aprimoram ideias para, então, efetivar soluções. Design Thinking é uma abordagem prática-criativa que visa à resolução de problemáticas em diversas áreas empresariais, principalmente no desenvolvimento de produtos e serviços, agindo com base na coletividade colaborativa. (BROWN, 2010)

Assim, o Design Thinking - (DT) pode ser entendido como o processo que busca solucionar problemas de forma colaborativa e criativa baseado no pensamento estratégico do design, sendo tratado como uma metodologia para criação de novas ideias.

O termo ganhou popularidade com o lançamento do livro “Design Thinking – uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias”, de Tim Brown, CEO da Ideo, empresa de design norte-americana. Aplicada em várias áreas, a teoria de Design Thinking foi incorporada também à educação. Apesar de não ser um livro dedicado à educação, Brown demonstra a importância da sua teoria para as crianças e jovens. Segundo o autor: (Brown, 2010, p.35)

Explorar o mundo com nossas mãos, testar ideias construindo-as, interpretar papéis e inúmeras outras atividades são todas características naturais de crianças brincando. Quando entramos no mundo adulto, contudo, perdemos a maior parte desses preciosos talentos. O primeiro lugar onde isso começa a acontecer é a escola. O foco no pensamento analítico e convergente é tão dominante que a maioria dos alunos sai da

escola acreditando que a criatividade não é importante, ou que é privilégio de alguns poucos excêntricos talentosos.

Ainda segundo Brown (2010), o Design Thinking se beneficia da capacidade de todos os envolvidos para a resolução das questões apresentadas, ou seja, um conjunto de princípios que podem ser aplicados por diversas pessoas a uma ampla variedade de problemas. Para Cavalvanti (2014), o Design Thinking é uma abordagem humanista de inovação e criatividade, centrada no trabalho colaborativo partindo de uma perspectiva multidisciplinar embasada em princípios de engenharia, design, artes, ciências sociais e descobertas do mundo corporativo.

Quando se aplica o DT na escola, deve ficar claro que o mesmo não se trata de uma metodologia e sim de uma abordagem, aplicável na escola, a fim de contribuir para formar pessoas que possam, diante de um desafio, conseguir interpretar o problema, criar soluções, experimentar, avaliar e modificar. Outro aspecto importante a se destacar é que, durante todo o trabalho desenvolvido na abordagem do DT, não existe produção sem compartilhamento de ideias e opiniões. Segundo o professor (P3):

“A gente pega algumas ferramentas do DT para que a gente possa trabalhar. Então tem duas que eu uso muito, uma é o storytelling que é a parte de desenvolvimento e criação de empatia para a elaboração do projeto para que eles possam comprar a ideia de que esse projeto é viável, e o outro é a ideação que é a parte do suporte, a concepção do projeto.”

Na oficina de STEM, o DT é usado como ferramenta que vai ajudar na motivação dos alunos para trabalhar no desenvolvimento dos projetos apresentados trabalhando a parte da comunicação, marketing e design.

6.4 A OFICINA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA.

A oficina de produção artística é dividida em teatro para o 9º ano do ensino fundamental e a 1ª série do ensino médio e agência de comunicação e memória para a 2ª série do ensino médio.

Desde meados do século XVI, os jesuítas utilizavam o teatro como instrumento pedagógico de seus alunos, mas também no ensinamento de dogmas católicos.

Por conta dos estudos realizados, Coelho (2014) considera o teatro como uma atividade potencialmente muito produtiva no universo escolar, capaz de promover habilidades essenciais para o desenvolvimento integral do aluno, muitas vezes, negligenciadas pela grade curricular obrigatória. Segundo a autora, na educação, o teatro apresenta-se como excelente ferramenta, já que atua como um recurso importante para a formação comportamental. Por meio de jogos teatrais e do trabalho no palco é possível acionar, sem muito esforço, cinco inteligências e desenvolver as habilidades a elas relacionadas:

- A inteligência cenestésica, utilizando o corpo para se expressar e resolver problemas;

- A inteligência interpessoal, por exemplo, nas improvisações, em que um contracena com outro sem texto prévio e necessita desenvolver a capacidade de entender e responder adequadamente a estímulos e intenções reveladas no jogo de cena;

- A inteligência espacial;

- A inteligência musical;

- A inteligência linguística na ocasião da escolha do texto a ser encenado, assim como em todo o processo de montagem de peças.

Assim, observa-se que na atividade teatral o aluno terá diante de si uma das mais antigas atividades artísticas e manifestações culturais da humanidade, e que, por sua representação estética, social e educativa, contribui para o desenvolvimento da comunicação e expressão por meio do diálogo e da interação coletiva, tornando-se indubitavelmente importante recurso pedagógico e didático para o desenvolvimento do jovem.

Na oficina de teatro, o aluno cuida de cenário, figurino, trilha sonora, sonoplastia e de tantas outras funções quantas forem necessárias para que o resultado seja a afirmação da autoria dos integrantes. No final de cada trimestre, os grupos selecionados apresentam um esquete, na hora do recreio, para toda a série. É certo que alguns alunos sentem dificuldade de participar. Sobre a participação dos alunos, segundo o professor (P5):

“Alguns alunos fogem do teatro, buscam não fazer porque se sentem com medo. Então eu digo: a gente está fazendo um produto artístico que só se consolida na frente do público,

então não é um perfume, não é uma televisão, não é uma salsicha, ele é um produto artístico, ele precisa se consolidar numa performance em frente ao público.”

É fato que a timidez impõe barreiras que afetam a área profissional e os relacionamentos pessoais. Muitas vezes, os alunos mais introvertidos, que não se sentem à vontade com o teatro, terão, na oficina, oportunidade de vencer essas barreiras.

Estar apto a se inserir no mundo, desvencilhando-se das amarras que o prendem, tomando conhecimento de quem você é para poder se mostrar perante o outro, é uma importante competência para se estar no século XXI.

Segundo o professor (P5):

“Você vai ter que se colocar perante uma comunidade de pares, comunidade de médicos e outros pesquisadores e vai precisar ter uma tranquilidade de se colocar, vai ter que encenar de certo modo, encenar a verdade, ser persona, por onde soa vai ter que soar de um modo que possibilite entenderem o que você quer passar, qual a mensagem que você quer passar.”

Fica claro que o teatro, introduzido na grade curricular do 9º ano do ensino fundamental e da 1ª série do ensino médio, torna-se uma importante inovação dentro da escola. Não se trata de um curso de teatro, mas a oportunidade de os alunos se tornarem pessoas melhores, desenvolvendo a capacidade de liderança, de leitura do mundo e da oratória, habilidade que também é desenvolvida na oficina de linguagem. No teatro, as lideranças ficam evidentes rapidamente e, via de regra, são utilizadas de maneira a promover o crescimento do grupo.

6.4.1 Agência de Comunicação e Memória – 2ª série/EM

Na perspectiva de um colégio centenário e de famílias que, de geração em geração, frequentaram suas salas de aula, torna-se urgente resgatar e organizar sua memória.

Segundo Scifoni (2017, p.12):

Fotos antigas, roupas de infância, álbuns de figurinhas, brinquedos antigos, toda pessoa guarda algum tipo de objeto que remete à experiência vivida

em seu passado, ainda que ele seja muito recente. A guarda desses objetos pessoais se dá na medida em que cada um deles é capaz de mobilizar lembranças, necessárias à compreensão do que somos como indivíduo humano, ou seja, da formação de uma identidade.

Dessa forma, o objetivo da oficina de comunicação e memória é justamente metodizar toda essa documentação do passado, que está predominantemente em fotografias, e pensar, daqui para a frente, o que na verdade é documentável, o que é memória e o que vai ser importante daqui a algum tempo. Assim, o Colégio entrega a essa oficina a incumbência de registrar e guardar a memória do presente, pensar a memória para o futuro e, ao mesmo tempo, organizar a memória do passado.

Sobre a importância de se preservar a memória, Menezes (1984, p.340) destaca que exilar a memória do passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziado para o vazio do futuro. É a memória que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento que torna legítimo o fluxo dos acontecimentos.

Além disso, ensinar os nossos alunos a preservar a memória da escola é, ao mesmo tempo, ensinar a respeitar a sua rua, o seu bairro, a sua cidade e o patrimônio histórico.

O professor (P6) fala sobre o trabalho realizado na oficina de produção artística.

“O primeiro dia em que o aluno chega, a gente mostra fotos antigas da escola, livros antigos, álbum de retratos, de turmas e tal, vídeos, e a gente deixa os alunos se divertirem com isso, depois mostra para eles e como eles se divertem com coisas pequenas do tipo: o chão era diferente e o campo era maior, ih, não tinha essa quadra, ih, o laboratório era não sei o que, ih, o aluno ficava sem camisa, sabe, eles se surpreendem com coisas muito pequenas que se você perguntasse para ele formalmente, ah, o que você gosta no colégio, ele nunca se lembraria disso, mas ele vê um uniforme diferente e ele acha legal, a gente faz essa discussão de memória no primeiro dia, fala que a memória envolve tanto coisas micro como macro, tanto o complexo esportivo novo que é uma coisa macro que todo mundo percebe até que o uniforme era diferente, e a

gente faz eles pensarem no primeiro dia de aula, e, no segundo dia, a gente debate com eles o que será que existe hoje que no futuro será lembrado com curiosidade ou com saudade. Então vamos pensar que tipo de coisa a gente pode mapear que daqui a 20 anos, quando você voltar com seu filho aqui, você vai falar assim, olha, a minha festa junina era assim ou olha, o sábado esportivo era assim.”

Assim, a partir da 3ª aula, os alunos começam a produzir o que seria um artigo de jornal, em primeira pessoa, sobre um aspecto do Colégio, que pode ser a vida de um ex-funcionário ou as mudanças ocorridas na escola, comparando o antes e o depois. Vários temas são propostos pelos alunos e professores e cada grupo escolhe o que vai pesquisar. Durante as próximas sete ou oito aulas, as entrevistas, as fotos e todo material encontrado são tratados e avaliados, sempre orientados pelos professores. Nas duas últimas aulas, o professor pede que os alunos façam um vídeo de um a dois minutos, não só mostrando as imagens do que eles viram, mas abordando a experiência de falar sobre a memória do Colégio Santo Inácio, imaginando o que possa surpreender uma pessoa que venha assistir a esse vídeo no futuro.

Segundo Scifoni (2017), provocar o grupo a pensar sobre a possibilidade da perda destes objetos de memória, por outro lado, ajuda a compreender que a permanência destes tem um papel existencial, na composição dos indivíduos.

Assim, a oficina de comunicação e memória torna-se um processo ativo de apropriação, valorização e fortalecimento da herança cultural da escola, incorporando o senso de respeito e responsabilidade na valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural da escola, do bairro, da cidade, do país e da humanidade.

No momento em que a educação para a cidadania global é reconhecida como fundamental para a criação de um mundo de paz, aprender a prezar pelo patrimônio histórico é pressuposto básico para que nossos alunos se reconheçam como comunidade e, conseqüentemente, como cidadãos do mundo, enxergando-se como parte integrante da humanidade e, portanto, responsável pela sua continuidade.

Dessa forma, após a análise, observa-se que o Projeto Oficinas poderá ser um caminho de inovação na medida em que desafia toda a comunidade educativa a rever suas práticas pedagógicas. O currículo, fragmentado em disciplinas e arraigado ao passado, poderá ser repensado na medida em que houver

possibilidade de trocas entre os professores das oficinas e os professores das disciplinas tradicionais, estabelecendo uma cultura colaborativa imprescindível para a consolidação de qualquer projeto inovador.

No próximo capítulo serão apresentadas as mudanças ocorridas no Projeto Oficinas e sua importância como motivador de mudanças.

7 PERSPECTIVAS DE FUTURO DO PROJETO OFICINAS

Desde o lançamento do PEC em 2016, que alertou os colégios da rede jesuíta para que buscassem um caminho de inovação capaz de responder com responsabilidade aos desafios do século XXI, o Colégio Santo Inácio vem passando por transformações no seu currículo, metodologias e espaço físico. No ano de 2019, com a conclusão do seu novo projeto político pedagógico e da organização e do desenvolvimento do seu planejamento estratégico, algumas propostas práticas foram apresentadas, principalmente voltadas para a inovação curricular e metodológica.

No final do ano letivo de 2019, a escola afirmou mais uma vez o seu apoio ao Projeto Oficinas e projetou a sua extensão para outros segmentos com a necessidade de fazê-los de uma maneira verticalizada. Vários espaços do Colégio estão sendo revitalizados, procurando atender às novas práticas educativas. Os novos espaços têm o papel de potencializar práticas inovadoras, em que a aprendizagem reflita os princípios que norteiam e apoiam esse processo. Segundo o coordenador (C2):

“Um colégio como o Santo Inácio que tem um aluno que fica aqui 12 anos, quando os pais estão numa reunião com a Direção e matriculam o filho na 1ª série do ensino fundamental, a diretora tem que demonstrar, por atos compromissos e ações, um projeto pedagógico que apresente um fio condutor, porque aquela pessoa será uma só, ela vai mudar, vai avançar, vai amadurecer, e esse fio condutor, o Colégio, tem que ser capaz de apresentar. Assim nós continuamos a nos preocupar, no 12º ano do aluno na escola, com as mesmas questões com que nos preocupamos no seu 1º ano no Colégio. Então a escola viu que o Projeto Oficinas pode proporcionar isso.”

Dentro desse contexto, observou-se que o Projeto Oficinas, iniciado de forma ousada no 9º ano do fundamental e nas 1ª e 2ª séries ensino médio, deveria se estender para toda a escola. Assim, mais uma vez, o Projeto Oficinas foi reavaliado e reformulado, não no seu espírito, mas na sua estruturação e no seu organograma.

Dessa forma, foram estabelecidas três linhas de inovação (linguagem, ciência e tecnologia e ciências da natureza) que deverão se estender desde o fundamental 1 até o ensino médio.

Dentro desse formato, a oficina de produção artística não será mais oferecida. Segunda a diretora (D1), o teatro, no currículo até então do 9º ano e da 1ª série do ensino médio, passa a ser oferecido no currículo dos anos iniciais do ensino fundamental, enquanto a agência de comunicação, no ensino fundamental 2.

Segundo o Coordenador (C2), as definições de três eixos estratégicos estão de acordo com um prenúncio do que deverão ser os itinerários, ainda em desenvolvimento na BNCC, e na reforma do ensino médio.

A seguir, o desenho do organograma proposto pelo planejamento estratégico seguindo os três eixos de inovação.

Quadro 9 - Organograma proposto pelo planejamento estratégico

	LINGUAGEM	CIENCIA & TECNOLOGIA	SUSTENTABILIDADE
EF 1	Expressão oral Rádio (podcast), Teatro, leitura em voz alta	Jogos - digitais e analógicos Robótica Sala de sucata – espaço maker	Atividade de reciclagem Horta
EF 2	Expressão visual Agência de comunicação (registro e memória) Comunicação interna (publicidade e sinalética)	Tecnologia de sustentabilidade Engenharia Habilidade construtiva	Área construída – uso racional, inteligente, sustentável dos recursos
EM	Expressão oral Leitura em voz alta, discurso e debate.	STEM	Estação Ambiental e certificações

Fonte: elaborado pelo autor

Diante da nova configuração, segue abaixo o organograma das oficinas que serão oferecidas no ano de 2020 no 9º ano/EF a 2ª série/EM

Quadro 10 - Oficinas oferecidas no ano de 2020.

OFICINAS	9º ANO/EF	1ª SÉRIE/EM	2ª SÉRIE/EM
LINGUAGEM	Leitura	Discurso	Debate
SUSTENTABILIDADE (ciências da natureza)	Certificação unesco Cultura e reflorestamento Dados paramétricos	Cultura e reflorestamento Dados paramétricos	Monitoramento de certificação leed
STEM (ciência e tecnologia)	Robótica	Stem Internet das coisas	Stem Internet das coisas

Fonte: elaborado pelo autor

Diante desse cenário, nota-se claramente o caminho que o Colégio Santo Inácio deseja seguir. Quando o Colégio verticaliza o Projeto Oficinas dos anos iniciais do ensino fundamental ao ensino médio, percebe-se a coerência, quando percorre uma sequência educacional, aprofundando eixos considerados fundamentais para a formação de cidadãos globais como a linguagem, a tecnologia e a sustentabilidade.

Segundo Reimers et al. (2017, p.18): “Se o propósito da educação é capacitar todas as crianças e jovens para que se tornem cidadãos globais, devemos elevar o nível de nossas aspirações sobre o que significa educar bem”. O Projeto Oficinas evidencia a intenção do Colégio de promover uma aprendizagem sustentada incluindo no seu currículo competências que até então não são contempladas nas suas aulas tradicionais. Entretanto, é preciso pensar em processos que avancem na direção de um movimento de renovação e inovação curricular dentro da escola que não esteja restrito apenas às oficinas. O Projeto Oficinas pode contribuir para a aproximação das diferentes áreas de conhecimento fazendo o aluno perceber as conexões existentes entre as disciplinas.

Segundo os autores, existem duas maneiras de se introduzir a ECG: incluindo em um currículo preexistente ou num currículo separado. Ainda, segundo os autores, o ideal seria que as duas intervenções acontecessem ao mesmo tempo.

Porém, a inovação proposta pelo Projeto Oficinas optou por caminhar implementando aos poucos as novas metodologias. Segundo o entrevistado (C2)

“Lógico que trabalhamos em uma instituição cujas unidades são grandes. Nós também temos que ter muito cuidado quando mexemos com o currículo, estamos numa instituição que tem êxito, tem resultados positivos nos exames, crê e confia no que faz, não podemos dissolver aquilo que existe.”

Após reunir colaboradores de todos os continentes, a Rede Jesuíta de Educação chegou ao seguinte entendimento sobre o conceito de cidadania global:

Cidadãos globais são aqueles que buscam continuamente aprofundar sua consciência sobre seu lugar e responsabilidade, local e global, em um mundo cada vez mais interconectado; aqueles que se solidarizam com outros na busca de um planeta sustentável e um mundo mais humano, como verdadeiros companheiros na missão de reconciliação e justiça.

A educação para a cidadania global foi o tema central do 1º Congresso da Rede Jesuíta de Educação, realizado em São Paulo em outubro de 2019, onde foram apresentados vários projetos inovadores de todos os colégios da Rede Jesuíta Brasil, inclusive o Projeto Oficinas.

Corroborando com a definição da Rede Jesuíta de Educação, segundo Reimers et al. (2017, p.15), cidadania global é entendida como “o resultado de competências sobre como compreender, preocupar-se e influenciar questões globais e promover os direitos humanos”. Segundo os mesmos autores, “a educação para a cidadania global é essencial para criação de um mundo com paz e sustentável”.

Desde a sua criação, a Unesco sempre fez referências a uma educação voltada para os direitos humanos, promovendo a educação global. No seu último relatório intitulado “Educação para a cidadania global, preparando alunos para os desafios do século XXI” afirma que:

Em um mundo cada vez mais interconectado e interdependente, é preciso uma pedagogia transformadora, que capacite os alunos a solucionar desafios persistentes que envolvem toda a humanidade, relacionada ao desenvolvimento sustentável e à paz. (UNESCO, 2015, p.8).

No próprio ano da publicação deste relatório, em setembro de 2015, a ONU lançou os (ODS) - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, um apelo universal da

Organização das Nações Unidas à ação para acabar com a pobreza, proteger o planeta e assegurar que todas as pessoas tenham paz e prosperidade. São eles:

1. Erradicação da pobreza - Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.

2. Fome zero e agricultura sustentável - Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

3. Saúde e bem-estar - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

4. Educação de qualidade - Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

5. Igualdade de gênero - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

6. Água limpa e saneamento - Garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos.

7. Energia limpa e acessível - Garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e renovável para todos.

8. Trabalho decente e crescimento econômico - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos.

9. Indústria, inovação e infraestrutura - Construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

10. Redução das desigualdades - Reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles.

11. Cidades e comunidades sustentáveis - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

12. Consumo e produção responsáveis - Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

13. Ação contra a mudança global do clima - Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.

14. Vida na água - Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares, e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

15. Vida terrestre - Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda da biodiversidade.

16. Paz, justiça e instituições eficazes - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

17. Parcerias e meios de implementação - Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

De acordo com o que foi citado no subcapítulo 5.2, a oficina de sustentabilidade trabalha com os ODS buscando atingir o certificado PEA – Programa de Escola Associadas Unesco. Esse certificado garante ao Colégio poder receber materiais, eventual ou periodicamente, produzidos pela Unesco e participar de concursos internacionais lançados com frequência pela Unesco e outras instituições a ela ligadas. Por diversas vezes, alunos brasileiros foram convidados a viagens internacionais, em função dessas atividades. O principal benefício, porém, é participar de uma comunidade que trabalha pelo mesmo objetivo, troca informações, compartilha projetos e ideais. Isso catalisa os esforços e repercute positivamente nas escolas, que podem ampliar o trabalho pela cultura da paz, em todas as suas formas.

Indo mais além, segundo a Unesco (2016, p.22) a educação para a cidadania global, deve contemplar três dimensões conceituais de aprendizagem:

- Dimensão cognitiva: Aquisição de conhecimento, compreensão e pensamento crítico sobre questões globais, regionais, nacionais e locais, bem como sobre as inter-relações e a interdependência dos diferentes países e grupos populacionais;
- Dimensão socioemocional: Sentimento de pertencer a uma humanidade comum, que compartilha valores, responsabilidades, empatia, solidariedade e respeito às diferenças e à diversidade;
- Dimensão comportamental: Atuação efetiva e responsável, em âmbito local, nacional e global, por um mundo mais pacífico e sustentável.

Ao observar as três dimensões que contemplam a ECG, nota-se semelhança com a proposta educativa da Rede Jesuíta de Educação que, através dos tempos, busque uma educação para toda a vida de forma integral, que forme alunos competentes, conscientes, compassivos e comprometidos com os valores humanos, levando-os a intervir autonomamente na sociedade. (PEC, 2016).

Da mesma forma, a ECG proposta pela Unesco (2016, p. 15),

Aplica uma abordagem de aprendizagem ao longo da vida, que começa na primeira infância e continua em todos os níveis de ensino e na vida adulta. Essa abordagem requer “metodologias formais e informais, intervenções curriculares e extracurriculares e mecanismos de participação convencionais e não convencionais.

Fica claro, portanto, que o Projeto Oficinas está de acordo com os preceitos da ECG propostos pela Unesco.

Ao verticalizar o Projeto Oficinas, definindo linhas de inovação formada por três eixos, linguagem, ciência e tecnologia e sustentabilidade, incluindo as artes, o Colégio incorpora ainda mais o conceito de aprendizagem ao longo da vida, entrelaçando conteúdos e disciplinas, buscando tornar o aluno protagonista da sua aprendizagem.

Dessa forma, o Colégio introduz em todas as séries projetos inovadores que privilegiam a aprendizagem reflexiva, a experimentação, a troca de ideias entre alunos e professores, a criatividade e o compartilhamento crescente entre as áreas de conhecimento.

8 O PROJETO OFICINAS COMO INOVAÇÃO EDUCACIONAL

A inovação educacional implica em mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas. Fino (2011, p.51) relata uma conversa entre Paulo Freire e Seymour Papert em novembro de 1995, em que o educador sul-africano Seymour Papert propõe de forma provocativa três estágios de conhecimento por que passam nossas crianças desde o nascimento.

- 1- Desde o nascimento até à idade de entrar na escola, em que as crianças são aprendizes competentíssimos e autônomos;
- 2- A idade da escola, em que as crianças têm de desativar a autonomia do seu currículo pessoal de aprendizagem e aceitar ser ensinadas;
- 3- Depois da escola, em que os (poucos) “sobreviventes” do segundo estágio, não se sabe bem como, não desativaram de vez a autonomia e a curiosidade, regressam ao estágio inicial e recuperam o poder de continuar a aprender por sua própria iniciativa.

Com muito de verdade, Papert mostra a forma como a escola que se herdou, contemporânea da sociedade industrial da primeira metade do século XX, tornou-se inadequada e incapaz de se adaptar a necessidades de formação cada vez mais exigentes e sofisticadas. Os currículos, organizados pelas disciplinas tradicionais baseadas em aulas expositivas, inundam os alunos de informações irrelevantes, desconectadas e desprovidas de significado. As disciplinas fragmentadas em aprendizagens descontextualizadas, sem proporcionar condições para a comunicação entre os saberes, impedem o aluno de ter a visão do todo, dificultando o uso do conhecimento adquirido para a resolução de problemas reais.

Hoje, a escola deve ter a capacidade de formar sujeitos capazes de agir, mobilizando seus conhecimentos com vistas à tomada de decisões, estimulando a criatividade, a pesquisa e a descoberta. Se no passado, os “sobreviventes” citados por Papert eram aceitáveis, hoje, deveriam ser a maioria dos alunos que formamos.

Evidencia-se, portanto, que para transformar a escola é importante que se tenha coragem de incorporar novas propostas pedagógicas.

Dessa forma, o Projeto Oficinas é uma iniciativa importante do Colégio Santo Inácio-RJ visando transformar as metodologias de ensino. Sabe-se que é ainda um

pequeno passo nessa direção, porém acredita-se que projeto possa em longo prazo mudar radicalmente toda a forma de ensinar e aprender.

Sobre a introdução das oficinas, a professora (P7), em uma de suas falas, afirma que o Projeto Oficinas traz outras disciplinas que não caberiam no currículo tradicional. Pode-se perceber nessa fala o quanto a escola ainda convive com as duas formas de aprendizagem, uma tradicional em que o professor é o protagonista e outra inovadora com a implantação do Projeto Oficinas. Sobre esse dualismo, o coordenador (C2) afirma que o Projeto Oficinas precisa de um grupo motivado que leve a inovação para outras disciplinas. Segundo o entrevistado:

“Amanhã essas disciplinas deixarão de ser disciplinas inovadoras porque, diluídas no currículo de todas, já não vai saber definir esse papel de vanguarda. Eu posso dizer que o Projeto Oficinas é a vanguarda para contaminar, para levar essa nova perspectiva metodológica para outras áreas.”

Da mesma forma, o professor (P4), afirma que “o Colégio nunca informou para a gente que o Projeto Oficinas estava pronto. Nós estamos construindo isso com uma proposta muito inovadora e desafiadora para todos nós”.

Analisando esse aspecto e falando sobre o papel da oficina, o professor (P6) observa:

“Mas a ideia da oficina é importante no mundo de hoje, o mundo do trabalho precisa de proatividade, então é preciso formar outro modelo de educação, a gente se ressentiu um pouco disso, na verdade o que se espera da maioria dos profissionais hoje é, acha o seu espaço e inova, acha seu espaço e brilha.”

Outro destaque do Projeto Oficinas é que todos os encontros são oferecidos num ambiente diferenciado, fora das salas de aula tradicionais. Esse aspecto, por menor que possa parecer cria no aluno uma expectativa positiva para as aulas.

8.1. A Relação entre as Oficinas, o PEC e a Formação Integral.

Como já foi destacada anteriormente, a educação integral é o selo mais marcante da educação jesuíta. Na verdade, ela traduz a essência da missão dos colégios da Companhia de Jesus. Segundo Klein (2017) na história pedagógica

jesuíta desde os Exercícios Espirituais, passando pelos Modos Parisienses, a Ratio Studiorum e os documentos pedagógicos recentes, está presente a perspectiva integral do processo educativo.

O PEC foi lançado em 2016 com a responsabilidade de ser um documento geral com o objetivo de orientar e propor caminhos claros, objetivando mudanças significativas na prática educativa de nossos colégios, “capaz de responder com responsabilidade, inovação e fidelidade aos desafios hodiernos diante de um cenário complexo em que vivemos”. (PEC 2016 p.13). O documento introduz a ideia de romper com as práticas educativas em que o aluno é apenas receptor de informações passando a ser o protagonista do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o aluno passa a ser o centro e o foco do trabalho, transformando nossas escolas em centros de aprendizagem. O PEC expõe também que cada unidade educativa trabalhará para construir um projeto educativo capaz de transformar a sociedade. (PEC, 2016 p.17).

Analisando o documento fica claro que o protagonismo do aluno na ação educativa e a aprendizagem integral são as marcas das propostas apresentadas.

Vela ressaltar que o PEC substitui os termos Formação Integral e Educação Integral, muito usado em outros documentos, pela Aprendizagem Integral mostrando assim a mudança de foco, deslocando o eixo de ensino para aprendizagem.

É meta, para os próximos anos, colocarmos o aluno no centro do processo educativo, buscando um currículo que faça sentido e dê sabor a suas vidas. Buscamos, em 2020, ser uma rede de “Centros de Aprendizagem Integral”, onde a excelência acadêmica seja fruto da construção coletiva do conhecimento, com um currículo integrado e integrador que resulte em vidas transformadas para o bem de uma nova sociedade. (PEC, 2016 p.14)

Com a mudança conceitual, nota-se claramente que a centralidade do estudante no processo educativo está presente em todas as suas dimensões, cognitiva, social, emocional e afetiva. Em outra citação, o documento explicita esse novo enfoque. Segundo o documento:

O foco central baseia-se nas aprendizagens que os estudantes têm em coerência com a proposta para a formação integral, que é própria da tradição educativa da Igreja e, por suposto, da Companhia de Jesus. Daí deriva o conceito de aprendizagem integral. (PEC 2016, p.31).

Em outra citação, o documento reforça:

A proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos na construção de um mundo mais justo, fraterno, solidário, inclusivo e cristão. Outrossim, reposicionamos como obra apostólica da Companhia de Jesus, voltadas para uma educação com incidência política e social, uma educação para cidadania. (PEC 2016, p.37).

Nota-se que o PEC nos faz pensar numa formação integral voltada para servir ao próximo e a sociedade, formando cidadãos criativos que saibam discernir e oferecer soluções para os problemas da humanidade.

No Congresso Internacional de Delegados de Educação da Companhia de Jesus – JESEDU, realizado no Rio de Janeiro no ano de 2017, que reuniu 117 participantes de diferentes lugares do mundo e que teve como foco o desafio de criar uma agenda comum para o trabalho educativo e de formular respostas globais frente aos quatro temas principais do congresso: Inovação, Diálogo inter-religioso, Justiça Social e Ecologia e Trabalho em Rede, em seu discurso final, o Superior-Geral da Companhia de Jesus, Pe. Arturo Sosa, falou sobre a presença da educação jesuíta espalhada pelo mundo e do compromisso com a educação de caráter global.

Nossa presença em tantos lugares e culturas do mundo nos permite criar e apresentar propostas de formação para uma visão intercultural do mundo, na qual todos os seres humanos são possuidores de uma cidadania global. (JESEDU,2017, p.10).

Hoje, a aceleração da globalização leva-nos a dar ênfase a uma educação que prepare o aluno para sua integração nesse processo, de forma que ele possa compreender esse fenômeno. A grave crise civilizatória por que se passa requer outro tipo de educação, mais comprometida em busca de soluções aos graves problemas enfrentados pela humanidade.

Uma nova perspectiva de educação integral proposta pela Rede Jesuíta de Educação passa pela formação de cidadãos globais que respondam de maneira eficaz aos desafios dos tempos atuais.

Formar para a cidadania global estimula que o respeito por direitos humanos, justiça social, diversidade, igualdade de gênero e sustentabilidade ambiental devem ser condição primordial para se viver melhor, construindo assim um sentimento de pertença a um mundo comum, com problemas comuns que necessitam de respostas urgentes a seus grandes dilemas. Educar para a cidadania global leva os alunos a

usar suas potencialidades para resolver problemas reais, buscando soluções criativas e colaborando com os outros.

Segundo Harari (2018, p.142) se essa geração não tiver uma visão abrangente do cosmos, o futuro da vida será decidido aleatoriamente. Indo além o autor afirma:

Os grandes desafios do século XXI serão de natureza global. O que acontecerá quando a mudança climática provocar catástrofes ecológicas? O que acontecerá quando computadores sobrepujarem os humanos em uma quantidade cada vez maior? O que vai acontecer quando a biotecnologia nos permitir aprimorar o humano e estender a duração da vida? Sem dúvida teremos enormes discussões e conflitos quanto a essas questões. (HARARI, 2018, p.142).

Nota-se a preocupação do autor com os grandes problemas por que passa a humanidade. Certo de que as mudanças estão acontecendo rapidamente, discutindo o papel da escola, o autor afirma que as mesmas deveriam enfatizar mais as habilidades para propósitos genéricos da vida. Prossegue afirmando que “o mais importante de tudo é aprender a lidar com mudanças, aprender coisas novas e preservar seu equilíbrio mental em situações que não lhe são familiares”. (Harari, 2018, p.323).

Da mesma forma, Reimers et al. (2017) nos fala da importância de se educar para um mundo cada vez mais interconectado e interdependente. É preciso uma pedagogia transformadora, que capacite os alunos a solucionar problemas que envolvem toda a humanidade, relacionados ao desenvolvimento sustentável e à paz.

Dessa forma, educar cidadãos globais competentes é uma tarefa árdua que se apresenta às escolas jesuítas.

Segundo o relatório da Unesco (2015), a educação para a cidadania global é um marco paradigmático que sintetiza o modo como a educação pode desenvolver conhecimentos, habilidades, valores e atitudes de que os alunos precisam para assegurar um mundo mais justo, pacífico, tolerante, seguro, inclusivo e sustentável. Ainda segundo o relatório educar para a cidadania global

Refere-se mais a um sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e à humanidade comum, bem como de promover um “olhar global”, que vincula o local ao global e o nacional ao internacional. Também é um modo de entender, agir e se relacionar com os outros e com o meio ambiente no espaço e no tempo, com base em valores universais, por meio do respeito à diversidade e ao pluralismo. Nesse contexto, a vida de cada

indivíduo tem implicações em decisões cotidianas que conectam o global com o local, e vice-versa. (UNESCO 2015, p.14).

Ainda segundo o documento da Unesco, a ECG deve fomentar no aluno:

- Uma atitude apoiada por um entendimento de múltiplos níveis de identidade e o potencial para uma identidade coletiva que transcenda diferenças individuais culturais, religiosas, étnicas ou outras;
- Um conhecimento profundo de questões globais e valores universais como justiça, igualdade, dignidade e respeito;
- Habilidades cognitivas para pensar de forma crítica, sistêmica e criativa, incluindo a adoção de multiperspectivas que reconheçam as diferentes dimensões, perspectivas e ângulos das questões;
- Habilidades não cognitivas, incluindo habilidades sociais como empatia e resolução de conflitos, habilidades de comunicação e aptidões de construção de redes e de interação com pessoas com diferentes experiências, origens, culturas e perspectivas;
- Capacidades comportamentais para agir de forma colaborativa e responsável a fim de encontrar soluções globais, bem como para lutar pelo bem coletivo.

Petraglia (2011), destaca que o desenvolvimento do mundo moderno dotou a humanidade de magníficos feitos, porém, transformou o ser humano, de certa forma, numa espécie egoísta e sem noção de solidariedade. Assim, uma educação ligada à vida, em que os alunos sejam preparados para enfrentar os desafios, imprevistos e incertezas da humanidade, torna-se fundamental neste momento de crise planetária. A autora adverte sobre a agonia planetária num mundo de incertezas que se instalam no presente e no futuro, ressaltando que a solidariedade entre os humanos e o desenvolvimento de uma consciência planetária podem ajudar a humanidade a enfrentar seus desafios. Segundo Petraglia (2011, p.75):

Se a agonia canalizasse para essa tomada de consciência por parte dos indivíduos, das sociedades e do planeta, promovendo-se as transformações e a reconstrução a partir das ruínas, a crise terá sido válida, infinitamente positiva e educativa para os seres humanos.

Na mesma linha, o PEC lança as bases de uma educação para cidadania global quando afirma que:

A educação que oferecemos será inclusiva, pautada em valores éticos e cristãos, uma vez que acreditamos ser possível educar crianças, adolescentes e jovens para que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos na construção de um mundo mais justo, fraterno, solidário, inclusivo e cristão. (PEC, 2016, p.23).

Em outra citação, o PEC fala claramente sobre a educação de excelência acadêmica e a formação de líderes globais. Segundo o documento:

Que Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, e São José de Anchieta, padroeiro da Província Jesuíta do Brasil, intercedam junto a Deus por nossas comunidades educativas, para que, por meio de uma educação de excelência, formemos cidadãos globais, líderes no serviço, academicamente competentes e eticamente responsáveis, comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária e inclusiva. PEC (2016, p.18).

O Projeto Oficinas é um processo concreto de inovação que está inserido no movimento de renovação educacional das escolas da Rede Jesuíta de Educação, quando oferece novas metodologias de ensino em que se destacam o protagonismo do aluno, o trabalho criativo, a resolução de problemas, o desenvolvimento da oratória e o trabalho em equipe, competências e habilidades que estão de acordo com os preceitos da educação para a cidadania global.

De acordo com a Diretora (D1), o Projeto Oficinas se insere num projeto maior de inovação do Colégio, nascida da necessidade de oferecer novas competências aos estudantes. Para o coordenador (C2), nas oficinas existe, uma preocupação primordial que é exatamente oferecer uma formação que esteja em conformidade com esse mundo, essa forma de viver, esse mundo do século XXI.

Olhando para o futuro, pode-se afirmar que o desenvolvimento dessas competências é uma questão de sobrevivência para se viver no século XXI.

Sabe-se que o Colégio Santo Inácio oferece uma educação de qualidade, estando sempre entre os primeiros lugares nos vários vestibulares. Mas isso só não basta. O estudante hoje recebe muitas informações, as aulas tradicionais e expositivas, nas quais o conteúdo é massificado de forma exaustiva, servem a um propósito, que é a aprovação nos vestibulares. Na verdade, muito do que foi ensinado será esquecido e o pouco do que ficou será colocado em prática. Dessa forma, a competência acadêmica hoje deve priorizar a aplicabilidade do conhecimento adquirido para a solução de problemas reais.

Segundo o PEC (2016, p.15), “a educação que oferecemos será pautada em valores éticos e cristãos, uma vez que acreditamos que seja possível educar crianças, adolescentes e jovens para que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos”. O próprio PEC (2016, p.30), define as quatro expressões mencionadas como valores da formação inaciana da seguinte forma:

Competentes: profissionalmente falando, tem uma formação acadêmica que lhes permite conhecer, com rigor, os avanços da tecnologia e da ciência.

Conscientes: Além de conhecerem-se a si mesmos, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, tem um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios.

Compassivos: São capazes de abrir seus corações para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem.

Comprometidos: Sendo compassivos, empenham-se honestamente e desde a fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e das estruturas sociais para alcançar a justiça.

Nota-se que o termo competência acadêmica só será realmente relevante se acompanhado dos outros três termos, pois, só então, a competência que se espera estará a serviço da sociedade, formando realmente cidadãos globais. Assim, é possível formar para uma excelência acadêmica, humana e integral.

As oficinas buscam essa competência acadêmica, humana e integral recuperando no aluno a capacidade criativa, o espírito inovador, inerente a todos nós. O coordenador (C2) afirma que:

“O que as oficinas almejam é exatamente desenvolver no aluno essa possibilidade e essa oportunidade de ser mais criativo e de resolver problemas do nosso cotidiano, então, de uma forma simples, seria dar a oportunidade a um número cada vez maior de alunos a serem também inventores, a resolverem problemas que antes nós deixávamos nos laboratórios com cientistas qualificados ou com inventores gênios.”

Dentre os pressupostos educacionais que sustentam as opções feitas pela Rede Jesuíta, o uso das tecnologias aparece com destaque. Sobre esse assunto o PEC (2016, p.38) diz:

Nesse sentido, há uma necessidade premente de reformulação do ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas, de modo a

rever espaços, recursos e metodologias para que utilizem as tecnologias digitais para a inovação, considerando, conforme o critério que norteia os trabalhos apostólicos da Companhia, a relação entre meios e fins. A meta é que os currículos contemplem as discussões e o uso dos múltiplos meios tecnológicos na possibilidade de transpor os limites físicos e temporais da sala de aula.

O professor (P4) afirma que na Oficina de STEM *“a gente não está simplesmente montando robô, a gente está querendo que esse aluno tenha um pensamento criativo, que ele saiba se comunicar, que ele saiba colaborar, que ele saiba trabalhar em equipe”*.

Outro trecho da entrevista do professor (P4) mostra claramente a relação que ele faz entre o Projeto Oficinas e a aprendizagem integral quando fala que acredita muito no desenvolvimento de uma tecnologia “verdadeira”, voltada para ajudar as pessoas a resolver os problemas. Segundo o entrevistado (P4):

“Quando a gente fala de cidades inteligentes é para melhorar a qualidade de vida. Então na oficina a gente fala isso, para que a gente está botando um sensor de temperatura, para não fazer absolutamente nada? Para a gente saber que aquele bairro precisa melhorar? Mas como melhorar?”

Nota-se na fala do professor uma aproximação com o conceito de cidadania global quando busca do aluno uma resposta para o produto final desenvolvido na oficina de STEM, no caso um sensor de temperatura. Criar alguma coisa para que? O que isso poderá melhorar a vida das pessoas? Nessa perspectiva o aluno é desafiado a produzir objetos que possam melhorar o ambiente em que vivem. Descobrir locais onde o calor é mais intenso na escola possibilita criar meios para resolver esse problema. Mas importante do que criar alguma coisa é saber o que se pode fazer com ela.

As habilidades e competências desenvolvidas pelas oficinas são de certa forma, uma volta a elementos do passado. O modo de vida urbano na sociedade contemporânea afastou as pessoas da solução de problemas que antes resolviam com mais facilidade. Hoje já não se tem uma oficina onde se possam ter ferramentas, já não se tem um terraço onde são colocadas sucatas em que as pessoas tenham que fazer pequenas reformas, pequenos restauros. O Projeto Oficinas retoma aspectos perdidos pela sociedade e que ficaram afastados da escola. Hoje quando se compra um aparelho eletrônico já não é mais necessário ler

o manual de instruções ou saber como ele funciona, não se precisa consertá-lo porque, quando ele se quebrar, joga-se fora. Sobre essa questão o coordenador (C2) afirma:

“Já não se tem a paciência diante dos objetos, a paciência da observação da natureza [...], então o objetivo da oficina é recuperar isso, não existe nada de novo nisso, porque você só pode criar a partir do momento que você conhece algo, então você tem que conhecer os objetos, conhecer o seu entorno, saber como ele funciona, saber como ele foi montado, pra que você possa criar coisas novas, então essas oficinas se propõem a fazer uma volta às ferramentas, que não se pense que nós estamos a falar de uma de uma tecnologia avançada, às vezes para essas oficinas uma sala de sucata pode ser mais eficiente num processo de criação do que um computador.”

O trabalho em grupos também é destacado pelos professores das oficinas. A aquisição de habilidades na comunicação e no relacionamento interpessoal é competência que deve ser desenvolvida na escola. O entrevistado (P3), professor da oficina de STEM, afirma que:

“Eu tenho sempre trabalhado em grupos com eles, então faço uma divisão porque existe uma importância muito grande do trabalho em equipe. Esse trabalho em equipe surge pelo fato de que todos eles têm que colaborar de uma forma ou de outra com a função do que é o trabalho dentro de uma comunidade[...] a importância desse trabalho em grupo é fazer com que cada um descubra o seu saber e, mais importante, descubra o saber do outro.”

O PEC (2016) destaca que a sustentabilidade é também uma questão de articulação entre fé e justiça e de opção pelos pobres. O documento afirma que as camadas mais pobres da população são as que menos degradam o meio ambiente e, ao mesmo tempo, são as que mais sofrem os impactos negativos desse processo. Em seguida, afirma que “nossa finalidade considera mais as demandas pela sustentabilidade do planeta do que as metas de desenvolvimento econômico viciadas na exploração dos recursos naturais. (PEC, 2016 p.37). Dessa forma fica claro que a sustentabilidade está inserida na proposta pedagógica dos colégios jesuítas, valorizando a formação para a justiça social. Assim a opção de o Colégio

oferecer a oficina de sustentabilidade está fortemente de acordo com a proposta de formar cidadãos globais.

Condição básica para a aprendizagem global, a oralidade amplia as possibilidades de interpretar o mundo, de expor ideias e exercita o pensar. Para ser criativo e resolver problemas precisa-se verbalizar as questões, traduzindo em linguagem o pensamento para que ele possa se realizar.

Segundo o coordenador (C2):

“Todos nós um dia vamos ter que falar em um microfone, todos nós vamos ter que passar um dia por uma entrevista de emprego, nós não estamos aqui diante de cíceros, Tácitos, não, eles não vão subir em tribunas talvez nunca, mas eles vão ter que fazer as suas posições, eles podem exercer cargos de liderança, cada um de nós é líder em alguma coisa, então esse é o princípio.”

Relacionando a oficina de linguagem com o PEC, o professor (P9) afirma que a oficina está de acordo com o documento quando cita que a tolerância e o respeito ao outro são competências a serem desenvolvidas. O professor afirma que é justamente quando você vai para um debate de ideias, sabendo ouvir e respeitando as falas contraditórias, desenvolve sua capacidade de tolerância e escuta. Para a professora (P8), a oficina de linguagem está de acordo com o PEC, pois desenvolve a capacidade de o aluno analisar, refletir, sugerir e promover mudanças. Quando fala da aprendizagem integral, a mesma professora afirma que a escola sempre teve uma formação cidadã, afirma também que “não adianta uma instituição formar alunos com excelentes conteúdos, mas que vão guardar para si. O Colégio Santo Inácio promove essa reflexão e faz com que o aluno queira usar o seu conteúdo para realmente fazer diferença no mundo”.

Outra professora (P7) diz que a oficina de linguagem não atende completamente ao PEC por ser ainda um experimento, uma nova proposta de trabalho, segundo a professora “ela ainda não atende, ou seja, começa a atender, inclusive para nós professores é bom porque é um aprendizado, a gente pode criar mais, nós temos mais liberdade, então as respostas podem ser dadas mais diretamente”. Por fim, o coordenador (C2) relata que:

“Nós acreditamos que a força das palavras é que nos garante a possibilidade de uma boa governabilidade, de uma possibilidade de através do discurso conciliar uma série de problemas e superar as nossas dificuldades, então nós todos só somos capazes de apresentar as nossas ideias se soubermos levá-la a boca.”

Analisando-se a oficina de produção artística, observa-se que ela trabalha valores e competências essenciais para a aprendizagem integral, contribuindo para o desenvolvimento da comunicação e expressão por meio do diálogo e da interação coletiva.

No teatro, os alunos participam ativamente de todas as etapas desde a produção do cenário, do som e da iluminação. Segundo o professor (P5), quando se elabora um produto artístico, ele coaduna duas áreas de conhecimento, uma é de exatas, que é a linha em que está envolvida a construção do cenário, o som e a iluminação e outra é o lado artístico, o lado da criatividade. O professor (P6) explica que a ideia do protagonismo e da autonomia do aluno está muito ligado ao PEC. Segundo o professor, “o PEC não tirou isso do nada, isso está no ar, isso é muito mais importante do que parece, às vezes parecem só palavras, mas o mundo do trabalho mudou. O Colégio quer, de fato, que a gente tente coisas novas”.

De acordo com Carbonell (2001, p.9) “inovar, no tempo presente é uma autêntica aventura, uma viagem aliciante repleta de dificuldades, paradoxos e contradições, mas também de possibilidades e satisfações”.

Assim, após trilhar o caminho pelo Projeto Oficinas, desde sua criação até o momento dessa dissertação, percebe-se sua importância no sentido de modificar a cultura escolar num momento de profundas transformações. Sabe-se que é um passo ainda pequeno, mas, com certeza, de grande importância para no futuro transformar o Colégio Santo Inácio num verdadeiro centro de aprendizagem.

8.2 OS PROFESSORES DAS OFICINAS – SUA IMPORTÂNCIA E O CAMINHO PERCORRIDO.

Ser professor sempre foi e será um grande desafio, porém, ser professor no Brasil, nesse cenário de grandes transformações educacionais, sociais e políticas requer desse profissional aperfeiçoamento constante. Segundo Nóvoa (2009, p.5), neste início do século XXI,

os professores reaparecem como elementos insubstituíveis, pois, além de promoverem as aprendizagens, são desafiados a responder por uma diversidade enorme de situações de sala de aula, resultado de sociedade em ebulição e principalmente pelo desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias.

O próprio autor nos fala da importância de um processo de formação continuada como condição indispensável na implantação de um projeto inovador. Segundo Carbonell (2001), a formação continuada deve converter-se em principal foco de atenção como lugar onde se pode unir a teoria com a prática para provocar mudança. Dessa forma esse processo deverá ser compartilhado por todos os professores, refletindo coletivamente sobre o trabalho docente, mobilizando conhecimentos, vontades e competências.

É certo que o engajamento do professor no exercício da profissão é um fator decisivo de bons resultados na educação, esse comprometimento torna-se ainda maior quando da implementação de um projeto inovador, em que o professor deve ser entendido como o principal agente de consolidação de novas práticas.

No início, a escolha dos professores para trabalhar nas oficinas foi um desafio. No primeiro ano de implantação das oficinas, nenhum professor de fora do quadro da escola foi contratado. Entretanto, logo se percebeu que nas oficinas de sustentabilidade e STEM, em que a questão da inovação se fazia mais presente, era necessária a contratação de professores com capacidades para pôr em prática concepções e modelos inovadores. Acredita-se que, nas oficinas de linguagem e produção artística, por serem áreas já consagradas no currículo escolar, a adaptação de professores que já trabalhavam na escola se deu de forma mais tranquila. Além disso, acreditou-se que a formação continuada, que acontece todas as terças-feiras no Colégio, poderia ajudar no amadurecimento desses professores para a tarefa de trabalhar nas oficinas.

Dessa forma, foi realizada a contratação de três novos professores, dois para a oficina de STEM e um para a oficina de sustentabilidade. Por ser uma temática nova nas escolas, a sustentabilidade necessitava de um professor que certificasse a educação ambiental como parte do cotidiano escolar de forma integrada e interdisciplinar, procurando ampliar o entendimento dos alunos quanto às questões ambientais, criando um espaço de respeito e zelo com a natureza. Dessa forma, o Colégio contratou uma professora formada em engenharia ambiental ligada à

Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) formando assim uma parceria direta com a empresa.

Na oficina de STEM, dois novos professores foram contratados ambos com longos trabalhos na área de robótica e STEM.

Hoje o quadro de professores se estabilizou. Encontros mensais são realizados entre o grupo, possibilitando trocas de experiências, tendo sido criado o cargo de coordenador das oficinas hoje exercido pelo coordenador de segmento do 9º ano do ensino fundamental e ensino médio.

Foram entrevistados 11 educadores, sendo nove professores, um coordenador de segmento e um diretor. Os professores atuam no 9º ano do ensino fundamental e no ensino médio vindos de diversas áreas do conhecimento: filosofia, inglês, língua portuguesa, história, música, matemática, física e geografia. Abaixo segue o quadro destacando alguns aspectos desse grupo. A opção foi de não se identificar os entrevistados pelo nome, sendo assim usam-se as siglas D para Direção, C para Coordenação e P para professores.

Quadro 13 - Informações referentes ao grupo de professores entrevistados

Entrevistados	Gênero	Formação	Tempo de trabalho no Colégio.	Tempo de trabalho nas Oficinas
D1	Fem.	Língua Portuguesa Doutorado em Educação	19 anos	x
C2	Masc.	Mestre em História Doutorado em Filosofia.	18 anos	3 anos Coordenador das Oficinas
P1	Fem.	Engenharia Ambiental e Geografia	2 anos	2 anos Sustentabilidade
P2	Masc.	Geografia Especialização – Economia de Petróleo Especialização – Nutrição de Plantas e Manejo de Solos.	5 anos	3 anos Sustentabilidade
P3	Masc.	Engenharia Mecatrônica e Ciência da Computação	1 ano	1 ano STEM
P4	Masc.	Matemática Mestre em Tecnologia Educacional Doutorando em Ciências e Biotecnologia	1 ano	1 ano STEM
P5	Masc.	Música – Licenciatura em Educação Artística Mestre em Música e Aprendizagem	9 anos	3 anos Produção Artística
P6	Masc.	História Mestrado – História Social. Doutorado- Literatura Brasileira	8 anos	3 anos Produção Artística

P7	Fem.	Língua Portuguesa	20 anos	3 anos Linguagem
P8	Fem.	Língua Portuguesa – Inglês e respectivas literaturas Mestranda – Linguagem aplicada no ensino da língua inglesa. Pós-graduação em Educação Jesuíta.	3 anos	1ano Linguagem
P9	Masc.	Filosofia Mestrado – Ciência da Religião Mestrando – Educação	6 anos	3 anos Linguagem

Fonte: elaborado pelo autor.

Observando o quadro acima, uma das características mais marcantes que se apresenta é o pouco tempo de trabalho que os professores das oficinas têm no Colégio Santo Inácio, dos nove professores entrevistados, quatro estão no Colégio há menos de três anos, oito estão há menos de 10 anos e apenas um há mais de 10 anos. Na maioria são professores jovens e com uma forte formação acadêmica. Cabe aqui uma reflexão sobre a intenção do Colégio em escolher esses professores. Seriam a idade e o menor tempo na escola fatores primordiais para que esses profissionais pudessem se adaptar a um projeto inovador?

Sobre o tempo de trabalho nas oficinas, o quadro mostra que, dos nove professores entrevistados, cinco estão nas oficinas desde o início e dois, há apenas um ano.

8.3 OS ALUNOS E O PROJETO OFICINAS – OPINIÕES, DESEJOS E EXPECTATIVAS.

O processo educacional dos tempos atuais tem revelado um estreitamento da comunicação entre discentes e gestores. Escutar o aluno permite entender o que eles pensam sendo um instrumento importante para avaliar se está se propondo o que faz sentido para eles.

Neste subcapítulo, serão analisadas as respostas ao questionário aplicado pelo coordenador da 2ª série do ensino médio a 165 alunos, nos dias 4 e 6 de setembro de 2019. Este material foi disponibilizado pelo próprio coordenador, o qual concebeu tal instrumento como forma de escuta dos alunos e acompanhamento das oficinas. Apesar da riqueza revelada nos depoimentos dos alunos, esse material não é objeto de análise aprofundada desta pesquisa. Porém traz importantes sugestões

para a continuidade dos estudos em outros trabalhos. As perguntas são referentes às oficinas e busca conhecer a opinião dos alunos sobre o projeto.

Primeira pergunta:

Qual o seu entendimento sobre a proposta das Oficinas em nosso Colégio? Os alunos destacaram três principais percepções sobre a proposta das oficinas. Segundo os alunos, as oficinas são importantes e contribuem em relação à/ao:

- Quebra da rotina da sala de aula;
- Desenvolvimento de novas habilidades e competências;
- Ajuda da escolha profissional.

Seguem abaixo algumas respostas sobre essas questões.

Quadro 14 — Respostas dos alunos ao questionário aplicado.

Sair da rotina da sala de aula	<p>-A oficina para mim é algo para sair da rotina e adquirir conhecimento de uma forma mais tranquila.</p> <p>-Para mim, uma das principais propostas é quebrar a rotina de aula.</p> <p>-Creio que a proposta das oficinas seja para ter um ambiente mais dinâmico e descontraído.</p> <p>-Muito legal. Diversifica um pouco a rotina escolar e dá um mínimo de liberdade de escolha, algo que falta na escola.</p> <p>-A proposta das oficinas é nos tirar do padrão das salas de aula para pôr em prática atividades que acrescentarão em nossas vidas.</p>
No desenvolvimento de novas habilidades	<p>- É uma ótima proposta que visa trazer conhecimento e aprendizado extra e nos forma mais do que apenas academicamente e sim como pessoa e com desenvoltura.</p> <p>- Atividades complementares que visam contribuir para o entendimento amplo de outras áreas existentes que podem nos agregar valor para a vida e que desenvolvem independência.</p> <p>-Acredito que a proposta das oficinas é uma atividade que, se aproveitada, pode ser bastante útil, incentivando os alunos a estudarem de outra forma sem ser da forma tradicional e aproveitar essa oportunidade que poderá ter grande importância mais para frente.</p> <p>-A proposta das oficinas é nos mostrar resoluções para problemas, aprender a trabalhar em grupo e realizar um meio de aprender diferente.</p> <p>- Matérias eletivas que têm aulas mais dinâmicas para nos apresentar conhecimentos diferentes das matérias “convencionais”.</p> <p>-São aulas diferenciadas que nos fazem aprender e entender os outros assuntos sem ser das matérias principais.</p> <p>- As oficinas não são iguais às outras aulas como matemática, português etc.</p>

	<p>Elas não são aulas convencionais, mas acho importante termos essas aulas para aprendermos coisas diferentes e novas, uma outra visão das coisas do cotidiano, que nós não temos com as aulas normais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - As oficinas do nosso Colégio são uma forma de apurar nossas habilidades, através de aulas como debate, que desenvolve nossa argumentação, STEM, capacidade de raciocínio, produção artística, capacidade de redação e fala. - Outro método de aprendizagem para alcançar conhecimentos mais versáteis para o mundo atual. - É uma proposta diferente feita pelo colégio que proporciona ao trazer conhecimento sobre novas áreas.
<p>Na ajuda da escolha profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As oficinas são matérias eletivas que possibilitam ao aluno escolher as matérias que mais o interessam. - Esse processo educacional ajuda os estudantes a conhecer e a reconhecer qual seria sua melhor área de atuação, além de sair da rotina escolar entediante para a maioria dos alunos. - Oficina é um tempo um pouco mais descontraído para experimentar coisas práticas que podem nos ajudar a escolher nossas futuras profissões. - Adoro a ideia de poder ter um tempo com ensinamentos diferenciados, principalmente STEM, na qual foi o que me fez ter mais certeza do que quero fazer no futuro. - Meu entendimento é que essas oficinas auxiliam na nossa escolha para a faculdade e assim podermos trabalhar com uma coisa de que gostamos. - A proposta é nos colocar em contato com possíveis carreiras no nosso futuro, além de servir como atividades extras para aprofundar e ampliar nossa visão de áreas que não conhecemos regularmente. - Acho uma proposta muito interessante, porque são atividades que a gente provavelmente não teria fora das oficinas e essas atividades ajudam na escolha profissional. - O Colégio quis nos dar uma experiência de escolher uma matéria do nosso currículo trimestral. As oficinas são divididas em áreas diferentes para que quem esteja indeciso com a escolha profissional possa experimentar diferentes coisas que podem ou não a ver com sua futura carreira

Fonte: elaborado pelo autor.

Dos 165 alunos entrevistados, apenas 11 questionam a eficácia do Projeto, discordando nas seguintes questões: um aluno considera a proposta exaustiva, dois consideram mal executada, dois entendem o projeto, mas mudariam os temas e seis não entendem o objetivo.

Percebe-se que, na sua maioria, os alunos entenderam a proposta das oficinas e consideram uma novidade positiva, entretanto, será preciso buscar mais informações a respeito das observações críticas. Ou seja, será preciso investir de forma a melhor compreender o que os alunos desejam ao dizer que é exaustiva, mal implementada e que outros temas eles sugeririam. Várias respostas citam sobre a dinâmica das aulas e sua importância na construção de novas aprendizagens. A criatividade, a resolução de problemas e o trabalho em grupos também foram citados como pontos importantes do projeto. Consideram a proposta inovadora e percebem que o projeto está dividido em áreas de conhecimento, ajudando na escolha profissional.

Vale destacar a frase citada por um dos alunos quando afirma que as oficinas oferecem “um mínimo de liberdade de escolha, algo que falta na escola.” Nota-se que o simples fato de poder escolher a oficina que irá frequentar dá ao aluno a sensação de liberdade que ele não encontra nas aulas tradicionais que impõem os conteúdos a serem ensinados e, na maioria das vezes, não ajudam os alunos a propor soluções para problemas e questões atuais, trabalhar e cooperar uns com os outros.

Segunda pergunta:

As oficinas são um espaço de aprendizagem em que os estudantes têm a oportunidade de criar um produto com o intuito de solucionar problemas cotidianos. Desse modo, é necessário que o (a) aluno (a) entenda seu lugar neste processo. A respeito disso, como foi sua participação nas oficinas até aqui? Você acha que participou ativamente deste processo? Descreva sua participação. Seguem no quadro abaixo algumas respostas sobre essa questão:

Quadro 15 - – Respostas dos alunos ao questionário aplicado

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">- Acho que participei bem em ambas as oficinas, mas muito mais na de produção artística do que a de STEM.- Eu acho que tive uma participação ativa em todas as atividades. Tentei me empenhar ao máximo nas aulas, buscando o objetivo da atividade.-No 1º trimestre, a minha participação foi ativa e gostei muito do que aprendi e do meu resultado e trabalho final, através do vídeo que produzi. No 2º, confesso que poderia ter me esforçado mais para me concentrar e participar da oficina.- Participei bem até aqui, tanto no 1º trimestre como no 2º trimestre. Empenhei-me mais em debate do que em comunicação por questão de gosto pela atividade.-Sim, principalmente em produção artística eu me empenhei por ser uma área que eu gosto muito. |
|---|

- Participei muito, principalmente na oficina de debate, que mais me interessa.
- Acho que depende muito da oficina, se faço uma oficina de que gosto, procuro participar o máximo possível, por isso participei mais ativamente de umas oficinas do que em outras.

Fonte: elaborado pelo autor.

Dos 165 alunos entrevistados, 28 relatam que não participaram ativamente de todas as oficinas. Percebe-se que, na sua maioria, houve uma participação efetiva nas atividades propostas. Nas respostas, fica claro que o interesse na oficina determina uma maior ou menor atuação.

Terceira pergunta:

As oficinas possuem uma quantidade de estudantes em sala de aula e espaços físicos diferenciados. Descreva como essas características são benéficas para sua aprendizagem?

Dos 165 entrevistados, todos afirmam que o número reduzido de alunos em cada oficina apresenta grandes vantagens. Os alunos relatam que com um menor número de alunos o ambiente fica mais acolhedor e as interações acontecem de forma mais natural, facilitando o aprendizado. A presença do professor é valorizada pela forma que compartilha o conhecimento. O ambiente mais tranquilo possibilita uma maior concentração potencializando a aprendizagem. Desse modo, os alunos apontam que, nesse ambiente, o professor tem mais oportunidade de prestar atenção nos trabalhos feitos por cada um.

Não é novidade que salas com superlotação desmotivam tanto professores como alunos. Segundo o professor (P7) *“uma oficina com 10 alunos facilita muito o trabalho dando oportunidade de o aluno manter-se sempre trabalhando.”* De acordo com outro professor (P 6): *“Não existe uma aula em que o aluno vai ficar parado. Então eu sinto que os alunos são motivados por conta disso.”*

Seguem no quadro abaixo algumas respostas dos alunos sobre essa questão.

Quadro 16 — Respostas dos alunos ao questionário aplicado.

- Os espaços são muito bons, é uma chance que nem todos têm.
- Acaba sendo mais produtivo e até mesmo divertido quando há um número menor de pessoas em sala.
- Maior individualização do aprendizado, mais atenção voltada para os alunos.
- Uma sala com menos alunos pode ser melhor, pois o professor pode te ajudar mais.
- São benéficas para o meu aprendizado porque facilita a comunicação entre professor e aluno e também permite que eu conheça espaços nunca vistos.
- Com menos alunos, os professores ficam mais “livres” e o espaço diferenciado ajuda a ter uma aula

descontraída, que faz com que a gente aprenda sem perceber.

- Isso é bom, pois pode fazer com que o professor foque mais em um aluno, se a turma for menor e os espaços diferentes ajudam no desenvolvimento das atividades.

Fonte: elaborado pelo autor.

9 POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Com a apresentação desta pesquisa, pretende-se, como intervenção, sistematizar uma prática vigente dentro do Colégio Santo Inácio, com uma síntese dos possíveis elementos de inovação que constam no Projeto Oficinas. Analisou-se todo o caminho percorrido pelo Colégio, desde a implementação do Projeto Oficinas, mostrando sua relação com os documentos pedagógicos da Companhia de Jesus. Do mesmo modo, observou-se que o termo fidelidade criativa mostra-se como fonte inspiradora para a Companhia de Jesus quando busca nas suas origens e tradições os fundamentos para manter-se atual sem, com isso, afastar-se de seus princípios fundacionais.

Participar como coordenador de série dos primeiros ensaios dessa experiência despertou-nos o interesse em aprofundar e sistematizar o projeto, acreditando que ele poderá ser inspiração para outros projetos nesse momento tão especial por que passa a Rede Jesuíta de Educação.

Acredita-se que a própria produção dessa dissertação já se configura como uma intervenção, tendo em vista que pode auxiliar para que outras escolas da Rede Jesuíta conheçam as trilhas, atalhos, rumos e trajetos percorridos pelo Colégio Santo Inácio na implantação do projeto.

Da mesma forma, a sistematização do Projeto Oficinas contribuirá para que todo o corpo docente do Colégio Santo Inácio analise e se aproprie dos caminhos que o Colégio pretende percorrer, motivando-os a investir na busca de novas metodologias que contemplem as exigências de uma educação mais voltada para tornar o aluno protagonista da aprendizagem.

Hoje com a consolidação da Rede Jesuíta do Brasil, que reúne 17 colégios, e das várias redes que se formam pelos quatro cantos do mundo, há um chamamento para partilhar as experiências e estratégias de cada colégio no sentido de impulsionar as riquezas de cada unidade educativa criando uma cultura de inovação. Segundo Carbonell (2001) a inovação enriquece-se com o intercâmbio e a cooperação entre redes de escolas facilitando a troca de experiências e reflexões entre professores

Atualmente, o Colégio Santo Inácio passa por transformações no seu espaço físico no intuito de criar ambientes mais modernos e atraentes adaptados às novas

metodologias. O Projeto Oficinas foi o disparador desse processo de mudanças. O Colégio ainda tem uma longa caminhada a fim de se consolidar como um centro de aprendizagem integral em que o aluno seja verdadeiramente o protagonista da aprendizagem, mas os primeiros passos foram dados. Assim, durante o trabalho, ficou clara a importância de se inovar em bases sólidas. Inovar para a Companhia de Jesus não é uma moda que se deve seguir e sim uma proposta concreta de adaptação a novos tempos.

O Projeto Oficinas, na concepção de inovação metodológica, contribuiu para proporcionar uma educação que esteja em conformidade com o mundo do século XXI. O conceito de inovação educacional é muito mais do que oferecer novas tecnologias digitais, inclusive, num colégio que tem recursos, a questão tecnológica, que é meio, que é instrumento, pode ser facilmente resolvida.

Conclui-se também que, diferentemente da inovação disruptiva, o paradigma de inovação adotado com a implementação do Projeto Oficinas segue o modelo de inovação incremental consoante à conceituação de Tidd e Bessant (2015, p.22). Segundo os autores, a inovação incremental tende a se desenvolver em longo prazo. A vantagem desse modelo é a possibilidade de ser analisado e melhorado durante o tempo, porém como não transforma todo o sistema de imediato, corre o risco de se enfraquecer durante o percurso. Carbonell (2001, p.23) aponta sobre os caminhos de um processo inovador quando fala que “as inovações centram-se mais no processo do que no produto; mais no caminho do que no ponto de chegada”. O autor nos fala também que as inovações não devem se preocupar com o resultado final e sim com todo o processo, de pequenos resultados que vão se sucedendo.

O Projeto Oficinas lança as bases para a inovação metodológica no Colégio Santo Inácio. Hoje, ainda convive-se com a contradição de um duplo currículo, um inovador que prioriza o protagonismo do aluno, o desenvolvimento da criatividade e da resolução de problemas, e outro que privilegia a divisão do conhecimento em disciplinas, em partes e compartimentos isolados. Segundo Carbonell (2001, p.57), “trata-se de um conhecimento fragmentado, excessivo e irrelevante”. Ainda segundo o autor:

As disciplinas converteram-se em coutos do professorado especialista que cada vez mais põe obstáculos às barreiras já estabelecidas e preocupa-se mais em reivindicar a singularidade da sua matéria do que encontrar

elementos comuns que permitam estabelecer algum tipo de conexão interdisciplinar (CARBONELL, 2011, p.38).

Desse modo, acredita-se que o Projeto Oficinas é um processo de inovação que pode corroer aos poucos as velhas formas de ensinar e aprender na escola. Segundo Carbonell (2011, p.23):

As inovações pedagógicas são como latidos vitais que vão renovando o ar no seu caminho ininterrupto, observando atentamente e descobrindo novas rotas. Trilhar esse caminho requer perseverança e dedicação de todos. Para inovar é necessário mudar os paradigmas culturais da escola que vão se formando ao longo do tempo, fruto de muita reflexão de todo o corpo educativo.

Como sugestão, é primordial que o espaço de formação permanente, que já acontece semanalmente no Colégio desde 1996, seja ampliado proporcionando encontros entre os professores das oficinas com os das disciplinas tradicionais. Segundo Carbonell (2001), para que as práticas inovadoras se fortaleçam é necessário que a escola abra espaços para a troca entre os professores, desenvolvendo assim uma cultura colaborativa, fortalecendo o projeto educativo e as inovações. Ainda segundo o autor:

A formação contínua realiza-se em dois planos complementares: o individual, com a aquisição contínua de um saber sólido e atualizado nas distintas áreas do conhecimento; e no coletivo, com o intercâmbio de ideias e experiências e o trabalho cooperativo que promove uma cultura inovadora nas escolas e uma futura cidadania mais culta, crítica e solidária. Em ambos os casos, a chave está na intensidade da reflexão sobre a teoria e a prática. (CARBONELL, 2001, p. 130).

Acredita-se que o Projeto Oficinas contribui para a formação integral de nossos alunos proposta pela educação jesuíta, estando em conformidade com a formação para a cidadania global, no desejo de formar lideranças engajadas na possibilidade de se viver num mundo mais justo e solidário.

Porém é necessário que o Colégio elabore um projeto maior de inovação, com metas a serem atingidas, envolvendo todas as disciplinas. Não se pode continuar sendo uma escola de dois currículos, um inovador e outro tradicional. É fundamental também que a RJE ajude as escolas no sentido oportunizar a troca de experiências, tecendo projetos macros e sistêmicos, envolvendo todas as escolas. Sem isso, corre-se o risco de ver boas propostas inovadoras serem aos poucos esgotadas.

A base da mudança de paradigma está lançada: não deixar morrer a chama da inovação, motivando toda a comunidade educativa através de uma formação continuada que anime todo o corpo docente a buscar novas formas de aprendizagem.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar os caminhos que levaram o Colégio Santo Inácio a ofertar o Projeto Oficinas e sua importância como inovação curricular, baseado nos pressupostos apresentados pelo PEC e as novas metodologias que se afiguram como parâmetros educacionais do século XXI. Também a compreensão do contexto atual da educação no Brasil, ante as rápidas mudanças por que passa a sociedade, relaciona o PEC e os princípios da educação jesuíta à proposta de inovação pretendida pelo projeto.

Reverendo os dados da pesquisa, é possível perceber que há, por parte dos gestores, um grande esforço no intuito de implantar um espírito inovador na escola. A verticalização do Projeto Oficinas, desde os anos iniciais do ensino fundamental ao ensino médio, indica a intenção do Colégio de caminhar nessa direção. Sendo assim, o Projeto Oficina apresenta-se como a válvula propulsora de toda mudança.

Analisando os pronunciamentos dos professores foi possível constatar o quanto estão envolvidos com o projeto. Foi possível observar através das entrevistas que os mesmos identificam em suas oficinas as habilidades e competências fundamentais para se estar no século XXI.

Outra questão importante observada é que qualquer projeto de inovação encontra, na escolha dos professores, um desafio. A capacitação profissional é fundamental para aprimorar competências e habilidades exigidas a fim de pôr em prática concepções e modelos inovadores. Depois de um início com várias mudanças na equipe de professores, conseguiu-se constituir um grupo movido pelo intenso desejo da inovação.

Além disso, constatou-se a importância da criação do cargo de coordenador das oficinas. Evidencia-se que é necessário alguém que acompanhe o processo com entusiasmo e determinação, provocando os professores com reflexões e acreditando que todos são responsáveis pelas mudanças.

Ao longo do trabalho, foi possível rever os documentos da Companhia de Jesus e, de novo, perceber os quão ricos e atuais ainda são. Desde a *Ratio Studiorum*, lançada em 1599, passando pelas Características da Educação da Companhia de Jesus de 1987, Pedagogia Inaciana de 1993 até o PEC de 2016, os

documentos não se afastam do que é fundamental para a Companhia, formar homens e mulheres para os demais, fundados na justiça e na fé.

O PEC, cuja vigência vence no ano de 2020, já foi atualizado e um novo documento foi lançado. Denominado "Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI", esse documento, como os demais, avança nas disposições como um exercício contínuo de discernimento. Para a Companhia de Jesus, os novos documentos nunca substituem o anterior e sim os atualizam e os complementam. Mesmo não sendo analisado nesta pesquisa, seguem os dez identificadores globais apresentados no novo documento da rede jesuíta de educação.

- 1) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em ser católicos e em oferecer uma profunda formação na fé em diálogo com outras religiões e visões de mundo;
- 2) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em criar um ambiente seguro e sadio para todos;
- 3) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Cidadania Global;
- 4) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com o cuidado de toda a Criação;
- 5) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Justiça;
- 6) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em ser acessíveis a todos;
- 7) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Interculturalidade;
- 8) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em ser uma Rede Global a serviço da Missão;
- 9) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Excelência Humana;
- 10) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a aprendizagem para toda a vida.

Percebe-se, nos indicadores apresentados pelo novo documento, a confirmação de toda a herança inaciana que é continuar oferecendo uma educação de qualidade, baseada na tradição humanista, formando jovens que se tornarão agentes de mudança na sociedade. O documento reafirma o compromisso com a justiça, com a interculturalidade e com a excelência humana. Afirma ainda que, "os colégios jesuítas devem ser mais do que os melhores do passado, como alguns argumentam; não são museus nos quais um carisma vivo ficou congelado". (COMISIÓN INTERNACIONAL DEL APOTOLADO DE LA EDUCACIÓN DE LA COMPAÑIA DE JESUS, 2019 p. 59)

Indo além, o documento deixa clara a proposta de formar cidadãos globais propondo que a educação para a cidadania global não deve ser apenas um complemento, mas integrada ao currículo central. Nesse aspecto, o Colégio Santo Inácio, quando insere o Projeto Oficinas no currículo, corrobora com as diretrizes do novo documento.

O compromisso de cuidar de toda a criação, a que se refere o indicador 4, aborda o compromisso que se deve ter com o planeta, formando nossos alunos para que adquiram uma ética ecológica. O trabalho desenvolvido na oficina de sustentabilidade vai ao encontro do que propõe o novo documento.

Pela análise feita neste trabalho, conclui-se que o Projeto Oficinas apresenta-se como uma proposta inovadora capaz de impregnar a escola com novas metodologias de ensino. Ao mesmo tempo, a expressão fidelidade criativa fortalece a identidade inaciana quando aponta o desafio de inovar mantendo-se aos princípios institucionais da Companhia de Jesus voltados para uma educação humanista e integral.

Ao analisar o documento Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI, constata-se que o Projeto Oficinas revela aspectos importantes da educação jesuíta, mostrando o quanto ele pode ajudar na formação do cidadão global.

Para atingir os objetivos deste trabalho o tema da inovação foi aprofundado através de bibliografia que fundamenta essa questão e, ao mesmo tempo, com entrevistas aos gestores e professores atuantes nas oficinas.

Conclui-se na esperança que o Projeto Oficinas passe a fazer parte da vida da escola deixando de ser apenas uma atividade isolada. Segundo Carbonell (2001, p.32) espera-se que, “as inovações não se limitem a algumas atividades isoladas e esporádicas, mas que passem a fazer parte da vida da aula e da dinâmica e funcionamento da escola.”

Da mesma forma, finaliza-se esta pesquisa com o desejo que ela não se encerre aqui. Durante os próximos anos, novos projetos terão surgido e novos caminhos serão traçados, acrescentando e questionando o que aqui foi tratado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKKARI, Abdeljalil. **Internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARANTES, Jorge. **Programa especial de educação: um projeto político**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

ARRUPE, Pe. Pedro. **Nossos colégios: hoje e amanhã**. Coleção Ignaciana. v.16. São Paulo: Loyola, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 04 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 25 mar. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e Base da Educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 25 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Integral: texto referência para o debate nacional**. Brasília: MEC, SECAD, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC, SEF, 1998.

BROWN, Tim. **Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro; Elsevier, 2010.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CARDOSO, Ana Paula P. Educação e inovação. **Millenium on-line**, Viseu, n. 6, mar. 1997. Disponível em: http://www.ipv.pt/millenium/pce6_apc.htm. Acesso em: 04 fev. 2019.

CAVALCANTI, Carolina Costa. Design thinking como metodologia de pesquisa para concepção de um ambiente virtual de aprendizagem centrado no usuário. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA e ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2., 2014, São Carlos. **Anais...** São Carlos. 2014. p.1-11. Disponível em: <<http://www.siedenped2014.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2014/issue/view/3>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. Educação integral e integralismo, anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba 2004. p. 1-17.

COELHO, Márcia Azevedo. As inteligências múltiplas e o teatro-educação. **Revista Gêneseis**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, jul/dez. 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8513>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

COMISIÓN INTERNACIONAL DEL APOTOLADO DE LA EDUCACIÓN DE LA COMPAÑIA DE JESUS (ICAJE). **Colégios Jesuitas: una tradición viva en el siglo 21 - Un ejercicio continuo de discernimiento**. Roma: SJ Educatio, 2019.

CONTER, Clarice da Silva. **A prática das assembleias de classe em uma escola da rede marista e sua relevância na concepção da educação integral**. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7281/Clarice%20da%20Silva%20Conter_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2018.

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan/dez. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551997000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2018.

DELORS, Jacques. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1996. Brasília: UNESCO, 1996. Disponível em: <http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FINO, Carlos Nogueira. Demolir os muros da fábrica de ensinar. **Humanae**, Recife v.1, n.4, p. 45-54 ago. 2011. Disponível em <<http://www.esuda.com.br/revista/revista.html>>. Acesso em 5 nov. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre; Artmed, 2009.

FLORES, Maria Assunção; FLORES, Manuel. O professor: agente de inovação curricular. In: PACHECO, José Augusto; PARASKEVA, João Menelau; SILVA, Ana Maria, (Org). – Reflexão e inovação curricular: actas do Colóquio sobre Questões Curriculares, 3, Braga, 1998. **Anais...** Braga, Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 1998. p. 79-100. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/657>> Acesso em 04 jun. 2019.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 118, p. 189-206, mar. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742003000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2018.

JESEDU. Companhia de Jesus. Discurso do Padre Geral Arturo Sosa, SJ, Rio de Janeiro, 2017.

KLEIN, Luiz Fernando. A educação integral segundo a pedagogia inaciana. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DIRETORES ACADÊMICOS DA FLACSI, 1, 2017, [S.l.: sn.]. 2017. p.1-18 **Anais...** Disponível em: <<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3839>>. Acesso em: 19 set. 2018.

_____. Restauração: da Companhia de Jesus e da pedagogia jesuíta. In: GALDEANO, Carla; ARTONI, Larissa Maia; AZEVEDO, Silvia Maria (Org.). **Bicentenário da restauração da Companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2014.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, José Carlos e SANTOS, Akiko (Org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

_____. Internacionalização das políticas educacionais: elementos para uma análise pedagógica de orientações curriculares para o ensino fundamental e de propostas para a escola pública. In: SILVA, Maria. Abadia; CUNHA, Célio da (Org) **Educação básica**: políticas, avanços e pendências. Campinas: Autores Associados, 2014.

LORENZIN, Mariana; ASSUMPÇÃO, Cristiana Mattos; BIZERRA, Alessandra. Desenvolvimento do currículo STEAM no ensino médio: a formação de professores em movimento. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manoel (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

_____. **Gestão da Cultura e do Clima Organizacional da Escola**: uma questão paradigmática. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 20, p. 33-36, 1984.

MIGNOT, Ana Christina. Escolas na Vitrine: Centros Integrados de Educação Pública (1983-1987). **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n.42, p. 153-168, mai./ago. 2001. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200005>>. Acesso em 20 jun. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, Margarida. Quando os Jesuítas eram mestres da palavra: a retórica segundo a ratio studiorum. **Humanitas**. Coimbra, v. 65, p. 187-203, 2013.

MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. 21.ed. Campinas SP. Papyrus, 2012.

MORAN, José Manuel. **Como transformar nossas escolas**. Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. In: CARVALHO, Mônica (Org.). **Educação 3.0: novas perspectivas para o ensino**. Porto Alegre: UNISINOS Sinepe, 2017.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 25, n.1, p.11-20, jan. 1999. Disponível em: <<http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. **Para uma análise das instituições escolares**. Lisboa: Educa, 2009. Disponível em <http://www.etepb.com.br/arq_news/2012texto_professores_imagens_do_futuro_presente.pdf>. Acesso em 01 out. 2019.

_____. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 1999. Disponível em: <<https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2017/04/antc3b3nio-nc3b3voa-professores-imagens-do-futuro-presente.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Escritório Nacional no Brasil. **Educação para a cidadania global: preparando os alunos para os desafios do século XXI**. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>>. Acesso em: 21 out. 2018.

PAPERT, Seymour **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgard Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PORVIR. **Nossa escola em (re)construção: relatório de resultados**. São Paulo: Instituto Inspirare, 2016. 73 p. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/porvir/wp-content/uploads/2016/10/06150937/RelatorioCompleto_NossaEscolaEmReConstrucao_Final.pdf> Acesso em 25 jun. 2018.

PUGLIESE, Gustavo Oliveira. **Os modelos pedagógicos de ensino de ciências em dois programas educacionais baseados em STEM (Science, Technology, Engineering and Mathematics)**. 2017. 135f. Dissertação (Mestrado em Genética e Biologia Molecular) — Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PULIEZI, Sandra; MALUF, Maria Regina. A fluência e sua importância para a compreensão da leitura. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 3, p. 467-475, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em; 25 set. 2018.

RACHID, Laura. Conheça a rede da Unesco que constrói uma ponte entre escolas. **Educação**, São Paulo, v. 263, abr. 2020. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2020/01/10/unesco-escolas-pea/>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

RAMAL, Andrea Cecília. A LBD e o processo de renovação da pedagogia jesuítica. **Revista de Educação CEAP**. Salvador, Ano 5, n.17, p. 05-23, jun. 1997. Disponível em: <educnacionaria.tripod.com/docum/ldb-ppi>. Acesso em: 27 ago. 2019.

REDE JESUITA DE EDUCAÇÃO. **PEC - Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

REIMERS, Fernando M et. al. **Empoderar crianças e jovens para a cidadania global**: fundamentos e programa com atividades e referências da educação infantil ao ensino médio. São Paulo; Moderna, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Rio de Janeiro; Atlas, 1999.

SAVIANI, Demerval. A filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In; GARCIA, Walter E.; BARROSO, Carmen (Coord.). **Inovação educacional no Brasil**: problemas e perspectivas. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1995

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 48, p. 5-16, jan./mar. 2017. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25231/19932>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

SHULTZ, Lynette; GUIMARÃES-IOSIF, Ranilce. **O impacto de se tornar uma escola associada da UNESCO (PEA) no Brasil**. University of Alberta, Edmonton, Canada. p.1-35 nov, 2009. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nimAbWnD__QJ:https://www.peaunesco.com.br/PEA-UNESCO_Brasil.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 25 set. 2018.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOSA, Arturo. Visita do Pe. Arturo Sosa ao Brasil, discursos, homilias, conferências, entrevistas e testemunhos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DELEGADOS DE EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS JESEDU – 2017, 1., 2018, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: Loyola, 2018, p.7-143.

SPINK, Peter K. Continuidade e descontinuidade em organizações públicas: um paradoxo democrático. **Cadernos Fundap**, São Paulo, Ano 7, n. 13, p. 57-65, abr. 1987.

STORK, João Batista. **As humanidades em tempos de neoliberalismo em duas universidades latino-americanas**. 2016. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5825?locale-attribute=es>> Acesso em: 16 out. 2018.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: como jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TEIXEIRA, Anísio. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, p. 78-84, jan./mar. 1959. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/dediscurso.htm>>. Acesso em: 27 out. 2018.

_____. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressista ou a transformação da escola. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TRADIÇÃO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009. p. 541.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE 1 - CARTA DE ANUÊNCIA**APÊNDICE 1 CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu, Pe. PONCIANO PETRI, SJ, Reitor do Colégio Santo Inácio, pelo presente manifesto minha anuência quanto à realização da pesquisa a ser executada sob a responsabilidade de Claudio Potyguara Alves, aluno do Programa de Pós-Graduação em Gestão Escolar, com orientação da Profa. Dra. Flávia Obino Werle.

O objetivo principal do estudo é analisar os caminhos que levaram o Colégio Santo Inácio a ofertar as OFICINAS, identificando os parâmetros de competência a serem oferecidos. Além disso, será importante analisar a percepção e a apreciação dos professores ministrantes quanto ao papel das OFICINAS frente ao desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da capacidade de trabalho em equipe, do desenvolvimento da reflexão, da argumentação e da formação integral.

A metodologia prevista consiste na aplicação de uma entrevista semiestruturada com a Diretora Acadêmico-Pedagógica, com Coordenador de Segmento do 9º ano a 3ª série do Ensino Médio e com os professores ministrantes das oficinas.

A pesquisa deverá tomar os cuidados éticos para a preservação da identidade dos entrevistados garantindo que nenhum procedimento realizado oferece risco à dignidade dos participantes ou à Instituição de Ensino.

Rio de Janeiro, 6 de junho de 2019.



Pe. Ponciano Petri, SJ

Reitor do Colégio Santo Inácio - RJ

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa “OS CAMINHOS DA INOVAÇÃO NO ENSINO MÉDIO: ”, sob a responsabilidade do pesquisador Claudio Potyguara Alves, coordenador da 3ª série/EM do Colégio Santo Inácio e mestrando do programa de PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL, DA UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS, orientado pela Professora Dra. Flávia Obino Werle.

Com o pesquisador você poderá manter contato pelo telefone (21)98137-3498 ou pelo endereço eletrônico claudio.potyguara@santoinacio-rio.com.br. A ele compete exclusivamente todo e qualquer esclarecimento a respeito.

Esta pesquisa pretende analisar os caminhos que levaram o Colégio Santo Inácio a ofertar as oficinas identificando os parâmetros de competência a serem oferecidos. Além disso, será importante analisar a percepção e apreciação dos professores ministrantes quanto ao papel das oficinas frente ao desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da capacidade de trabalho em equipe, do desenvolvimento da reflexão, da argumentação e da formação integral.

A metodologia adotada para este estudo será a qualitativa realizada através de entrevistas semiestruturadas com a Direção da escola, o coordenador do segmento 9º ano/EF e EM. e os professores ministrantes das oficinas.

SIGILO e PRIVACIDADE:

O pesquisador garante a você que as suas privacidades serão respeitadas, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, os identificar será mantido em sigilo. O pesquisador se responsabiliza pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados individualizados de pesquisa.

RISCO:

A presente pesquisa enquadra-se no risco de vulnerabilidade própria das pesquisas qualitativas.

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido composto em duas páginas, frente e verso, além do que estou ciente da disponibilidade do pesquisador em atender às dúvidas que

porventura tiver. Entendo que poderei reter uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pelo pesquisador responsável do estudo.

TERMO DE ASSENTIMENTO:

Enfim, estando orientado e esclarecido quanto ao teor do todo aqui mencionado e compreendidos a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento na participação estando plenamente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por sua participação.

Nome:

Telefone:

E-mail:

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador